



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL –
PROFSOCIO

ANTONIO EDVAN FERREIRA

**A LITERATURA MARCA O GÊNERO: UMA INTERDISCURSIVIDADE
SOCIOLOGICO-LITERÁRIA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NAS OBRAS *BOM
CRIOULO E O CORTIÇO***

SOBRAL – CE

2022

ANTONIO EDVAN FERREIRA

**A LITERATURA MARCA O GÊNERO: UMA INTERDISCURSIVIDADE
SOCIOLOGICO-LITERÁRIA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NAS OBRAS *BOM
CRIOULO E O CORTIÇO***

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia, pelo Programa de Mestrado de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO, coordenado nacionalmente pela Universidade Federal do Ceará – UFC, na Associada Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Área de concentração: Ensino de Sociologia.

Orientadora: Prof^ª Dr.^ª Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes.

SOBRAL – CE

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Sistema de Bibliotecas

Ferreira, Antonio Edvan

A Literatura marca o gênero: uma interdiscursividade sociológica-literária sobre a homossexualidade nas obras Bom Crioulo e O Cortiço [recurso eletrônico] / Antonio Edvan Ferreira. -- Sobral, 2022.

1 CD-ROM: 4 ³/₄ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato pdf do trabalho acadêmico com 100 folhas.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes.

Dissertação (Sociologia) - Universidade Estadual Vale do Acaraú / Centro de Ciências Humanas

1. Literatura. 2. Estudo de Gênero. 3. Homossexualidade. 4. Aula de Sociologia. 5. Movimento LGBTQIA+. I. Título.

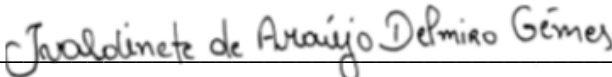
ANTONIO EDVAN FERREIRA

**A LITERATURA MARCA O GÊNERO: UMA INTERDISCURSIVIDADE
SOCIOLOGICA-LITERÁRIA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE NAS OBRAS *BOM
CRIOULO E O CORTIÇO***

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Sociologia, pelo Programa de Mestrado de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO, coordenado nacionalmente pela Universidade Federal do Ceará – UFC, na Associada Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Área de concentração: Ensino de Sociologia.

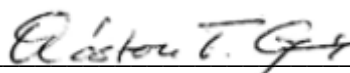
Aprovado em: 23/03/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes (Orientadora)

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA



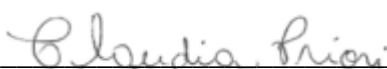
Prof. Dr. Márton Tamas Gémes (Coorientador)

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA



Prof.^a. Dr.^a. Marina Leitão Mesquita (Examinadora Interna)

Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA



Prof.^a. Dr.^a. Claudia Priori (Examinadora Externa)

Universidade Estadual do Paraná – Unespar

*Dedico esta escrita as (aos) que desafiam as
normas regulatórias de sexo e gênero e
ousam viver e resistir.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha conversão ao ateísmo ético, que me permitiu não crer em algo concreto, para, só assim, poder acreditar em uma energia vital, força da natureza ou ciência, que não precisa ser definida dentro de um padrão masculino e de superioridade que serve unicamente para legitimar dominação. Sou grato a essa espiritualidade ateia, a qual permite saber que, se essa energia, força ou ciência tiver alguma necessidade de definição, possa ser aquela que contém todas as existências possíveis. Que possa ir do binário ao não binário, que seja um não Ser, o qual permite a liberdade.

Agradeço à Universidade Estadual Vale do Acaraú, que possa ser a cada dia mais democrática e acessível.

Agradeço à minha querida orientadora, Prof.^a Dra. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes, pessoa na qual pude encontrar auxílio no mundo do conhecimento científico e dos afetos. Sua calma, saber e afetuosidade mudaram minha percepção sobre o mundo e sobre os afetos.

Agradeço ao meu querido coorientador, Prof.^o Dr. Márton Tamas Gémes, pelas suas preciosas contribuições tão necessárias para esta escrita.

Agradeço à minha mãe (*in memoriam*), mulher negra e nordestina, que tão pouco tempo passou ao meu lado, mas me deu o dom da vida, e com ele toda uma ancestralidade de lutas.

Agradeço à minha avó, que na sua simplicidade de mulher negra, analfabeta e nordestina, me ensinou a ler o mundo e a ser forte. Nela, encontrei a orientação e os afetos que tanto precisei e preciso.

Agradeço à Prof.^a Ma. Vanderlene Farias pelo auxílio inicial que deu a este projeto. Sem suas orientações, teria sido muito mais difícil.

Agradeço a(aos) amiga/amigos, colegas e companheira/companheiros de luta Joelma Passos, Jairo Furtado e Marcos Furtado, esse último, companheiro das viagens rumo ao mestrado. Saibam que muitos dos conhecimentos e inspirações para este trabalho tiveram origem nas nossas conversas e divagações.

Por último, agradeço aos(a) colegas de mestrado, em especial, ao Heldo, Ana Régia e Wesley, pessoas necessárias nesta etapa da minha vida.

RESUMO

O presente trabalho faz parte da minha experiência discente/docente no processo singular e desafiador de construir uma escola democrática, que consiga desenvolver práticas pedagógicas que permitam desconstruir um ensino de viés heteronormativo, que exclui, do campo da ação pedagógica, pessoas que rompem as normas regulatórias do gênero e do sexo. Desse modo, a presente pesquisa também constitui uma produção Dissertativa-Interventiva apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Rede (PROFSOCIO-UEVA), na qual buscamos realizar uma interdiscursividade sobre a homossexualidade a partir de obras literárias aplicadas ao ensino de Sociologia. Esta pesquisa tem um caráter descritivo-analítico e foi conduzida por um enfoque qualitativo no quesito coleta de dados. Além disso, objetivou, por meio de uma intervenção pedagógica numa turma de 2º ano do ensino médio, pertencente a uma escola da Rede Estadual do Ceará, realizar um debate sobre gênero e sexualidade durante as aulas de Sociologia no conteúdo programático, Movimentos Sociais relacionados aos estudos do movimento LGBTQIA+. A pesquisa também se centrou em compreender como as obras *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, lançada em 1895, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, publicada em 1890, construíram, no século XIX, o perfil-tipo do homossexual e, no caso do *Bom Crioulo*, as narrativas homoeróticas. Dessa forma, a pesquisa-intervenção buscou, por meio da leitura e da escolha dos fragmentos textuais pelas/os próprias/os estudantes, compreender como essa Literatura construiu personagens homossexuais levando em consideração marcadores sociais de gênero.

Palavras-chave: Literatura. Estudo de Gênero. Homossexualidade. Aula de Sociologia. Movimento LGBTQIA+.

ABSTRACT

The present work is part of my student/teacher experience in the unique and challenging process of building a democratic school, which is able to develop pedagogical practices that allow deconstructing a teaching with a heteronormative bias, which excludes from the field of pedagogical action people who break the regulatory norms of the gender and sex. In this way, the present research also constitutes a Dissertation-Interventive production presented to the Professional Master's Program in Network (PROFSOCIO-UEVA), in which we sought to carry out an interdiscursivity on homosexuality from literary works applied to the Teaching of Sociology. This Research has a descriptive-analytical character and was conducted with a qualitative approach to data collection. In addition, it aimed, through a pedagogical intervention in a 2nd year high school class, belonging to a State School of Ceará, to hold a debate on gender and sexuality during Sociology classes in the programmatic content, Social Movements related to the studies of LGBTQIA+ movement. The research also focused on understanding how the works *Bom Crioulo* by Adolfo Caminha released in 1895 and *O Cortiço* by Aluísio Azevedo published in 1890 built in the 19th century the type profile of the homosexual and in the case of *Bom Crioulo* the homoerotic narratives. Thus, the intervention research sought, through the reading and choice of textual fragments by the students themselves, to understand how this literature homosexual characters taking into account social gender markers.

Keywords: Literature. Gender Study. Homosexuality. Sociology Class. LGBTQIA+ Movement.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ES	Ensino de Sociologia
PPP	Projeto Político Pedagógico
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PEC	Plano de Execução Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PNE	Plano Nacional de Educação
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e Mais.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	UMA ANÁLISE SOCIOLOGICA DA LITERATURA COMO ESTUDO DE GÊNERO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS.....	18
2.1	Algumas contribuições sobre o estudo de Gênero.....	21
2.2	O estudo de Gênero na escola.....	26
2.3	Os laços e enlaces entre a Literatura, a Sociologia e o Gênero.....	34
2.4	O Naturalismo: uma Literatura aberta e pioneira sobre a homossexualidade nos tempos modernos.....	39
3	<i>BOM CRIOULO E O CORTIÇO: DOIS EXEMPLOS DE ESTÉTICA NATURALISTA E DE NARRATIVAS HOMOERÓTICAS</i>	43
3.1	Conhecendo o autor de <i>Bom Crioulo</i>	43
3.1.1	<i>Bom Crioulo: uma narrativa homoerótica na ficção brasileira</i>	43
3.1.2	<i>Bom Crioulo: “mãos à obra...”</i>	46
3.2	<i>O Cortiço: um retrato da vida contemporânea e a construção do “perfil-tipo do homossexual”</i>	49
3.2.1	<i>O autor de O Cortiço</i>	49
3.2.2	<i>O Naturalismo de Aluísio Azevedo</i>	50
3.2.3	<i>O Cortiço: “mãos à obra...”</i>	51
4	O PROFESSOR-PESQUISADOR E O SEU FAZER INTERVENTIVO....	55
4.1	O estudo qualitativo.....	56
4.2	O lugar: a Escola Estadual de Educação Profissional Francisca Castro de Mesquita.....	60
4.3	A turma.....	62
4.4	Tecendo experiências e vivências.....	64
4.4.1	<i>Primeira parte: o passo a passo da intervenção nos seus inícios</i>	68
4.4.2	<i>Segunda parte: o passo a passo da intervenção nos seus enlaces sociológico-literários</i>	72
4.4.3	<i>Terceira parte: o passo a passo da intervenção entre o entrevistador e as /os entrevistadas /os</i>	80
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
	REFERÊNCIAS.....	93

ANEXO A – PEC DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	99
ANEXO B – PEC DE SOCIOLOGIA.....	100

1 INTRODUÇÃO

Esta escrita faz parte de minha¹ experiência singular no processo desafiante da vida e das possibilidades permeadas pelos desafios em torno das escolhas, da temática e dos desejos diversos que acessam aberturas de janelas e cenários os quais modificam os saberes e fazeres na ciência, na arte e no mundo da vida. Nela, objetivamos realizar uma prática interventiva no Ensino de Sociologia (ES) a partir de uma interdiscursividade sociológica-literária por meio de obras naturalistas com foco numa análise dos marcadores sociais de gênero, já que foi justamente nessas obras, influenciadas pelo cientificismo e pelo determinismo da época – as quais abordam a sociedade urbana e as problemáticas do século XIX – que temáticas como homossexualidade ganharam destaque. Ademais, a partir disso, buscamos a percepção de como esses marcadores sociais de gênero foram importantes para o entendimento do modo como a sociedade brasileira do século XIX, por meio da Literatura da época, percebia a homossexualidade a partir da criação de um perfil-tipo do personagem homossexual. Além de ter um caráter descritivo-analítico e de um enfoque qualitativo, a pesquisa foi realizada a partir de um estudo de caso em uma Escola da Rede Pública do Ceará, na qual se desdobrou a intervenção.

No decorrer do texto, utilizo, em alguns momentos, os termos homossexualidade e homoafetividade. O uso dessas terminologias tem finalidade didática, além de contemplar a evolução histórica da produção dessas palavras. Para melhor entender o que proponho, priorizo, inicialmente, definir o motivo do uso do termo homossexualidade, pois creio ser mais útil como recorte temporal da pesquisa, para a análise de obras literárias do século XIX. Assim, o uso dessa terminologia parece mais cabível, devido à proximidade histórica do termo, já que não usei a denominação homossexualismo devido aos sentidos patológicos e preconceituosos que a terminologia carrega.

No entanto, no decorrer da escrita, também usei o termo homoafetividade, pois o considero mais útil, no sentido de desconstruir estereótipos em relação a como se inscreve e descreve os sujeitos homoafetivos. Para isso, é necessário estabelecer uma diferenciação entre as terminologias homossexualidade e homoafetividade, para se iniciar um debate proveitoso e aprofundado em questões de extrema importância para o que buscamos discutir.

Segundo Weeks (2019), a denominação homossexualidade, além de ter uma

¹ Ao longo desta dissertação, mesclarei o uso da primeira pessoa do singular – ao me referir às minhas experiências enquanto docente na área de Sociologia – com o uso da primeira pessoa do plural – ao estabelecer o meu perfil de pesquisador durante o processo de escrita deste trabalho.

origem relativamente recente, constitui tanto uma delimitação como uma definição moderna da sexualidade. Para ele, o termo teria sido elaborado por um escritor austro-húngaro chamado Karl Kiepert que o teria utilizado em público em 1869.

Posicionamento parecido é proposto por Louro (2020), ao afirmar que tanto a homossexualidade como o sujeito homossexual são criações do século XIX. Para Louro (2020), se anteriormente as relações entre pessoas do mesmo sexo eram entendidas enquanto sodomia, foi no século XIX que tanto homossexualidade como o sujeito homossexual passaram a se estruturar como definição de um sujeito marcado e reconhecido por tal prática, sendo essas definições categóricas para descrever um sujeito desviado e segregado, o qual fazia de sua condição um segredo.

Ao optar, em alguns momentos, pelo uso das palavras homoafetividade e homossexualidade, cabe salientar que, segundo Meneghini (2017), homossexualidade compreende muito mais um modo de definir orientação sexual, o que acabou por extinguir a expressão homossexualismo, a qual, além de tornar-se obsoleta, carrega, como já sinalizado nesta dissertação, uma visão patológica e estereotipada desses sujeitos. Assim a supressão de homossexualismo pela ideia de homossexualidade serviu nesta escrita para estilizar uma norma respeitosa pela vivência sexual entre pessoas do mesmo sexo.

Ao propor uma diferenciação entre homossexualidade e homoafetividade, Meneghini (2017) afirma que a primeira se estruturou mais como forma de definir relações de orientação sexual entre pessoas do mesmo sexo, podendo-se, assim, diferenciá-las do seguinte modo: enquanto a homossexualidade seria uma definição de orientação sexual, a homoafetividade seria a vivência dessa orientação, a qual descreve relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, ao destacar o prisma afetivo-emocional.

Diante do exposto, busco elucidar o uso de tais expressões, pois creio ser de grande importância para esta discussão. Ao fazer esses esclarecimentos, procuro situar a/o leitora/leitor, para que compreenda o motivo da alternância em relação ao uso desses conceitos.

Outro ponto que precisa ser explanado, logo no início do texto, para evitar equívocos de uma/um leitora/leitor desavisada/o, diz respeito a afirmar que a discussão aqui em questão será em torno do estudo de “gênero como categoria de análise” social e política e não de “gênero textual”.

Assim, para aclarar nosso estudo, cabe afirmar que, apesar de os gêneros textuais não serem objeto desta análise, devemos levar em conta o pensamento de Koche e Marinello (2015), os quais, ao conceituarem gêneros textuais, os definem como sendo de extrema

importância para a interação social. Tais autores, ao citarem Bakhtin, afirmam que, sem os gêneros do discurso, seria quase impossível nossa comunicação verbal.

Dessa forma, é preciso deixar evidente que o que nos propomos aqui não é realizar um estudo sobre gêneros do discurso e sua importância na interação social e na comunicação verbal. No entanto, para esta pesquisa, é de extrema importância pensar a linguagem comunicativa de acordo com o que propõe Scott (1989), que, ao nos apresentar a visão pós-estruturalista sobre o papel da linguagem, afirma que ela não se restringe, exclusivamente, ao universo da palavra, mas estaria vinculada a sistemas de significados e ordens simbólicas que são anteriores ao uso da palavra, da leitura e da escrita. Em outros termos, para os pós-estruturalistas, segundo Scott (1989), o papel da linguagem na produção da ordem comunicativa está ligado não apenas ao domínio da palavra, da escrita e da leitura propriamente dita, mas a uma capacidade de interpretar e representar o gênero. Segundo essa visão a linguagem vai a além do domínio da palavra podendo significar ordens simbólicas ainda pré-escritas. Munidos dessa ideia e guiados pelo olhar de Scott sobre a perspectiva pós-estruturalista da linguagem, é preciso identificar que, na visão da autora, a linguagem seria não apenas a arte de comunicar por meio da palavra, mas um modo de produzir interpretação e representação de gênero.

Para isso, é preciso entender que, ao propor uma definição de gênero, Scott (1989) defende dois posicionamentos importantes, primeiro o coloca como sendo um elemento que constitui as relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos; e o segundo, um modo de significar as relações de poder.

Nessa esteira, baseados na visão de Scott e em seu modo de entender o gênero, bem como para resguardar a/o leitora/leitor de qualquer contratempo que venha a comprometer o entendimento desta proposta, é preciso destacar que a pesquisa se desdobra na perspectiva de gênero como categoria de análise das relações sociais e das relações de poder.

Conforme Weeks (2019), ao se levar em conta o campo da sexualidade, existem várias estruturas de dominação e subordinação. Nesse aspecto, para ele, existem três referências as quais, por serem interdependentes, são de extrema importância: classe, gênero e raça. Diante disso, Weeks (2019) postula classe e raça como fortes elementos de análise de divisão social e coloca a categoria de gênero como sendo o outro fator determinante de divisão social.

No entanto, para Weeks (2019) o gênero não pode ser visto como uma mera categoria de análise ao partilhar do posicionamento de intelectuais feministas, as quais o veem como uma relação de poder. Nessa perspectiva, podemos afirmar que tanto Scott quanto o

Weeks partilham de visões parecidas sobre o gênero, ou seja, o percebem como uma categoria de análise das relações sociais e de poder. Assim, ao asseverar que a “Literatura marca o gênero” como foi proposto no próprio título do trabalho, o que se busca aqui é, por meio desta e da Sociologia discutir uma categoria analítica das relações sociais que estabelecem domínio e opressão sob determinados grupos num dado contexto social e político.

Em relação à temática proposta, cabe sinalizar que é corajoso abordar questões de gênero e sexualidade dentro das instituições escolares. Afinal, nunca foi fácil falar sobre sexualidade no ambiente escolar brasileiro, especialmente se levarmos em conta o atual contexto que tem sido um terreno fértil para o surgimento de ideias e projetos políticos profundamente conservadores em relação a essas abordagens.

Ao falar de projetos conservadores, cabe ressaltar que, segundo Miguel (2016), aquilo que na França e na Itália ficou conhecido como “teoria do gender”; aqui no Brasil, se popularizou como a chamada “ideologia de gênero”, a qual se constitui de uma produção inventiva polêmica, surgida de ambientes conservadores católicos, as quais nada mais são que uma forma caricatural que deslegitima o debate sobre gênero e sexualidade como campo de estudo.

Outra questão que deve ser destacada por ratificar a importância desta escrita corresponde às situações que envolvem a homofobia e a evasão escolar de grupos LGBTQIA+. Sobre essa questão, Martins *et al.* (2020) argumentam que a luta contra a evasão escolar é algo cotidiano, no entanto, em relação à população LGBTQIA+, ainda são carentes os esforços que buscam a permanência dessa população no período escolar.

Ainda para Martins *et al.* (2020), os estudos realizados com essa população mostram que 40,4% dos LGBTQIA+ entre 15 e 18 anos e 31,3% entre 19 e 21 anos foram vítimas de homofobia no ambiente escolar e que, nesses casos, a atitude homofóbica constitui-se como um componente que gera o abandono escolar por parte dessa população. Sendo assim, ao produzir uma escrita sobre o tema, tenho em mente o quanto ainda é desafiador a condição da/do homossexual na sociedade atual. É por sentir na pele essa condição e por lembrar as cenas vividas, na minha época de escola, que faço desta escrita um esforço cognitivo, político e ético a serviço de todas/os aquelas/es que, como eu, sentiram e sentem diariamente, na pele e na carne, a dor, o amor e a delícia de ser homossexual numa sociedade que nos violenta.

Assim, tenho a consciência de que, na tessitura da minha vida de professor/pesquisador e homossexual, por meio deste trabalho dissertativo, posso expressar as minhas próprias dores, bem como os meus sonhos para construção política de uma sociedade

e de uma escola mais justa. Enfim, este trabalho permite uma intersecção entre sonhos e dores, que são meus e de mil outras pessoas. Contudo, é impossível sentir a dor e os sonhos alheios, mas, por ética e solidariedade, podemos ser partícipes das dores sonhadoras e dos sonhos dolorosos daquelas/es que anseiam por uma sociedade e uma escola mais justa e democrática.

Escrever sobre a temática constituiu, para mim, um ato político de reivindicação de uma liberdade individual e coletiva que, ainda que pareça tardia para os esperançosos, não perdeu sua urgência. No momento, não estou mais nas fileiras das/os alunas/os do ensino básico, mas, como professor, desejo oferecer uma militância teórica/política e metodológica, que ajude na superação da homofobia nos ambientes de ensino.

Atualmente, na condição de Professor e Mestre em Sociologia, desejo fazer da sala de aula um campo político em defesa das minorias, mas, para isso, é preciso “flertar” com a utopia e, ao mesmo tempo, com a realidade dura da vida de milhares e milhares de estudantes e professoras/es que existem na condição de homossexual nas muitas escolas do Brasil e do mundo. Desse modo, é essencial enxergar a educação como uma possibilidade libertária, mas, ao mesmo tempo, mantenedora da opressão. Por fim, esta dissertação é um ato político, ético e solidário com todas/os aquelas/es que, como eu, foram e são submetidos às diversas formas de violências advindas da condição de ser homossexual numa sociedade patriarcal e heterossexista.

Outrossim, o tema homossexualidade/homoafetividade, no espaço escolar, ainda constitui um tabu, apesar dos avanços que a escola tem experimentado nas últimas décadas. Muitos desses avanços foram frutos das lutas de Movimentos Sociais, os quais, com esforço, produziram uma maior inclusão de grupos historicamente marginalizados.

É urgente que a escola, oriunda do processo de redemocratização, do período pós ditadura militar de 1964, tenha uma essência combativa a toda forma de preconceito e autoritarismos, e possa educar para a criticidade e a convivência com a diferença. Sem esquecer que, no contexto atual, os locais de ensino abarcam muitos desafios, como pais, mães e responsáveis ausentes, problemas de infraestrutura, práticas tradicionalistas, em confronto com novas propostas, bem como professoras/es e alunas/os desmotivadas/os.

A escola precisa estabelecer um constante diálogo com a juventude, instrumentalizando-a para o enfrentamento da vida contemporânea, oferecendo, por exemplo, uma discussão em torno da educação sexual, pois esse é um aspecto que rodeia e atravessa a vida da juventude.

Trabalhar a diversidade na educação básica é de fato romper com certa

invisibilidade histórica e pedagógica das minorias. Porém, no que se refere às minorias, é importante salientar a posição de Louro (2020), ao afirmar que elas não podem ser vistas como numericamente inferiores, mas, ao contrário, devem ser percebidas como uma maioria que foi silenciada, que, uma vez tomando consciência política, age para transformar os estigmas em orgulho gay, étnico ou de gênero.

Ademais, já havia sido defendido por Louro (1997) que são enormes as dificuldades para que uma/um jovem venha a reconhecer sua condição de homossexual, pois seria necessário, antes de tudo, um processo de desvinculação dos significados negativos atribuídos à condição de gay e lésbica, ou seja, para a autora deve ocorrer uma ressignificação desses termos – os quais foram aprendidos como uma condição desviante e patológica – para assim serem vistos como um ideal positivo e desprendido de seu estereótipo negativista.

Com isso, é preciso lembrar o importante questionamento feito por Apple (2017), quando indaga se a educação pode, de fato, mudar a sociedade. Para o autor, o que se percebe nas escolas é o ataque aos conteúdos multiculturais e críticos, além de cortes orçamentários, dentre outros engessamentos, ou seja, para Apple, a educação só poderá oferecer alguma possibilidade de mudança social se desafiar abertamente as estruturas de classe e o capitalismo.

Outrossim, a escola só responderá com credibilidade ao questionamento feito se se dispuser a defender a pluralidade de grupos oprimidos. Tal posição política é um desafio a professoras/es e alunas/os, quiçá contornados com algum sucesso, apenas nas frestas de um currículo resistente. Isso para aquelas/es que vislumbram, na escola, algo além do pessimismo.

Esta pesquisa busca focar a homoafetividade e sua inserção na realidade da escola, mediante uma abordagem de gênero no ensino de Sociologia, sendo esta discussão importantíssima para a superação de um modelo de educação que, na visão de Louro (1997), é fortemente impregnada de posições e escolhas morais e religiosas.

Nessa esteira, este trabalho deseja ser uma intervenção pedagógica, mas também não perde seu caráter dissertativo, pois aborda, de modo dialógico, a Sociologia e a Literatura como modos de pensar o gênero a partir de um viés sociológico-literário, especificamente, ao olhar a homossexualidade no contexto de obras naturalistas. Além disso, reflete acerca de como autores naturalistas escreveram a homossexualidade, marginalizando-a a partir de uma definição essencialista de sexo e gênero.

Dessa forma, o estudo em questão intenta envolver análise de gênero no ensino de Sociologia sob a perspectiva da Literatura, que poderá ser útil enquanto metodologia para

uma discussão do tema em sala de aula. Para isso, o nosso intuito é realizar uma análise de gênero no ensino de Sociologia a partir das obras *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, e *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, partindo da seguinte questão: é possível pensar a condição do homossexual, no século XIX, tendo por base obras naturalistas e o seu estudo no ensino de Sociologia, como possibilidade de discutir gênero no 2º ano do ensino médio?² Essa metodologia interventiva busca entender como os textos literários presentes nas obras acabaram por produzir e reproduzir estigmas que estruturam regimes hegemônicos e a imposição de marcadores sociais de gênero que se reproduziram no passado e agora se reproduzem no presente.

Como experiência metodológica para a sala de aula, esta intervenção pedagógica resulta em pelo menos três objetivos: estabelecer um debate interdisciplinar entre as Ciências Sociais e a Literatura, levando a desconstruir visões preconceituosas e estereotipadas a respeito da homoafetividade na sociedade atual; debater a importância da diversidade sexual no contexto da escola; e promover métodos criativos e eficientes para o debate de gênero e sexualidade no espaço escolar.

Em relação a uma disposição de assuntos tratados neste trabalho escrito, o texto encontra-se dividido do seguinte modo: esta Introdução, seguida de mais quatro capítulos, incluindo as Considerações Finais. Dessa forma, logo após a Introdução, no segundo capítulo, intitulado: “Uma análise sociológica da Literatura como estudo de gênero nas Ciências Sociais”, faço uma abordagem sobre o uso da Literatura nas Ciências Sociais, criando o foco específico no estudo de gênero. Nesse capítulo, proponho que os textos literários produzidos em determinados contextos possam servir de análise social no entendimento destes. Essa seção – além de abordar os vários sentidos que pode ter a Literatura, desde explicar a sociedade até impor um sentido sobre a própria vida – traz algumas contribuições sobre o delineamento histórico e político do estudo sobre gênero e suas implicações no debate escolar, isto é, os arranques conservadores que tentam impedir essa discussão. Outra questão abordada nesse segundo capítulo corresponde às conexões que podem ser feitas entre a Literatura, a Sociologia e os estudos de gênero, mostrando que as produções literárias podem ser úteis ao debate sobre corpo, gênero e sexualidade. Por último, é feita uma análise da corrente naturalista como sendo uma Literatura, no século XIX, pioneira no que tange às narrativas homossexuais e homoeróticas, especificamente na forma como constrói o perfil do homossexual no contexto dessas obras.

² Ressalto que, atualmente, a turma é composta de 15 meninas e 23 meninos.

No terceiro capítulo, o qual traz como tema: “*Bom Crioulo e O Cortiço*: duas estéticas naturalistas de narrativas homossexuais e homoeróticas”, é feita uma análise específica dessas obras, bem como dos seus autores e o papel que estes tiveram em trazer para o campo literário situações até então negligenciadas por correntes literárias anteriores. Em relação ao estudo que é feito sobre os livros nessa seção, merece destaque a obra *Bom Crioulo*, pois foi a primeira obra a trabalhar abertamente personagens homossexuais e a trazer um livro em que toda a narrativa gira em torno da temática da homossexualidade.

No quarto capítulo, denominado: “O professor-pesquisador e o seu fazer interventivo” é abordado todo o processo de intervenção pedagógica desde a escolha das técnicas de pesquisa, até o contexto social e político no qual se situa a escola. Nessa etapa, também é feita uma análise da turma do 2º ano, na qual realizei todo o processo de intervenção.

Além dessas informações, o capítulo contém todo o passo a passo da intervenção no seu caráter prático, ou seja, desde o primeiro contato com a escola e a turma, até a realização do “*Corpus Interventivo*” propriamente dito, o qual contempla a prática interdisciplinar entre as aulas de Literatura e de Sociologia, que resultou na escolha dos fragmentos literários realizados pelas/os estudantes e na sua exposição nas aulas de Sociologia, alinhada a um debate de gênero e sexualidade; além disso, aborda a luta política dos Movimentos Sociais, em especial, o movimento LGBTQIA+.

Nessa etapa, fica evidente que a Literatura naturalista, ao produzir um perfil-tipo do homossexual, procurou elaborá-lo de modo patológico e marginal e com uma associação direta à mulher, isso se imaginarmos os personagens Aleixo, de Adolfo Caminha, e Albino, de Aluísio Azevedo. Assim, ao descrever o homossexual, essas obras os inscreveram dentro de marcadores sociais de gênero. Além de todas essas questões, o capítulo traz a transcrição das entrevistas realizadas durante a aplicação desta pesquisa, em que se pode ver, com detalhes, as emoções e impressões das/os entrevistadas/os e das/os protagonistas desse processo.

À guisa de conclusão, trago os seguintes pontos: a importância do estudo de gênero antes ligado aos estudos da mulher, e hoje entendido como um elemento constitutivo das relações sociais entre os gêneros; e o desafio de se discutir essa temática e romper uma prática pedagógica heteronormativa que naturaliza a homofobia, a lesbofobia, a transfobia e a exclusão de tantas outras orientações e identidades de gênero, sejam elas binárias ou não binárias. Tais pontos revelam que essa intervenção serviu a três propósitos no sentido de construir uma escola democrática onde seja possível realizar um debate sobre gênero e sexualidade, foram eles: um propósito político, ético e metodológico.

2 UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DA LITERATURA COMO ESTUDO DE GÊNERO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Um dos primeiros desafios deste trabalho de pesquisa é desenvolver uma discussão sobre a relação entre Sociologia, Literatura e sociedade, apontando situações de cunho sociológico-literário-metodológico que tornem viável a importância deste estudo. Desse modo, é oportuna uma revisão da Literatura ou mesmo de um estado da arte sobre essa temática.

Como salienta Carvalho G. (2015) – ao propor o uso da Literatura como fonte no entendimento de determinados contextos apesar de uma produção literária não retratar sujeitos de existência concreta, o que se pode extrair dessas obras é que elas abordam situações comuns à época em que foram produzidas. A autora, ao citar o olhar de Walter Benjamin, identifica a Literatura como fonte de método especialmente no entendimento das mentalidades dos séculos XIX e XX. Para Carvalho, Benjamin atribui grande importância à linguagem, dando destaque à literária, pois, segundo ele, a Literatura significa a possível revelação de um instante, significa o revestimento da linguagem como memória efetuada por imagens.

De modo semelhante, Koehler (1989) vê a Literatura como um modo de dedução do estado social e cultural de um regime social e faz o seguinte comentário a respeito da função literária: “é possível, partindo da Literatura, explicar uma sociedade, isto é, conhecer o seu espírito e os factos que constituem o seu carácter fundamental; uma das funções da Literatura na história do espírito é a de explicar a sociedade de sua época” (KOEHLER, 1989, p. 92).

Um ponto que precisa ter destaque é a forma divergente como outras/os autoras/es percebem a Literatura e sua relação com o real.

Não se trata apenas de diagnóstico. Os signos remetem a modos de vida, a possibilidades de existência, são sintomas de uma vida transbordante ou esgotada. Mas um artista não pode se contentar com uma vida esgotada, nem com uma vida pessoal. Não se escreve com o seu eu, sua memória e suas doenças. No ato de escrever há a tentativa de fazer da vida algo mais que pessoal, de liberar vida daquilo que a aprisiona. (DELEUZE, 2013, p. 183).

Para Deleuze (2013), a Literatura trabalha mais com uma imposição de sentidos do que apenas com a representação da realidade. Nessa esteira, ela seria não uma captação do real, mas a possibilidade de libertar a própria vida, garantindo um sentido mais amplo à existência.

Diante disso, poderíamos buscar aproximação com as/os autoras/es que defendem a Literatura como registro explicativo da sociedade, e também com aquelas/es que, a exemplo de Deleuze, a sugerem como algo que impõe sentido e liberta a própria vida. Ou é possível pensar sociologicamente a Literatura, vendo-a como registro social, bem como, produtora de sentidos para a própria existência?

Segundo Candido (2006), ao fazer uma relação entre Sociologia e Literatura, é possível constatar que a Sociologia não deve buscar entender os fenômenos literários ou artísticos, mas sim elucidar alguns dos seus aspectos. Para esse autor, não cabe ao sociólogo explicar a Literatura como fenômeno da arte, mas, ao contrário, o interesse desse estudioso deve estar voltado para a elucidação de alguns dos aspectos que envolvem a arte literária enquanto fenômeno.

Ao pensar a arte e sua relação com o meio social, Cândido nos faz as seguintes perguntas: “Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?” e “Qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (CANDIDO, 2006, p. 27).

Dessa forma, Candido (2006) nos faz pensar em que medida a arte pode ser vista como expressão de uma sociedade e de que maneira poder ser entendida como uma arte social, interessada nos problemas sociais.

Para o autor, a Sociologia moderna encara a relação entre a arte e o meio social pelo menos de duas formas: ora como uma expressão simbólica desse meio; e outra como uma arte interessada nos problemas sociais.

Ao pensar a forma como os sociólogos modernos encaram a relação arte/meio social, temos a seguinte definição:

Para o sociólogo moderno, ambas as tendências tiveram a virtude de mostrar que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p. 29).

Em relação aos modos como a arte encarna o meio social, podemos citar o seguinte fragmento:

Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudicial, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto à literatura sancionada quanto a literatura proscribita; a que

os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (CANDIDO,2011, p.177-178).

É possível, a partir da fala de Antônio Candido, entender a Literatura sob diferentes aspectos, seja como instrumento educativo, comprometido com valores sociais, inclusive os reafirmando, ou como uma arte da denúncia e do combate e, ao mesmo tempo, como forma de vivência dos problemas que diariamente nos afligem.

Esse posicionamento também é ratificado por Bloch (2001), ao afirmar que não se pode ver a Literatura apenas como expressão da realidade. Para o autor, não se deve entendê-la como um espelho, o qual, pura e simplesmente, mostra o objeto refletido. Para ele, a condição literária é tradutora de reações de defesa e de concordância, afinal, “tudo que o homem diz ou escreve, tudo que ele fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele” (BLOCH, 2001, p. 79).

Seguindo essa perspectiva, outro ponto de vista que deve ser considerado importante é o de Ashcroft *et al.* (1991) *apud* Bonnici (2000), o qual sinaliza que a Literatura pós-colonial é definida como toda a produção literária dos povos colonizados pelas potências europeias entre os séculos XV e XX. Para esse autor, apesar de todas as diferenças encontradas entre as produções literárias, elas têm algo em comum, partem da experiência colonial.

Nessa esteira, ao propor uma abordagem da Literatura pós-colonial, é importante salientar que a experiência literária pós-colonização deve partir do seguinte ponto: desconstruir uma naturalização de uma escrita, a qual, durante séculos, foi construída para garantir um controle econômico, político e cultural, além de criticar um processo de produção literária como manutenção de privilégios, sejam eles de classe, raça e de gênero.

Segundo Bonnici (2000), ao citar Parry, a crítica pós-colonial é uma tentativa de compreender as influências coloniais como um fenômeno global e local, e a análise crítica das relações entre cultura e imperialismo, no entendimento político e cultural da descolonização, deve favorecer grupos marginalizados e oprimidos.

Portanto, seguindo o raciocínio desses autores, podemos pensar que a experiência literária dos povos colonizados é vista como resultante de uma dominação cultural e política, bem como que a crítica pós-colonial pode ser geradora das condições para novas abordagens políticas e culturais, o que possibilita até sugerir que, movidos por esse espírito de crítica pós-colonialista, possamos submeter a própria Literatura a um olhar sociológico que resulte no questionamento das construções políticas de personagens dentro das tramas literárias. Em outros termos, ao se discutir a forma como a Literatura escreve politicamente alguns

personagens, podemos produzir indagações e resistência às condições políticas do presente.

Outro aspecto que merece destaque é a relação entre Literatura e a pesquisa em Ciências Sociais, como pensar os textos literários e as demais situações ligadas à Literatura, como movimentos literários, obras e autoras (es), sendo estes objetos de estudo das Ciências Sociais.

Conforme Facina (2004), é importante salientar pelo menos dois modos de associar Literatura e pesquisa nas Ciências Sociais: aquele no qual a/o pesquisadora/pesquisador usa os textos literários como fonte de estudo sobre um determinado tema, seja situando o lugar social da escrita, priorizando o contexto social das produções; e outro no qual a própria criação literária é objeto de investigação. A autora aponta ainda que, para este último modo, existem múltiplas possibilidades: estudar os movimentos literários, as instituições literárias e academias, a história das próprias obras e a trajetória das/os próprias/os autoras/es.

Creio que, para este estudo, será preciso usar pelo menos esses dois modos apontados por Facina, como forma de encarar o uso da Literatura e sua relação com a pesquisa em Ciências Sociais.

2.1 Algumas contribuições sobre os estudos de gênero

De início, elenco as contribuições da Antropologia e da Sociologia para os estudos de gênero. Segundo Suárez (1995), as diferenças de gênero não foram discutidas pelas/os antropólogas/os clássicas/os, exceto por Malinowski, Bateson, na Inglaterra; e Margaret Mead, nos Estados Unidos, pois mostraram continuidade entre a Antropologia dos anos 30 e os enfoques de gênero na atualidade, especificamente, ao exercerem determinada vanguarda de contribuição com o pensamento feminista e ao discutirem temas privilegiados sobre o debate da construção do feminino/masculino.

Suárez (1995), ao citar Malinowsky, afirma que a sexualidade foi seu objeto de pesquisa, especialmente em *A vida sexual dos Selvagens* (1929). Foi nesse livro que o antropólogo britânico entendeu a sexualidade como uma força social e cultural que constrói a ideia de amor, namoro, casamento, família e as relações de gênero.

Suárez (1995) ressalta o que afirma Bateson, o qual é outro antropólogo que deu importantes contribuições sobre a construção do universo simbólico do masculino e do feminino. Nos anos 1929-1932, realizou um estudo antropológico do povo Iatmul, da Nova Guiné, no cerimonial denominado “*naven*”, no qual observou que nesse comportamento/ritual

homens assumem papéis femininos e mulheres papéis masculinos.

De qualquer ângulo que se veja, a partir de qualquer instituição que estudemos, encontramos o mesmo tipo de contraste entre a vida dos homens e a das mulheres. Generalizando, podemos dizer que os homens ocupam-se em atividades espetaculares, dramáticas e violentas que tem seu centro na casa cerimonial, enquanto as mulheres se ocupam das rotinas necessárias e úteis de coleta de alimentos, cozinha e criação dos filhos--atividades centradas em torno das moradias e das hortas. O contraste entre a casa cerimonial e a casa de moradia é fundamental para a cultura. (BETESON, 1965 *apud* SUARÉZ, 1995, p. 124).

Ao verificarmos esse fragmento, percebemos uma definição de papéis sociais construídos a partir de diferenças de sexos, em que os homens dominam o espaço público, e as mulheres são restritas ao domínio privado. No ato cerimonial, percebemos a evidente relação de gênero e de dominação masculina. Com isso, observamos as importantes contribuições da experiência etnográfica para este estudo.

Haraway (2004), a partir das contribuições de Marx e Engels, esclarece que a ideia de gênero, elaborada na esteira do pensamento feminista moderno, não se encontra contida, a princípio, nos escritos desses autores e, embora os escritos e as práticas da tradição teórico-marxista tenham oferecido bases de grande valia para este estudo, também acabaram por impor obstáculos teóricos elaborados posteriormente.

Ainda em relação ao conceito moderno de gênero, Haraway (2004) cita a contribuição de Simone de Beauvoir em *O segundo sexo* (1949) e afirma que, apesar das diferenças que existem na definição dessa ideia, todos os significados modernos a respeito desse debate se estruturam nos estudos da autora francesa. Ao afirmar que ‘ninguém nasce mulher: torna-se mulher’, a filósofa francesa rompe com qualquer visão essencialista e naturalista dos papéis sociais. A partir disso, estrutura uma perspectiva que entende a ideia de um gênero feminino como algo que foi produzido e elaborado pelo conjunto das civilizações.

Nessa mesma linha, Santos (2010), ao propor uma discussão sociológica e antropológica sobre o assunto, cita o trabalho de Heilbonr e Sorj e aponta as relações entre os sexos como socialmente construídas dentro de um contexto espacial e temporal, variáveis nos mais diversos contextos sociais.

O comportamento esperado de uma pessoa de um determinado sexo é produto das convenções sociais acerca do gênero em um contexto social específico. E mais, essas idéias acerca do que se espera de homens e mulheres são produzidas relacionalmente; isto é: quando se fala em identidades socialmente construídas, o discurso sociológico/ antropológico está enfatizando que a atribuição de papéis e identidades para ambos os sexos forma um sistema simbolicamente concatenado. (HEILBORN; SORJ, 1995 *apud* SANTOS, 2010, p. 09).

Nessa perspectiva, pode ser dito que o gênero seria propriamente uma construção

social a partir das diferenças sexuais. Assim, teríamos uma conexão sexo=natureza e gênero=cultura, e o binarismo natureza/cultura seria um fator importante para o estabelecimento de análise das relações sociais. De modo semelhante, é dito por Molina (2013) que as relações de gênero são estabelecidas dentro de uma determinada estrutura social, constituindo-se diferenciadamente em relação ao lugar social e ao tempo em que os sujeitos históricos criam suas relações de convivência estruturadas em um padrão de domínio a partir do gênero, tendo por base a estrutura seguinte: homem/mulher; provedor/reprodutor; público/privado; dominação/ submissão.

Bourdieu (2019), no estudo sobre a estruturação de uma dominação masculina, afirma que o mundo social existe a partir de divisões arbitrárias, entre as quais, podemos citar a divisão social elaborada entre os sexos. E, segundo ele, essas divisões, ao serem percebidas como sendo naturais e evidentes, acabam por adquirir um status de legitimação.

Ainda sobre essa questão, Bourdieu (2019) afirma que a diferença biológica entre os sexos, ou seja, entre o corpo masculino e o feminino, que nada mais é que uma diferença anatômica entre os órgãos sexuais, passa a constituir uma estrutura que justifica como sendo natural diferenças socialmente estabelecidas entre os gêneros.

Ainda em relação à estruturação das diferenças de gênero, a qual resulta, de certo modo, num processo de naturalização dessas diferenças, Saffioti (1987) afirma que é próprio do ser humano elaborar socialmente eventos naturais, mas também o seu inverso, que seria naturalizar situações socioculturais. Sobre essa questão, a autora afirma que, quando se naturaliza a mulher como ocupante do espaço doméstico e o homem do espaço público, o que ocorre é apenas a naturalização de uma construção histórica.

Desse modo, todas/os essas/es autoras/es acabam por asseverar que as relações de gênero são estabelecidas a partir das diferenças sexuais e que as diferenças percebidas entre os sexos foram elaboradas ao longo do tempo e transformadas em diferenças sociais. No entanto, essas diferenciações são vistas como naturais quando, na verdade, foram socialmente produzidas para legitimar uma relação de domínio, a qual, a partir do gênero, estabelece papéis de dominador e dominados.

Para Lauretis (1987), também é possível pensar o gênero numa visão da teoria foucaultiana, que percebe a sexualidade como uma espécie de "tecnologia sexual", a qual vê o gênero como uma representação e autorrepresentação. Algo elaborado a partir de diferentes "tecnologias sociais", como o cinema, os discursos, epistemologias e o cotidiano.

Ao afirmar que o gênero é uma representação, Lauretis (1987) não nega suas influências reais e concretas na vida material, pelo contrário, para a autora, essas influências

produzidas pela representação do gênero são, ao mesmo tempo, sociais e subjetivas, o que, conseqüentemente, implica situações reais e concretas na vida das pessoas.

Outra questão importante a ser colocada a respeito da visão de Lauretis (1987), sobre o que seria uma representação de gênero, é o fato de que, para a autora, toda a representação de gênero é, ao mesmo tempo, sua construção, sendo a arte e a própria cultura erudita do ocidente a marca histórica dessa construção do gênero.

Para Lauretis (1987), a construção do gênero, tanto no passado como no presente, se efetua não só nos espaços imagináveis – a exemplo da mídia, da escola, da família, sendo esses os chamados aparelhos ideológicos do Estado –, mas essa construção ocorre em lugares menos óbvios, como na própria academia, no meio intelectual e dentro do feminismo.

Nessa esteira, podemos afirmar que a representação de gênero é, ao mesmo tempo, sua construção; isto é, é impossível representá-lo sem construí-lo. Essa representação-construção ocorre dos mais diversos modos, como por meio da arte ocidental. Além disso, ao mesmo tempo, ocorre nos mais diversos lugares, como na escola, na família, na academia e nos movimentos de luta social.

Ao retomar novamente o pensamento de Haraway (2004) a respeito dessa questão – especificamente na análise que essa autora faz sobre o gênero a partir da perspectiva de Teresa de Lauretis – ela afirma que o gênero é uma construção social de “mulher” e “homem” a partir de uma representação que leva em consideração os signos em todas as formas de manifestação que atuam na produção da subjetividade. Segundo a autora, Lauretis afirma que o gênero tem ligações com a história e com as práticas, sobrepondo sentido e experiência, os quais geram efeitos que constituem uma mutualidade na produção de significados que conectam a exterioridade do mundo social com a interioridade do mundo subjetivo.

Além desse aspecto, devemos destacar uma discussão que envolva a ideia de sexo/gênero, isto é, uma perspectiva binária que atrela sexo=natureza e gênero=cultura. Sobre essa questão, vale ressaltar as contribuições de Butler (2019), a qual, na perspectiva de uma Teoria *queer*, rompeu com a visão estruturalista entre natureza e cultura, e se opôs teoricamente a Lévi-Strauss, ao questionar o binarismo sexo e gênero.

Em relação a essa discussão, Louro (2020) coaduna com Judith Butler e outros teóricos *queers*, sugerindo que o sexo também é um constructo social semelhante ao gênero e, dessa forma – mantendo-se fiel à ideia da pensadora “queer” –, afirma que o sexo seria também uma construção do gênero.

Porém, não podemos, de maneira nenhuma, reduzir a pluralidade e importância dessas questões apenas às contribuições de Butler, Louro e da própria Teoria *queer*, pois

existem inúmeras outras correntes, tais como: o feminismo liberal, o feminismo socialista, o feminismo radical e o feminismo negro, em que podem coadunar, propor ou diferir de modo diverso sobre as definições de sexo e gênero.

Outra importante contribuição para uma discussão de gênero se refere ao pensamento de Scott (1989) quando menciona que essa categoria serve para designar as relações sociais entre os sexos, e o seu uso contesta quaisquer justificativas biológicas que justifique as relações de subordinação entre estes.

Assim, conforme afirma Hooks (2019), cabe rejeitar qualquer monopólio hegemônico do pensamento feminista, pois, segundo a autora, sendo este uma corrente teórica em constante formação, precisa ser criticado, questionado, reexaminado e sujeito a confrontos para gerar novas possibilidades. No entanto, conforme dito acima, tanto Butler como Louro romperam com o binarismo sexo e gênero proposto por Lévi-Strauss. Desse modo, as contribuições dessas autoras e da própria teoria *queer* são de grande utilidade no decorrer do texto, pois, ao romperem com as categorias binárias, acabam por desencadear outras maneiras úteis para discutir sexo e gênero.

Para Butler (2019), o sexo constitui uma categoria socialmente elaborada, e o gênero seria o modelo de cultura e linguagem que define um sexo natural dentro de uma condição pré-discursiva. Para ela, o gênero escreve o sexo dentro de um pré-discurso, pois:

O sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre macho e fêmea entre homens e mulheres. A identidade de gênero pode ser preconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (BUTLER, 2019, p. 197).

Nessa abordagem, é possível ter maior compreensão sobre as relações de subordinação e domínio que envolvem a construção de sexo e gênero e sobre como se articulam essas categorias na elaboração de regimes de poder e dominação.

Assim, quando Butler (2019) sinaliza que o gênero requer e institui seu próprio regime regulatório e disciplinar distintivo, fica evidente que ele não pode ser reduzido apenas a uma norma regulatória, mas também é produzido como condição de existência para outros regulamentos³.

³ É bom acrescentar que Butler (2014, p. 252) parte do pressuposto analítico de que uma norma não é o mesmo que uma regra e que esta não é o mesmo que uma lei, porque para essa autora: “Uma norma opera dentro das práticas sociais como o padrão implícito de normalização”. Desse modo, as normas aparecem ou não de forma explícita, porque elas, geralmente, operam como princípio de normalização na prática social. E, sendo assim, “geralmente, permanecem implícitas, difíceis de ler, discerníveis de forma mais clara e dramática nos efeitos que produzem.”

Em relação ao sexo, Butler (2019) afirma que, desde o seu início, funciona como uma categoria normativa ou como um ideal regulatório na definição de Foucault. Para a autora, o sexo não é apenas uma norma, mas também uma partícula que regula e produz os corpos que governa.

Para Butler (2019), ao se apoiar no pensamento de Foucault, a ideia de um corpo sexuado inexistia a princípio. Segundo a autora, valendo-se da proposta do autor francês, a ideia de um corpo portador de uma identidade sexual surge apenas quando esse corpo é investido de um ideal de um sexo natural e essencial. Só quando isso acontece é que o corpo passa a ser definido no contexto de uma relação de poder.

Assim, podemos entender a ideia de um sexo natural e essencial como sendo o resultado de uma elaboração histórica das relações de poder. Orientados por esse posicionamento, talvez seja útil repetir aquilo que foi dito um pouco mais acima, ou seja, que o sexo é um constructo social semelhante ao gênero e que aquele seria também uma construção deste.

Essa perspectiva gera novas implicações sobre o entendimento das categorias sexo/gênero, pois indica que elas são construções sociais semelhantes e, ao mesmo tempo, pensa o gênero como aquilo que produz a categoria do sexo.

Em relação ao gênero, Butler (2019) o vê como performativo, isto é, para a autora, performatividade de gênero é sempre a reiteração de uma norma ou de um conjunto de normas, que, ao se atualizar no presente, provoca a ilusão do inédito e, assim, oculta regimes regulatórios entre os quais é apenas uma concretização.

Ao descrever o conceito de performatividade de gênero, a autora o percebe como sendo a repetição de um conjunto de normas que se atualizam no presente fazendo com que regimes sociais de poder e dominação sejam naturalizados, ou seja, o gênero como performativo serve para mascarar e concretizar essas relações de poder.

Por último, cabe questionar a quem serve a manutenção desse poder. Para Saffioti (1987), essa estrutura de domínio serve apenas para beneficiar um poder que é macho e branco, e que usufrui de privilégios em benefício próprio.

2.2 Os estudos de gênero na escola

Ao propor uma análise em torno de um debate de gênero na escola, é fundamental entender que essas questões estão envoltas no modo como as instituições escolares teorizam e vivenciam concepções referentes à sexualidade e ao corpo, isto é, como os sujeitos no espaço

institucional são expostos a tais situações.

Conforme afirma Weeks (2019), a sexualidade, embora seja, há algum tempo, o centro das questões ocidentais, até o século XIX, ela existia como uma preocupação moral e religiosa. Para esse autor, foi apenas no século XIX que nasceu a “sexologia”, uma disciplina com bases na Psicologia, Biologia, Antropologia, História e Sociologia. Melhor dizendo, foi a partir desse momento que a sexualidade passou a ser vista não apenas pela ótica religiosa e moral, mas também pela científica.

Louro (2019), ao citar Foucault, afirma que a sexualidade surgiu como dispositivo histórico, construído socialmente a partir de uma multiplicidade de discursos sobre sexo. Com isso, cabe pensar sobre uma grande produção de discursos, tendo como objetivo produzir enquadramentos para o comportamento sexual.

Sobre o debate teórico no campo da sexualidade, cabe ressaltar Heilborn e Brandão (1999), quando afirmam que essa discussão tem como característica a oposição entre as visões essencialista e construtivista. Para Heilborn e Brandão (1999), a visão essencialista defende que existe uma natureza inerente ao ser humano, a qual inscreve, nos corpos, na forma de instinto ou pulsão sexual, situações inatas que conduzem a ações. Já em relação aos construtivistas, as autoras enfatizam que, além de contestarem o olhar essencialista a respeito da universalidade do instinto sexual, centram sua argumentação no fato de que a sexualidade resulta de formas culturais específicas, podendo estar sujeita a contatos corporais entre indivíduos sexualmente iguais ou diferentes. Ainda segundo as autoras, a sexualidade pode ser ligada ou não à atividade reprodutiva e, desse modo, adquire significados culturalmente distintos.

Ao seguir a perspectiva construtivista a respeito da sexualidade, Lago (1999) afirma que a sexualidade está sujeita a processos de socialização e imposição de significados regulados por modelos sociais, ou seja, o comportamento sexual não pode ser entendido apenas como uma imposição biológica, mas sim como estando sujeito a um processo de construção social.

Nessa esteira, ao fazer uma discussão de gênero na escola, é importante salientar o quanto isso pode estar submetido a uma concepção essencialista dos sujeitos, e como tal concepção tende a estar impregnada de um olhar moralista sob o comportamento sexual, especialmente, se levarmos em conta a trajetória das políticas educacionais no Brasil, em que a influência religiosa acabou por fragilizar o chamado Estado laico.

Para Carvalho M. e Sívori (2017), o que se percebe hoje é que o Brasil vivencia um acirramento de debates antagônicos entre a garantia constitucional de ensino religioso nas

instituições públicas e, no outro polo, a polêmica introdução das questões envolvendo gênero e diversidade sexual no contexto escolar, pois:

a despeito do marco constitucional vigente, que promove uma compreensão das crianças e adolescentes como sujeitos de direitos, as controvérsias sobre gênero e sexualidade na escola mobilizam um senso comum que as define como essencialmente vulneráveis e as imagina como primordialmente moldáveis, particularmente permeáveis a uma diversidade de valores, ora edificantes, ora corruptores, contra os quais a sociedade e o Estado devem protegê-los e ao mesmo tempo formá-las como cidadãos “do bem”. (CARVALHO M.; SÍVORI, 2017, p. 2).

Com a leitura do fragmento acima, fica evidente que o olhar sobre gênero e sexualidade na escola, como possibilidade de discussão, tende a desconsiderar o próprio marco constitucional como garantia desse debate, pois o que se percebe é a imposição de um senso comum, o qual tende a ver crianças e adolescentes como indivíduos sujeitos à corrupção dos seus valores morais, caso sejam submetidos a tais discussões.

Conforme Carvalho M. e Sívori (2017), na arena da política educacional, determinados grupos políticos representantes da Igreja Católica, associados a uma parcela de líderes evangélicos, formam o chamado “bloco parlamentar cristão”, e com isso promovem uma interpretação religiosa do ensino, isto é, afirmam os chamados “valores cristãos” como uma reação conservadora à diversidade cultural, religiosa, sexual e de gênero. Com isso, esses grupos, de forma sistemática, têm dificultado políticas de combate à homofobia na educação, especificamente ao se insurgirem contra o que eles denominam “ideologia de gênero”, ao impor, dessa forma, fortes resistências a qualquer abordagem de gênero e diversidade no currículo escolar.

Visão semelhante é apresentada por Miguel (2016) ao afirmar que, desde 2010, uma das características da política no Brasil tem sido o alargamento na opinião pública de vozes conservadoras. Para o autor, o fim da ditadura levou a um certo consenso em relação à defesa dos direitos humanos e, apesar de haver vozes dissonantes a esse respeito, não tinham tanta centralidade em relação ao debate público. Porém, segundo ele, o que se verifica na atualidade é que, baseados numa concepção meritocrática, discursos conservadores têm contribuído para criminalizar quaisquer ações que visam a desconstruir relações hierárquicas baseadas numa visão tradicional da sociedade.

Para Miguel (2016), no caso brasileiro, as vozes reacionárias são o resultado de uma junção que converge para a ideologia ultraliberal – representada pelo “libertarianismo” e pelo “fundamentalismo religioso”, associados ao anticomunismo. Para ele, o libertarianismo, como herança da chamada escola de economia austríaca, impôs enormes influências nos meios acadêmicos, especificamente com a concepção de um estado mínimo, o qual torna

legítima qualquer desigualdade advinda do mercado por mais injusta que seja. Já em se tratando do fundamentalismo religioso, o autor coloca como sendo uma força política no Brasil que emergiu nos anos de 1990 e ganhou espaço em meio às igrejas neopentecostais por meio da entrada dos pastores na política nacional. Em relação a essa situação, cunhou-se a denominação bancada evangélica, contudo, para o autor, essa expressão serve para deixar invisível as diferenças entre variações do protestantismo, bem como, para ocultar a ala conservadora da Igreja Católica. Segundo ele, o fundamentalismo que emerge desse caldo conservador se define pela visão de uma suposta verdade revelada que torna inviável qualquer debate sobre questões que envolvam o aborto, família não tradicional e combate à homofobia.

Além dessas questões, Miguel (2016) postula que o anticomunismo, aparentemente superado com o fim da Guerra Fria, ganhou destaque tanto na América Latina como no Brasil e serve como veículo para tornar audível vozes reacionárias. Ao fomentar ideias em torno do chamado bolivarianismo e do Foro de São Paulo, forjam narrativas anticomunistas que surgem como uma verdadeira cruzada contra uma suposta conspiração vermelha para dominar o mundo.

Assim, visões econômicas, como o libertarianismo; visões morais/religiosas; e visões políticas, como o suposto combate ao comunismo, têm servido de base para teorias e práticas conservadoras que tornam difícil qualquer discussão de gênero na escola, bem como, a superação das tradicionais desigualdades na sociedade brasileira.

Miguel (2016), em um artigo publicado ainda em 2016, concluiu que, naquela época, existiam, tramitando no Congresso Nacional, sete projetos de lei que tinham como alvo combater a “doutrinação marxista” ou a “ideologia de gênero” nas escolas. Entre estes, citou o PL 7180/2014 e o PL 7181/2014 de autoria do deputado Erivelton Santana, na época filiado ao PSC, ligado à Assembleia de Deus e à Frente Parlamentar Evangélica. O autor afirma que os dois projetos partem da seguinte proposição: os valores ligados à família precedem a educação escolar nos aspectos que envolvam educação moral, sexual e religiosa. Sobre a mesma temática, o autor ainda cita o PL 1859/2015 cujo autor é Izalci Lucas, da Frente Parlamentar Mista Católica Apostólica Romana. O referido projeto busca incluir, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), um dispositivo que impede a educação de desenvolver políticas de ensino e de adotar no currículo escolar, mesmo de modo complementar ou facultativo, questões que envolvam “ideologia de gênero”, “gênero” ou “orientação sexual”.

A partir do exposto, ficam evidentes duas coisas: a existência de PLs que buscam impedir, em termos práticos, qualquer debate sobre gênero na escola e que esses projetos de

leis emergem de vários ambientes religiosos e não apenas dos meios evangélicos, como se costuma acreditar. Nessa esteira, evidenciamos que, em questões de fundamentalismo religioso, no Brasil, tanto evangélicos como católicos têm estado de mãos dadas quando o assunto é impedir essas discussões na escola.

A visão moralizadora e religiosa em torno da educação e da escola no Brasil não é difícil de entender, especificamente se levarmos em consideração o pensamento a seguir:

Desde suas origens o modelo do professor aproxima-se do modelo do padre, influenciado por crenças e atitudes morais e religiosas que, ao longo do século XVII e XVIII, configuraram um conjunto de saberes, técnicas, normas e valores específicos da produção docente inspiradas na atuação dos jesuítas. A origem da profissão docente é definida por dois momentos, primeiro, o sólido vínculo com a ética moral e religiosa e, segundo, a definição desses saberes pelas diretrizes estatais. (NÓVOA, 1991 *apud* FRANCO, 2014, p.03).

Desse modo, observamos que o modelo institucional da escola e o da/o professora/professor foram construídos a partir de influências religiosas. Esse mesmo pensamento é defendido por Louro (1997) quando afirma que, apesar das muitas transformações sociais ocorridas, as imagens do sacerdote/missionário permanecem como um referencial histórico para o ofício da/o professora/professor.

Sendo assim, não é de estranhar que o debate envolvendo gênero e diversidade sexual no currículo escolar venha a se constituir como um forte espaço de disputas políticas. Sendo um lugar de antagonismos teóricos, onde se enfrentam, de um lado, as influências religiosas sobre a escola e a/o professora/professor, e do outro, os novos marcos que constituem o debate da escola pública no Brasil. Em relação à aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE) em 2014, vale destacar que, segundo Moreno e Mariano (2021), o Senado brasileiro, mesmo sob pressão dos Movimentos Sociais e de parlamentares, acabou por rejeitar as duas únicas referências às questões de gênero e sexualidade presentes no texto substitutivo da Câmara. Como resultado, o Brasil teve a aprovação da Lei nº 13.005/2014, que instituiu o Plano Nacional de Educação, para o período de 2014 a 2024, sem nenhuma referência a gênero e sexualidade.

Desse modo, podemos concluir que a aprovação de um Plano Nacional de Educação com vigor de 10 anos, o qual suprimiu quaisquer referências a gênero e sexualidade, representa um retrocesso sem tamanho no sentido de promoção de um debate democrático sobre a diversidade dentro da escola.

Não se pode esquecer que as discussões sobre gênero e diversidade na escola se estruturam a partir de dois pressupostos: o da necessidade e o do conflito. Nesse sentido, conforme Louro (1997), a escola é um espaço condicionado ao conflito, e isso é o resultado

de sua existência como ideia de “espaço democrático”. Também não nos deixa esquecer de que a escola, ao longo do tempo, foi transformando-se no instrumento consolidador das diferenças, das distinções, das desigualdades e das distinções sociais. Desse modo, para a autora, os currículos e as demais estruturas de ensino acabam por ser reprodutores e, ao mesmo tempo, produtores de diferenças de gênero, sexualidade, etnia e classe.

Bourdieu (2014) parece partir de um ponto de vista semelhante, em se tratando de um olhar pessimista em relação à escola, especificamente ao afirmar que, quando a cultura escolar tem por objetivo conservar, inculcar e consagrar, essa mesma cultura passa a ser investida de uma função social de distinção a serviço da classe dominante. Daí resulta um conservadorismo pedagógico que implica uma finalidade ao sistema de ensino, que é conservar-se idêntico a si mesmo, sendo esse sistema o maior aliado de um conservadorismo social e político, já que dispõe dos meios diretos e indiretos para a manutenção de uma ordem social.

Esses autores partem de posições semelhantes e percebem a escola como um aparelho que elabora distinções sociais. E, no caso de Bourdieu, a distinção social produzida pela escola está a serviço da classe dominante e é o resultado da conservação e inculcação de conservadorismo pedagógico que se materializa num conservadorismo social e político a serviço da reprodução de uma determinada ordem social, que age para manter um modo de exclusão a partir dos sistemas de ensino.

Sobre o debate a respeito da função social da escola, no que tange à discussão sobre gênero e sexualidade no espaço escolar, especificamente, como essas discussões estão sujeitas a arrochos conflituosos e conservadores, destacamos que tais dificuldades exigem, além da luta política, o conhecimento da gênese conservadora da escola burguesa. Ou seja, a superação dos empecilhos a esse debate envolve tanto a luta política, como saber a origem do conservadorismo presente na própria escola enquanto instituição.

Em relação à condição dos homossexuais dentro do ambiente escolar, Louro (1997) afirma que, ao negar a esses sujeitos o espaço de legitimação da escola, isso acaba por submetê-los à ridicularização e ao insulto, pois jovens gays e lésbicas passam pelo reconhecimento de sua condição como sendo um desvio indesejado e ridículo.

Nessa esteira, levando em consideração o ponto de vista apresentado, podemos ver a escola não apenas como o lugar das várias distinções sociais, mas também como o lugar da negação da homossexualidade, pois essa condição é reduzida a um desvio indesejado e ridículo. Dessa forma, é possível ver a instituição escolar como um espaço doloroso e limitado para desenvolver demandas que envolvem pessoas e situações que fogem a padrões

sociais impostos.

Na escola, quando me chamavam de veado ou de macho-fêmea, eu chorava, me afastava de todo mundo, não saía para o recreio. Eu só tenho a 3ª série completa. Eu parei em 96... Eu parei de estudar no meio da 4ª série. Notas boas... Por causa desse preconceito que não agüentava. Não agüentei o preconceito de me chamarem de macho-fêmea, de veado, de travesti, essas coisas todas. (Kátia) (BENTO, 2011, p. 555).

Meu Deus, que horror era tudo aquilo! Eu não saía para o recreio. Eu achava que esse órgão não tinha a menor importância, que todo mundo me reconheceria como uma mulher. Muitas vezes puxavam meu cabelo e eu tinha que brigar, principalmente quando me chamavam de veadinho. (Marcela) (BENTO, 2011, p. 555).

Conforme é evidenciado por meio do trabalho de Bento, especificamente ao mostrar as experiências vividas por aquelas/es que cruzam as fronteiras de gênero, no que se refere à escola como local que se rememora o estigma da violência sofrida, da solidão e do conflito corporal. As instituições escolares são entendidas por esses indivíduos como um local onde se é vítima da violência, mas, ao mesmo tempo, onde se desenvolvem performances de autoproteção, as quais vão desde a desistência da escola até atos de violência, como é o destacado pela entrevistada Marcela.

A forma como a escola se estrutura como locus violento para gays e lésbicas pode ser visto em inúmeros relatos, ditos por aquelas e aqueles que sofreram ou sofrem opressões devido ao modo como vivenciam gênero e sexualidade, fugindo dos padrões heteronormativos.

Eu sempre me senti um peixe fora d'água na escola. Algumas lembranças me doem até hoje. Eu era literalmente um estranho, sabe como é? Você passa e todo mundo aponta, diz alguma coisa, solta uma piada ou sussurra baixinho e você sente que é sobre você. [...] Eu tinha raiva de ir pra escola quando eu era criança. A professora mandava eu endurecer a munheca e gritava que desmunhecar era coisa de homem que não prestava e meus colegas riam de mim me chamando de mulherzinha. Tem uma frase que os meninos diziam direto: “professora ele é diferente da gente.” (RIOS *et al.*, 2017, p. 233).

Todas essas falas são expressões de como a homossexualidade é experimentada dentro dos diversos ambientes escolares. Essas memórias são lembranças dolorosas de situações de insultos vividas por diferentes sujeitos. Nesse viés, podemos pensar como esses lugares constituem lembranças dolorosas para uma infinidade de pessoas que experimentam seu gênero e sexualidade como motivo de vergonha, violência física e simbólica.

Além das experiências discentes a respeito da homossexualidade no espaço escolar, creio ser importante também discutir sobre narrativas de vida de professores gays, de como essa condição é vivenciada do outro lado do birô, pois é importante sinalizar que a

condição de homossexual nas instituições escolares não é algo restrito e doloroso apenas para o público discente, mas também para um número expressivo de docentes, o qual vive na pele a condição de ser uma professora lésbica ou um professor gay.

Sabe... eu sofri tanto na escola, por ser gay, que não posso me dar o direito de cometer os mesmos erros. Procuo desenvolver uma prática pedagógica que seja o mais inclusiva possível. Eu chamo de pedagogia da inclusão. A gente vai participa de um curso aqui, outro ali e vai percebendo que é preciso mudar nossa prática, mas te confesso que não é algo fácil. Chega um momento em que a gente fica meio briguento e passa a reivindicar mais direitos[...] e disso sem medo que minha história de vida me ajuda a ser um profissional melhor. (RIOS *et al.*, 2017, p. 236).

O excerto apresentado constitui uma narrativa de vida de um professor gay, o qual, ao lembrar-se da sua infância de preconceitos, apresenta sua posição política enquanto professor e gay. Seu campo político e pedagógico ganha significado naquilo que ele denomina “pedagogia da inclusão”, ressaltando que é sua própria história de vida que o ajuda a ser um professor melhor. Esse fragmento ajuda a demonstrar como professoras e professores homossexuais podem vivenciar a experiência da homofobia dentro do ambiente escolar, ao lembrar suas histórias de vida e militância em defesa de uma escola mais inclusiva.

Segundo Molina (2013) ao citar Connelly e Clandini, essas narrativas são importantes instrumentos metodológicos neste tipo de abordagem de cunho qualitativo, pois são situações, que tomam por base a experiência de vida dos sujeitos pesquisados. Por isso, é importante, para que se construa uma escola democrática, propor uma discussão sobre gênero na escola, pois se está diante de todo um campo político e conflituoso, o qual pode envolver não só estudantes, mas também docentes, que são submetidos a situações violentas e vexatórias. Destarte, é preciso fazer um debate entre gênero e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e compreender como essa discussão tem despertado ataques fundamentalistas, mas também de resistência política. Para isso, é importante perceber que o processo de construção da BNCC foi um campo de diversas disputas políticas, que envolveram aqueles que almejam um ensino progressista e os que desejam uma escola impositora de padrões heteronormativos.

Conforme Carreira (2019), o processo de construção da BNCC, nas versões apresentadas, foi posto como uma forma de desconstruir qualquer discurso ou agenda, que tenha por meta a promoção da igualdade de gênero a partir da proposição de políticas educacionais no Brasil.

Ao mesmo tempo em que a igualdade de gênero se constitui como pressuposto democrático para a escola atual; no processo de formulação da BNCC, a discussão de gênero se deu como um assunto bastante perturbador. No entanto, não se pode cair no risco de

reduzir o termo a uma especificidade social e histórica.

Para Carreira (2019), ao utilizarmos o termo gênero, não estamos falando exclusivamente de mulheres e da população LGBTQIA+, ou simplesmente das lutas sociais vivenciadas por esses sujeitos, mas de um conjunto de situações que desnaturalizam desigualdades históricas, as quais, ao longo do tempo, estiveram estruturadas a partir de concepções de corporalidade, em que o gênero deve ser entendido como toda uma existência humana, isto é, como o indivíduo se coloca no mundo, consigo mesmo, na condição de corpo de convivência com o outro.

Por último, cabe ressaltar quatro pontos: primeiro, a importante contribuição dos teóricos da Sociologia para a formulação e o estudo do conceito de gênero; segundo, a escola como espaço de debate, mas também de conflitos, onde coexistem posturas conservadoras e libertárias em relação a uma discussão sobre gênero e diversidade sexual; terceiro, como os marcos educacionais no Brasil sofrem ataques fundamentalistas em relação à educação sexual na escola; e quarto, como as constantes versões da BNCC foram pensadas como forma de impedir ou dificultar quaisquer discussões em torno de uma igualdade de gênero.

2.3 Os laços e enlaces entre a Literatura, a Sociologia e o gênero

Ao tentar relacionar Literatura, Sociologia e os estudos de gênero, o que buscamos é desenvolver discussões e metodologias que fortaleçam a Sociologia enquanto saber científico e didático, dentro do currículo escolar, especialmente se levarmos em conta sua recente introdução como disciplina obrigatória no ensino médio.

Dessa forma, cabe dizer que a Sociologia necessita de uma interdisciplinaridade, que busque estruturá-la como um saber urgente e necessário para entender os desafios do contemporâneo. Como um saber que tem como foco a compreensão da realidade social, propomos que a Sociologia dialogue com a Literatura no sentido de produzir o entendimento de contextos sociais, tendo como objeto de análise as produções literárias no que tange ao debate de questões que envolvem corporalidade, sexualidade e relações de gênero.

Nesse sentido, segundo Pereira (2016), as produções literárias podem ser utilizadas como instrumento que serve para refletir temáticas que abordam corpo, sexualidades, gênero, afetos, desejos e relações étnico-raciais, pois, além dessas questões estarem contidas dentro do pensamento social brasileiro, possuem conexão com os conteúdos existentes no campo disciplinar da Sociologia.

Diante dessa proposta, destacamos que a Sociologia pode e deve recorrer à

Literatura como forma de construir um debate sobre uma pluralidade de temas presentes no mundo atual, no sentido de entender, como os textos literários, produzidos em determinados contextos sociais, abordam questões de gênero e sexualidade, sendo esse o objetivo exposto neste trabalho.

Contudo, esclarecemos que, ao propormos uma relação de análise entre a Sociologia e a Literatura, é impossível, do ponto de vista da pesquisa, estabelecer um estudo sobre toda a produção literária. Desse modo, o nosso objeto de discussão se dá em cima da Literatura Naturalista, pois é justamente o naturalismo que servirá como objeto de debate dessa pesquisa.

Pereira (2016), ao citar as contribuições de Antônio Cândido e Merquior no que tange a esse assunto, ainda afirma que a produção do romance ficcional, no final do século XIX, definida como pós-romântica, agiu para mostrar a realidade e os costumes e valores da época, isto é, ao enfatizar a realidade social e o determinismo biológico científico, destaca o naturalismo como um exemplo de escola literária que porta tais características.

Dessa forma, a reflexão sociológica é possível por meio da prática de leitura. Para embasar esse ponto de vista, salientamos que, segundo Cosson (2009), em *O cortiço*, é possível que se trabalhe com as/os alunas/os temáticas que fazem referência à moradia ou sexualidade e assim esperar que as/os estudantes acessem, em seus projetos, entendimentos mais específicos em relação a esses temas de modo geral.

Outro trabalho que merece destaque é o de Bezerra e Romko (2016), o qual tem como escopo a Sociologia e a Literatura. Esses autores, ao fazerem uma reflexão sobre o uso da ficção na transposição didática, mostram como o estudo de gênero e das relações étnico-raciais impõem resistências que desafiam as/os alunas/os a pensarem suas próprias identidades. Isso destaca a importância da Sociologia como saber científico e didático, o qual, ao se relacionar com outros saberes, pode servir de auxílio para debater certos temas.

Desse modo, a Literatura Naturalista, devido ao seu peso histórico como romance que revolucionou a segunda metade do século XIX por meio de uma linguagem acessível e, por que não dizer, atrativa para a/o leitora/leitor, pode constituir-se num importante estímulo à leitura e discussão de gênero nas aulas de Sociologia.

A proposta do Romance Naturalista para uma análise de gênero surge, especificamente, como modo de pensar estereótipos, preconceitos e a construção de marcadores sociais e de gênero a partir de textos literários. Ao estabelecer a relação entre Sociologia, Literatura e estudo de gênero, podemos produzir um importante instrumento pedagógico e interventivo no contexto da sala de aula, o qual tenha como objetivo pensar o

gênero como social e historicamente instituído sob vários aspectos, inclusive nas produções literárias.

No entanto, é necessário destacar certa confusão separatista entre o que entendemos por Realismo/Naturalismo, pois só assim poderemos detalhar o que motivou a escolha da escola literária naturalista. Segundo Provença Filho (1992), é preciso explicar uma confusão entre os termos, que, por aparecerem juntos nos manuais de história da Literatura, causam complexidade para sua definição e, conseqüentemente, para sua separação. Entretanto, para o autor, é possível estabelecer certa distinção entre os conceitos, porém, para ele, essa diferença conceitual não é fácil de fazer nas obras literárias.

Provença Filho, ao tentar fazer essa distinção, cita autores como José Carlos Lisboa, o qual, ao afirmar que o Realismo tende para uma visão biológica do homem, propõe que o Naturalismo impõe uma visão patológica deste Provença Filho ainda ressalta o pensamento de Afrânio Coutinho, o qual apresenta o Naturalismo como uma forma de Realismo ao qual são acrescentados determinados elementos que, ao mesmo tempo, o distinguem e o tornam inconfundível. Entre os elementos apresentados, podemos citar:

A concepção de que o homem é um autômato, guiado pelas leis físico-químicas, pela hereditariedade e pelo meio físico e social; b) a concepção de que as decisões de ordem moral resultam de condições psicológicas e de outras de natureza física; c) a tendência para compreensão do homem como um “caso” que deve ser analisado cientificamente; d) a preferencia por temas de patologia social-miséria, adultério, criminalidade, desequilíbrio psíquico, problemas ligados ao sexo etc.- com a mesma intenção de transformar a realidade; e) a despreocupação com a moral, desde que o fato observado e analisado tenha interesse. Daí, o amoralismo. (PROVENÇA FILHO, 1992, p. 242).

Isso ajuda a compreender que um dos principais pressupostos do Naturalismo é se debruçar, cada vez mais radicalmente, sobre o comportamento humano. Além do mais, não se pode esquecer o contexto histórico da época, pois as leis científicas preconizavam quaisquer estudos e valores a respeito do homem e da natureza, daí o aspecto materialista preponderante no Naturalismo.

Cumpramos também, a respeito da corrente naturalista, a sua busca de compreensão do homem como um “caso”, o qual deve ser analisado a partir de pressupostos científicos. Além disso, a atmosfera científica na Literatura foi um dos pressupostos que fizeram da Literatura Naturalista um modo de observação e experimento social.

A escolha do Romance Naturalista como objeto de análise desta pesquisa foi justamente motivada pela abordagem de temas como a homossexualidade, que, nos textos do século XIX, eram constantemente tratados por diversos autores, especialmente escritores brasileiros, como Adolfo Caminha e Aluísio Azevedo. Apesar desses textos estarem situados

historicamente no século XIX, o destaque que dão à temática mantém uma forte relação com a urgência de um debate de gênero na sala de aula.

Com uma visão materialista a respeito da vida, o Naturalismo se afastou de qualquer postura idealista a respeito da existência humana, vindo à tona, com isso, seu aspecto material e concreto da vida, o qual passou a ser aplicado fortemente na Literatura.

Desse modo, caberia questionar se o romance Naturalista, como expressão da vida material, pode ser visto como uma escrita mimética, no sentido de imitar ou representar a realidade. Se essa situação é possível, como a Literatura Naturalista escreveu nas suas páginas situações que constituíam a realidade da época?

Não obstante, a utilização da ideia de mimese não é tão simples como parece, mas ao contrário, possui enorme complexidade e pode servir de empecilho para a compreensão desse argumento.

Segundo Dantas (2021), no terceiro capítulo do livro *Tempo e Narrativa*, de Paul Ricoeur, é abordado o conceito de mimese e sua divisão em mimese I, II e III, tudo isso para fazer uma relação de estudo entre tempo e narrativa⁴. Diante disso, iremos propor o termo narrativa como sendo a produção literária de uma dada época, no caso aqui exposto, a produção Naturalista.

Dantas afirma que, para Ricoeur, a compreensão da função narrativa estaria no caráter temporal da experiência humana, em que o mundo relatado por qualquer trabalho narrativo é sempre a expressão temporal desse mesmo mundo. Além disso, esse tempo só se humaniza na medida em que é articulado de forma que possa ser narrado, assim, seu significado como ato narrativo só existe quando constitui a expressão dessa condição temporal⁵.

Nessa esteira, é possível compreender a função narrativa na medida em que esta constitui a materialização de uma experiência humana e temporal do mundo. Como, também, o ato de narrar possibilita a humanização do tempo, isto é, um tempo que só é humanizado na medida em que pode ser comunicado a outras pessoas. Por último, o próprio significado da narrativa estaria no fato de ela ser a expressão da experiência temporal e humana.

Para Dantas, é na poética de Aristóteles que Ricoeur vai buscar a noção de mimese, a qual, etimologicamente, pode ser traduzida por imitação ou representação. No entanto, cabe salientar que, segundo o autor, em Aristóteles, mimese não representa pura e

⁴ DANTAS, Danilo Fraga. Musicando a hermenêutica ou os três níveis da operação mimética. Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: <http://www.petcom.ufba.br/arquivos/musica12e3.doc>. Acesso em: 17 jan. 2021.

⁵ DANTAS, Danilo Fraga. Musicando a hermenêutica ou os três níveis da operação mimética. Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: <http://www.petcom.ufba.br/arquivos/musica12e3.doc>. Acesso em: 17 jan. 2021.

simplesmente uma cópia, como queria Platão. O estudo esclarece que, para Ricoeur, deve se entender a mimese, no sentido aristotélico, como sendo uma imitação criadora; e, no sentido platônico, não simplesmente como uma representação, mas como uma fenda que abre uma brecha para a ficção⁶. Assim, Dantas conclui que, para o autor francês, a mimese é a “imitação ou a representação da ação no meio da linguagem métrica”, não como mera imitação, mas como criação; não como mera representação, mas como possibilidade imaginativa⁷.

Segundo Dantas (2021), Ricoeur subdivide o conceito de *mímeses* em três níveis: mímeses I, II e III, os quais podem ser definidos como os tempos da prefiguração, configuração e refiguração, em que o ato de narrar passa do tempo prefigurado da ação, do nível do vivido e da experiência humana (mimese I), para um tempo configurado simbolicamente pela composição narrativa (mimese II), a uma situação na qual a obra comunica uma experiência a alguém. Esse ato de comunicação por meio da obra é o que definimos como tempo refigurado (mimese III), que restitui a ação o tempo vivido da/do leitora/leitor, isso completa, segundo ele, o ciclo operacional narrativo, sem nunca fechar completamente o sentido, isto é, mantendo sempre a condição dialética⁸.

Em outras palavras, poderíamos entender o chamado *ciclo da mimese* da seguinte forma: primeiramente, o ato de narrar seria a passagem do que ele define como tempo prefigurado, a experiência vivida, e aí teria a mimese I; depois, teríamos o chamado tempo configurado de forma simbólica, que seria a própria forma narrativa, ou seja, o modo como é estruturada simbolicamente: seu corpo e todos os elementos que estão interligados formando sua estrutura, logo, teríamos a mimese II. Por último, temos o chamado tempo prefigurado, que é a forma imaginativa como a/o leitora/leitor representa novamente a ação narrativa que lhe foi comunicada⁹.

A representação, segundo a análise realizada por Dantas, ocorre de acordo com o tempo de vida de quem lê: seria o significado que a narrativa passa a ter a partir da experiência de vida da/do própria/o leitora/leitor, e aí temos a mimese III. Desse modo, completa-se o ciclo da operação narrativa, tendo o sentido narrativo como um devir e como uma ação dialética¹⁰.

Todas essas análises a respeito de tempo e narrativa serão de grande valia para o

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

⁹ DANTAS, Danilo Fraga. Musicando a hermenêutica ou os três níveis da operação mimética. Salvador: UFBA, 2021. Disponível em: <http://www.petcom.ufba.br/arquivos/musica12e3.doc>. Acesso em: 17 jan. 2021.

¹⁰ Idem.

que vamos discutir a seguir, que é a relação existente entre textos literários e a realidade. Estudar essa relação é condição estruturante para a pesquisa.

Gémes (2008), na sua tese de doutorado, faz uma observação importante acerca dos textos literários e suas relações com a realidade ao afirmar que os textos literários podem ser divididos em duas categorias: primeiro, uma Literatura que, por não romper com a ideia de realidade da época, tende a ser compatível com essa realidade; e segundo, uma Literatura inversa, a qual, ao romper com o momento em si, pode ser considerada como não compatível com a realidade.

Da mesma forma, Gémes (2008), ao realizar seu estudo a respeito da relação entre realidade e textos literários, julga também prudente usar a ideia de *círculo da mimese*, de Ricoeur, ao asseverar que, para o escritor francês, existe entre a realidade e o texto uma relação complexa e recíproca, fazendo com que este seja antecipado pelo que denomina de *texto cultural total*. E que os discursos que compõem o *texto cultural total* são formas expressivas e efêmeras da realidade. Ao usar o conceito de *texto cultural total*, o autor se refere basicamente a todos os enunciados, ideias e valores que caracterizam uma determinada sociedade, isto é, todos os discursos que constituem uma sociedade.

No entanto, esses discursos seriam expressões de formas momentâneas da realidade, e o texto seria antecipado por essa totalidade discursiva, seria antecipado por uma infinidade de discursos presentes no meio social.

Gémes (2008), ao recorrer ao mesmo conceito de *mímeses* utilizado por Ricoeur, nos quer informar que, para o escritor francês, não se trata aqui de analisar a realidade como tal, mas sim de um modelo de realidade individual e coletiva, que ocorre de forma pré-inscrita, sendo mutável como momento histórico e como processo histórico, o que podemos definir aqui como uma mudança sincrônica/diacrônica, a qual ocorre ao mesmo tempo e de modo processual.

Para Gémes (2008), o esquema de Ricoeur ajuda a entender como os indivíduos atribuem significado e se apropriam do mundo a sua volta, sendo o texto a materialização de noções, convicções e interpretações da realidade que se manifesta no que ele chama de *texto cultural*.

2.4 O Naturalismo: uma Literatura aberta e pioneira sobre a homossexualidade nos tempos modernos

Conforme já sinalizado nesta dissertação em relação ao conceito de *texto cultural*

total, se entendermos essa ideia como sendo relacionada a estudos culturais, daquilo que engloba todos os enunciados, ideias e valores de uma sociedade, poderemos afirmar que a Literatura pode carregar consigo ideias e valores sociais, os quais, mesmo de forma inconsciente, constituem um modo de escrita do mundo que nos cerca.

Diante desses pressupostos, é arriscado, mas também é necessário para este trabalho, pensar a Literatura Naturalista, em relação à homossexualidade, como sendo uma captação do *texto cultural*, ou seja, dos valores, ideias e enunciados sobre essa condição, de acordo com a época da produção literária. Isto é, ao escrever de modo pioneiro e aberto em relação à homossexualidade, o Naturalismo apresentou, nos tempos modernos, uma forma de representar e imaginar a homossexualidade, tendo por base os valores e ideias da época.

Assim, caberiam os seguintes questionamentos: Por que é justamente no Naturalismo que a homossexualidade é tematizada de modo aberto pela primeira vez na Era Moderna? Quais pressupostos permitiram uma escrita pioneira sobre o tema, dentro do contexto moderno?

Como foi destacado por Provença Filho (1992), o Naturalismo demonstrou preferência por temáticas de cunho patológico ligadas à miséria social humana, como o adultério, o crime, o desequilíbrio psíquico e o sexo, tudo isso associado a uma despreocupação moral.

Desse modo, podemos concluir, segundo as observações feitas pelo autor, que, ao tratar de temas até então excluídos das produções literárias e ao desprezar questões morais, o Naturalismo possibilitou um tipo de Literatura aberta e pioneira a respeito da homossexualidade em pleno século XIX.

Ao se despir do idealismo romântico e romper com os limites realistas, o Naturalismo pôde fazer surgir uma escrita comprometida não com pressupostos morais, mas em narrar fatos até então silenciados e que, naquele momento, passaram a despertar o interesse de serem observados.

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e “hermafroditismo psíquico” permitiu, certamente um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”; mas também possibilitou a constituição de um discurso “de reação”: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua naturalidade, e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico. (FOUCAULT, 2014, p. 111).

A leitura do fragmento acima nos permite ver que a questão da homossexualidade, no século XIX, não estava restrita à área médica ou jurídica, pois a própria Literatura estava

impregnada com esses discursos em relação ao sujeito homossexual.

Sendo assim, caberia supor que, se utilizarmos o conceito de *texto cultural total*, proposto nas análises de Ricoeur, como sendo a totalidade dos enunciados, ideias e valores de uma dada sociedade e, assim, entendermos esse *texto cultural total* como algo que vai caracterizar uma determinada sociedade, somente dessa forma, podemos associá-lo à ideia exposta no fragmento de Foucault, que diz respeito a uma produção de discursos sobre a homossexualidade. Portanto, a partir disso, pensar os discursos sobre a homossexualidade como uma capitação prefigurada de enunciados, ideias e valores sobre essa condição presente no *texto cultural total*.

Ao analisar o pensamento de Foucault sobre essa condição, podemos ver que, para o autor francês, isso permitia não só controle social da “perversão”, mas também formas de resistência. Segundo ele, o discurso usado para desqualificar o homossexual era também utilizado para expressar sua condição, ou seja, o discurso que servia para desqualificar também servia para legitimar esses sujeitos.

Apesar de Foucault identificar nos discursos em relação à homossexualidade um modo não só de controle dos sujeitos, mas também de resistência, o que nos interessa neste trabalho é fazer uma abordagem das produções literárias naturalistas, pensar como os discursos literários foram socialmente escritos para produzir e reproduzir preconceitos e estereótipos sobre a condição homossexual.

Muitas dessas produções literárias escreveram os corpos homossexuais como sendo portadores de preconceitos e estereótipos, os quais acabaram não apenas por expressar, mas, também, por desqualificar essa condição.

Para Cruz e Junior (2016), quando a homossexualidade é abordada nas obras literárias, é apresentada sob formas de estigmas. Para os autores, esses estigmas são descrições dos costumes e do momento cultural. Ao se referirem à obra naturalista *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, firmam que termos como “sodomia” e “uranista” são exemplos de definições para referir-se à homossexualidade no contexto da obra.

Diante disso, é importante afirmar que os termos usados na Literatura do século XIX, para referir-se ao homossexual, denotam um caráter moral e religioso, a exemplo do chamado sodomita, um termo de origem bíblica. Isso evidencia a condição marginal do homossexual nessa Literatura.

Nessa esteira, se pensarmos os conceitos de “sodomia” e “uranista” como definição da homossexualidade, é possível entender que estes são portadores de ideias e valores negativos, e, ao mesmo tempo, constituem expressão e olhar de uma determinada

sociedade sobre esses sujeitos.

Dessa forma, é importante compreender a construção desses discursos como algo relativo, pois acabam por exprimir um dado momento cultural e, assim, podem variar no tempo e no espaço. Ao serem construídos, os discursos também podem servir de agentes transformadores do próprio discurso cultural e, ao mesmo tempo, serem transformados pelas nossas próprias experiências e pela História.

Ao propor o uso de textos naturalistas como análise de gênero em sala de aula, é fundamental estabelecer o que isso significa para a leitura e a discussão em sala. É preciso pensar esses textos como sendo a expressão de discursos diacronicamente e sincronicamente determinados por um dado momento cultural, sendo, por conseguinte, a expressão de um tempo.

Assim, ao entrar em contato com uma produção literária portadora de estereótipos, preconceitos e marcadores de gênero, e vendo-a como social e historicamente produzida, é possível relativizar esses discursos. O relativismo do discurso literário será de grande importância para entender como a Literatura pode servir para a análise de gênero, isto é, saber como a escrita literária pode ser a expressão histórica do domínio de gênero.

A leitura e a discussão desses textos, em sala de aula, podem contribuir fortemente para entender como as dominações de gênero se faziam e se fazem presentes dentro do *texto cultural*. Sendo assim, o estudo das produções literárias como análise de gênero pode sugerir que, ao captar o texto cultural, a Literatura Naturalista pode ter duas serventias: produzir e reproduzir preconceitos e estereótipos sobre a condição da homossexualidade, bem como, agir na transformação do discurso cultural a partir da própria experiência histórica.

Nessa esteira, a Literatura que existe na condição de texto escrito, o qual pode ser comunicado a outros, tem seu sentido histórico e, ao mesmo tempo, relativo. Além disso, cumpre destacarmos que é na sala de aula que teremos o encontro do passado, escrito por meio da Literatura, com o presente do leitor, isto é, para quem é comunicado. No entanto, o leitor não está preso numa cápsula do tempo, podendo a partir disso, fazer do texto literário um instrumento para pensar o gênero como sendo uma produção social, histórica e literária.

3 BOM CRIOULO E O CORTIÇO: DOIS EXEMPLOS DE ESTÉTICA NATURALISTA E DE NARRATIVAS HOMOERÓTICAS

Conforme já destacado no início deste trabalho, o nosso principal objetivo é realizar uma análise de gênero tendo como foco a Literatura, especificamente, a Literatura naturalista. Para isso, é indispensável mostrar quais são as obras usadas para tal ação pedagógica. Assim, neste capítulo, fazemos uma breve exposição de dois romances naturalistas escritos na última década do século XIX, a saber: as obras *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo.

3.1 Conhecendo o autor de *Bom Crioulo*

Adolfo Caminha nasceu em vinte e nove de maio de 1867, em Aracati, no Ceará. É considerado um dos principais autores do Naturalismo brasileiro. Seus pais foram Raymundo Ferreira dos Santos e Maria Firmina Caminha. Ainda na infância, foi para a cidade do Rio de Janeiro. No ano de 1883, entra para a Marinha, chegando ao posto de segundo-tenente. Em 1888, chega a Fortaleza, onde apaixona-se por Isabel de Paula Barros, que era esposa de um alferes e chega a abandonar o marido para viver com o escritor. Desse relacionamento, nascem duas filhas Belkiss e Aglaís. Devido ao escândalo, Adolfo Caminha é obrigado a afastar-se da Marinha, passando a viver do serviço público.

A primeira obra publicada pelo autor foi o livro de poesias *Voos Incertos* (1886). Em 1893, publica *A Normalista* e só dois anos depois lança o livro *Bom Crioulo* (1895).

Além de romancista, o escritor também foi colaborador da imprensa carioca nos jornais *Gazeta de Notícias* e o *Commercio*. Seu falecimento aconteceu no ano de 1897 na cidade do Rio de Janeiro com apenas 30 anos de idade.

3.1.1 *Bom Crioulo: uma narrativa homoerótica na ficção brasileira*

Além de *O Mulato* (1881), escrito por Aluísio Azevedo, *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, se tornou a outra obra de destaque no rol das produções naturalistas brasileiras no século XIX. Tendo a homossexualidade como uma das temáticas centrais, o livro de Caminha deu espaço, na ficção, para abordar sobre um dos principais tipos humanos trabalhados pelos naturalistas da época, o sujeito homossexual.

Para Ribeiro (2017), *Bom Crioulo* não foi a primeira forma literária a tematizar a

homossexualidade, mas se destacou, entre as obras que abordaram a temática homoerótica, como a que foi recebida com maior ênfase, tanto pelo público como pelos críticos. Ainda segundo Ribeiro (2017), cumpre destacarmos que, antes de Adolfo Caminha tratar da temática do homoerotismo, um escritor português, chamado Abel Botelho, a partir de sua obra *O Barão de Lavos* (1891), pode ser considerado como um marco no uso do tema, além dos escritores Ferreira Leal, com o seu livro *Um homem Gasto* (1885); e Raul Pompeia, com o livro *O Ateneu* (1888) de

Desse modo, podemos perceber que, além de Adolfo Caminha, outros autores já haviam dado destaque às questões homoeróticas, entre eles, não podemos nos esquecer de Aluísio Azevedo, o qual, em 1890, cinco anos antes de Caminha, já havia abordado, em *O Cortiço*, a figura do homossexual, mas não com a mesma ousadia de Adolfo Caminha. Talvez por isso, *Bom Crioulo* tenha chocado o público e a crítica, pois trouxe com mais ênfase os detalhes de uma cultura homoerótica ao colocar, à disposição da sociedade preconceituosa do século XIX, as práticas do homoerotismo.

Ribeiro (2017) pontua que Adolfo Caminha passou a fazer parte dos chamados rejeitados pelos cânones da Literatura, isso pelo fato de tratar de um tema considerado polêmico para a época, isto é, as relações homossexuais num ambiente militar. Ao fazer isso, teve uma postura tida como avançada, especificamente, ao relacionar as experiências homossexuais a uma “instituição sagrada” como os espaços militares. Sagradas no que concerne a um espaço de masculinidade heteronormativa e compulsória. Por esse motivo, segundo Ribeiro (2017), *Bom Crioulo* insere-se nos quadros de um romance maldito, ao ser recebido de modo extremamente negativo pela crítica da época.

Diante do que foi exposto, fica evidente como o romance naturalista brasileiro, em específico o Naturalismo de Caminha, ao abordar a questão da homossexualidade, foi sujeito a toda uma crítica negativa na época. Isso nos permite perceber que, apesar dos avanços que a Literatura brasileira vivenciava naquele momento de derrubada dos antigos cânones, isso não excluiu as repressões sofridas pelo autor ao tematizar vidas homoeróticas em ambientes extremamente masculinos, como os militares.

Araújo (2015), ao afirmar que a publicação de *Bom Crioulo* ocorreu no ano de 1895, faz uma importante observação, a saber: a publicação ocorreu no mesmo ano em que o escritor inglês Oscar Wilde foi condenado na Inglaterra pelo crime de viver um amor que não podia se dizer o nome.

Ao fazer a relação entre o ano de publicação da obra de Caminha com a condenação de Oscar Wilde, mostra como esses fatos ocorreram sincronicamente no fim do

século XIX. Assim, o autor parece querer sugerir como esses acontecimentos estão, de algum modo, relacionados, no que tange à situação histórica dos homossexuais naquele momento.

Araújo (2015) também afirma que o romance de Caminha pode ser considerado um marco nos estudos sobre o homoerotismo na Literatura brasileira, especialmente quando cita João Silvério Trevisan, militante do movimento LGBT, o qual coloca *Bom Crioulo* como sendo o lugar onde, pela primeira vez, um homossexual aparece como o protagonista e a própria relação homossexual é protagonizada.

Desse modo, Araújo (2015) reafirma o posicionamento de Ribeiro tanto na questão de considerar Adolfo Caminha como sendo um dos marcos nesse tipo de produção como na centralidade que a temática homossexual passa a ter no contexto dessa obra. Araújo também cita o fato de que é no século XIX que a homossexualidade passa a fazer parte como tema de uma Literatura nacional, a qual, analisada sob a visão naturalista, influenciada pelo olhar científico dado à influência de Émile Zola, passa a demonstrar certos problemas sociais.

Além disso, o olhar do autor sobre a temática homossexual em nossa Literatura ajuda a compreender que, ao dar vazão ao homossexual, o Naturalismo impõe à homossexualidade a condição de mazela social e a faz objeto de estudo da própria ciência, conforme é dito no trecho a seguir: “A homossexualidade é representada como uma chaga, patologia instintiva do ser humano, a qual pode emergir em ambientes de homosociabilidades, passível, portanto, de contenção e repressão dos impulsos da natureza humana” (ARAÚJO, 2015, p. 242).

Além disso, cabe entender que a representação que o Naturalismo faz da homossexualidade permite três situações: primeiro, os homossexuais passam a protagonizar essas obras; segundo, a homossexualidade é identificada como uma patologia que acomete os indivíduos expostos a ambientes que fomentem essas relações homoeróticas; e terceiro, esse comportamento pode ser contido e reprimido.

O modo como a Literatura naturalista expõe essa questão pode ser entendido a seguir:

O naturalismo trouxe o corpo e o sexo para a cena literária, substituindo o amor cortês, praticamente espiritual, das narrativas românticas. Estas mudanças, no entanto, não sinalizam que as personagens homossexuais foram tratadas fora da heteronormatividade. Podendo perceber este fato pelo fim ao qual elas foram destinadas: castigo, decadência, expulsão e morte. (BEZERRA; SILVA, 2012, p. 179 *apud* ARAÚJO, 2015, p. 243).

Para enfatizar o modo como o Naturalismo tratou da temática homossexual, o texto acima demonstra que, apesar de existir uma mudança na cena literária, com o corpo e o sexo tomando o lugar de uma espiritualidade romântica de textos anteriores, essa mudança

não implicou numa visão positiva em relação à homossexualidade; pelo contrário, o homossexual continuou a ser visto dentro de uma regra heteronormativa, e isso se comprova mediante o desfecho de cenas em que esses sujeitos são submetidos a castigos violentos devido a tais práticas.

3.1.2 Bom Crioulo: “mãos à obra...”

Na narrativa de Adolfo Caminha, vemos surgir dois personagens que, no decorrer da obra, serão os protagonistas de um relacionamento homoafetivo ou, como diria Wilde, de um amor que não se ousaria dizer o nome. Amaro é um ex-escravo de grande força física e que, devido a essa força, acaba conquistando certo respeito social. Ele se apaixona por Aleixo, um adolescente de cabelos loiros, olhos azuis e de personalidade frágil e submissa.

É importante observar que Amaro acaba sendo construído como o oposto de Aleixo, o primeiro identificado como portador de grande força física, e o segundo como um indivíduo frágil e submisso, isto é, fora dos padrões tidos como masculinos.

O romance entre os dois acontece dentro de um navio, pois ambos estão, naquele momento, a serviço da marinha, e é nesse ambiente militar que os dois se entregam à paixão homoerótica. O modo como esse relacionamento vai acontecendo fica marcado no texto seguinte.

Nunca experimentara semelhante cousa, nunca homem algum ou mulher alguma produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã. (CAMINHA, 2009, p. 38 *apud* ARAÚJO, 2015, p. 241).

Na cena em questão, vemos como é descrita a impressão que Aleixo provoca em Amaro, contudo, ao dizer que nunca mulher alguma produziu a mesma impressão sobre ele, Amaro devia ter tido também relacionamento com mulheres, apesar de o autor não deixar isso evidente. Porém, o que se deve entender, a partir dessa cena, é como esse relacionamento vai se construindo em um ambiente profundamente masculino.

Ainda para Araújo (2015), é preciso levar em conta que o recrutamento de homens a esses ambientes masculinos, como um navio em alto mar, levava a favorecer o surgimento de desejos homoeróticos como forma de superar a solidão ali reinante.

Com isso, ao não resistir aos desejos suscitados pelo meio, a obra de Caminha cumpre um dos preceitos basilares do Naturalismo que é a imposição do meio como determinante das relações sociais, mesmo aquelas tidas como malvistas, como no caso das

experiências homossexuais.

Além da homossexualidade, outros comportamentos são suscitados naquele ambiente como modo de aliviar a solidão ali reinante, conforme é dito a respeito de outro personagem a bordo do navio. Tratava-se de outro personagem por nome de Herculano: “No convés brilhava a nódoa de um escarro ainda fresco: Herculano acabara de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa natureza, derramando inutilmente no convés seco e estéril a seiva geradora do homem” (CAMINHA, 2009, p. 38 *apud* ARAÚJO, 2015, p. 246).

Isso mostra que, além das relações homossexuais, o navio também era o ambiente para os prazeres solitários, como a masturbação. No entanto, tais comportamentos também eram criminalizados, evidenciando uma disciplina que se instituía como uma violência controladora dos corpos em seus desejos mais íntimos e ocultos.

Para Araújo (2015), essas descrições ajudam a entender uma ideia reducionista a respeito do sexo, vista apenas como uma finalidade procriadora e jamais como modo de externar desejos e prazeres a partir do toque físico individual ou entre indivíduos do mesmo sexo. Dessa forma, ao protagonizar a homossexualidade na sua obra, Adolfo Caminha evidencia que esse comportamento existe em determinados meios sociais, contudo, ele está sujeito a forte controle moral por parte daqueles que assistem a tais cenas.

Segundo Araújo (2015), esse controle dos corpos se faz presente em toda a narrativa de Caminha, pois só esses corpos, recebendo punições físicas, podem ser preparados para serem úteis e servis. Desse modo, esses castigos têm como objeto os corpos, impondo, assim, um ideal a ser seguido.

A partir dessa fala, podemos dizer que tanto a homossexualidade como a masturbação, expostas na narrativa de Caminha, estão sujeitas a uma variedade de punições, buscando, assim, uma coerção social em que esses comportamentos são duramente reprimidos. É válido destacarmos também que o romance narra um relacionamento entre Aleixo e uma portuguesa por nome D. Carolina, a qual acaba construindo juntamente com os dois primeiros um triângulo amoroso.

Nesse aspecto, é dito, por Araújo (2015), que, ao manter uma relação com Carolina, Aleixo passa a desprezar o antigo parceiro e, ao manter um relacionamento às escondidas com esse novo elemento erótico, acaba por despertar ciúmes em Amaro.

O aparecimento desse novo elemento será de enorme importância para que possamos entender o desfecho da obra. Isto é, o surgimento da portuguesa produz um novo enfoque para a compreensão desse tipo de relação no interior do romance. “Ao mesmo tempo,

Aleixo permite observar facetas da diversidade sexual humana, a qual emerge numa provável bissexualidade da personagem, que estabelece a possibilidade de trânsito de uma identidade de gênero para outra” (OLIVA, 2012, p. 217 *apud* ARAÚJO, 2015, p. 260).

Diante do exposto, é preciso pensar que essas relações não estão previamente estabelecidas no texto, ou seja, com o aparecimento de uma figura feminina a compor a estrutura erótica trabalhada por Caminha, o que parece é que, mesmo ao centrar na questão da homossexualidade, o autor deixa evidente, por meio do livro, a possibilidade de perceber uma diversidade sexual que rompe padrões binários, no sentido de uma homossexualidade versus heterossexualidade. Com isso, o autor permite ver outros comportamentos sexuais que cruzam as fronteiras de gênero.

Assim, podemos, a partir dessa ideia, perceber que Caminha, apesar de destacar a homossexualidade, mostra que existe uma diversidade sexual que emerge em certos espaços sociais, isto é, conforme ele vai construindo o contato entre os personagens.

Contudo, seria ingenuidade pensar que o autor escreve um romance a favor da diversidade sexual ou mesmo da homossexualidade. Para Araújo (2015), o que prevalece na narrativa é uma visão cientificista das mazelas sociais em que a homossexualidade é representada sob uma égide patológica e discriminatória, em que as/os personagens homoafetivas/os são subalternizadas/os devido ao fato de seu comportamento representar uma degradação moral e social, conforme pode ser observado no trecho a seguir:

Na trama do romance, verificamos um mundo de injúrias, destinado aos corpos dos personagens homossexuais, objetos de poder e manipulação. Além disso, a intersecção de estigmas de gênero e raça, sofridos por Amaro, o qual é duplamente estigmatizado pelas condições de ser negro e homossexual em uma sociedade hipócrita, regulada pelo preconceito explícito e pelas normas de uma heterossexualidade compulsória. (ARAÚJO, 2015, p. 262).

Tal visão pode ser mais bem compreendida com o fato de o romance ter fim trágico, pois Amaro acaba matando seu companheiro, conforme se observa a seguir:

Ninguém se importava com o “o outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre as baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, queriam “ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga... (CAMINHA, 1996, p. 106).

Assim, o desfecho de um homicídio cometido por Amaro, que tem como vítima Aleixo, é o reflexo de um olhar preconceituoso sobre o homossexual no contexto dessa obra. O autor qualifica essas relações homoeróticas com estigmas, os quais vão desde a violação da moral e da natureza ao desfecho final da obra, em que um dos amantes é assassinado e o outro é preso.

3.2 *O Cortiço*: um retrato da vida contemporânea e a construção do “perfil-tipo do homossexual”

Nesta parte do capítulo, expomos o romance *O Cortiço*, por ser uma obra bem mais popular que outros romances, especificamente, no ensino médio, em que a obra é estudada no decorrer do ano letivo. Sendo assim, é importante, em relação a esse estudo, destacar o contexto histórico de sua produção literária, as principais características que a fazem estar inserida entre uma das maiores amostras do Naturalismo brasileiro, bem como, o seu enredo.

3.2.1 *O autor de O Cortiço*

Aluísio Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão, em 14 de abril de 1857. Além de escritor, foi também caricaturista, jornalista e diplomata. É considerado o membro fundador da cadeira nº 4, da Academia Brasileira de Letras. Em 1881, publicou *O Mulato*, sendo o romance iniciador do Naturalismo no Brasil. Além desse romance, publicou também *O Cortiço* e *A Casa de Pensão*¹¹.

Aos dezenove anos de idade, foi levado, pelo irmão, Artur Azevedo, para o Rio de Janeiro, onde começou seus estudos na Academia Imperial de Belas Artes, sendo, logo em seguida, um dos colaboradores dos jornais *O mequetrefe*, *Fígaro* e *Zig Zag*. Em 1879, com a morte do pai, retorna ao Maranhão, onde dá início a sua carreira literária. Na ocasião, chega a publicar seu primeiro romance, *Uma Lágrima de Mulher* (1879), o qual apresenta um caráter romântico. Só em 1881, é publicado *O Mulato*, obra que é denunciadora do preconceito racial existente na sociedade da época. Esse livro, apesar de ter sido um sucesso de vendas, acaba desencadeando sobre o autor uma forte reação da sociedade, por ver-se retratada a partir dos personagens¹².

Em 7 de setembro de 1881, retornou à capital carioca, onde deu prosseguimento a uma carreira intensa de escritor, chegando a publicar contos, crônicas romances e peças teatrais. Durante essa época, procurou escrever romances mais ousados, como é o caso das obras: *O Cortiço* e *Casa de Pensão*. Aluísio Azevedo procurou incutir nessas obras temáticas, como preconceito racial, adultério e vícios, bem como, estabelecer um retrato dos estratos sociais mais pobres. Isso se tornou evidente em *O Cortiço* com o aparecimento de situações

¹¹ Disponível em: https://www.ebiografia.com/aluisio_azevedo/. Acesso em: 15 out. 2021.

¹² Idem

ligadas à formação da classe trabalhadora que vivia nos cortiços cariocas. No ano de 1895, torna-se cônsul, iniciando sua carreira diplomática em países como Espanha, Japão, Inglaterra, Itália, Uruguai, Paraguai e Argentina. Aluísio Azevedo faleceu em Buenos Aires, no dia 21 de janeiro de 1913¹³.

3.2.2 O Naturalismo de Aluísio Azevedo

Segundo Abaurre e Pontara (2010), o Naturalismo no Brasil conquistou várias/os seguidoras/es, entre elas/eles, seu principal expoente foi Aluísio Azevedo, considerado o iniciador do movimento no Brasil, em 1881, com a publicação do romance *O Mulato*. As autoras também destacam Adolfo Caminha, outro representante da corrente no Brasil.

No entanto, o que se sabe a partir dessas informações é que o Naturalismo começa a ter destaque no Brasil já no final do século XIX, isto é, no fim do Período Imperial. Assim, as principais contribuições naturalistas desse período chegam em um momento de transição política entre o fim do Império e o início da República, que chegaria oito anos depois.

Para Abaurre e Pontara (2010), *O Cortiço*, publicado em 1890, foi o último romance naturalista escrito por Aluísio Azevedo, que, sem se preocupar tanto com os personagens, traz como o principal aspecto a tese de que o homem é fruto do meio em que vive.

Bosi (2006), de modo parecido, pontua que os modelos descritivos presentes nesse romance fazem dele a expressão mais convincente do nosso Naturalismo, pois, ao descrever com precisão cenas coletivas e tipos psicologicamente primários, cumpre com estilo a forma naturalista.

Diante do que foi exposto por Abaurre, Pontara e Bosi, cabe enfatizar dois pontos importantes em relação à obra *O cortiço*: primeiro, ele foi publicado logo após a Proclamação da República; segundo, sua trama aborda um sujeito que é fruto de ambientes coletivos, ou seja, que perde sua subjetividade diante de pressões coletivas do meio em que vive. Assim, ao dar destaque a cenas coletivas em detrimento de cenas individuais, *O Cortiço* constrói um típico romance onde o ambiente é mais importante que o sujeito, sendo o segundo percebido apenas quando inserido no primeiro.

Ainda sobre *O Cortiço* e seu importante papel na história da ficção brasileira, Carvalho V. (2008) salienta que a obra constitui um dos romances mais valorosos da

¹³ Disponível em: https://www.ebiografia.com/aluisio_azevedo/. Acesso em: 15 out. 2021.

Literatura no Brasil, especificamente pelo fato de sua leitura produzir uma visão inerente ao momento histórico vivido no país, representando uma tomada de consciência do nosso subdesenvolvimento que não escapou do olhar romancista nacional.

Carvalho V. (2008), ao contrapor o herói representado em romances anteriores, como nos escritos de Joaquim Manuel de Macedo, ao modelo heroico presente em *O Cortiço*, afirma que o primeiro tinha suas origens na classe burguesa e era um tipo alienado em relação às mazelas do país, fossem elas políticas ou sociais; já o segundo é oriundo das classes trabalhadoras e experimenta, na própria carne, as contradições do mundo capitalista.

Ao seguir esse ponto de vista, é preciso levar em consideração a importância de *O Cortiço* como expressão de uma Literatura nacional ao exprimir uma tomada de consciência em relação a uma infinidade de problemas sociais e políticos, as quais, agora, passam a servir de inspiração para os autores romancistas; além disso, é possível pensar essa obra dentro de um projeto de ficção que serviu para construir um olhar sociológico sob a sociedade brasileira, pois é nesse tipo de romance que os personagens, idealizados nos modelos anteriores, cedem lugar a personagens reais, problemáticos, políticos e socialmente explorados.

3.2.3 *O Cortiço*: “mãos à obra...”

Conforme o próprio título da obra demonstra, o romance busca descrever, em suas páginas, o modo de vida coletiva dos cortiços cariocas no final do século XIX. Ao fazer isso, deu visibilidade a uma existência coletiva e, ao mesmo tempo, às péssimas condições de existência dos inúmeros moradores pobres que habitavam essas instalações. Não podemos esquecer de que é justamente nas obras naturalistas que ambientes e sujeitos pobres passam a figurar como temática de grande destaque.

É no livro *O Cortiço* que a ótica naturalista constrói uma enorme quantidade de personagens expostos às auguras de uma vida coletiva problemática e condicionada a um certo determinismo, em que o meio social e os aspectos biológicos desses personagens acabam por produzir personalidades patológicas. O fragmento, a seguir, parece fortalecer essa ideia.

A perspectiva naturalista ajuda a compreender o mecanismo d’*O Cortiço*, porque o mecanismo do cortiço nele descrito é regido por um determinismo estrito, que mostra a natureza (meio) condicionando o grupo (raça) e ambos definindo as relações humanas na habitação coletiva. Mas esta força determinante de fora para dentro é contrabalançada e compensada por uma força que atua de dentro

para fora: o mecanismo de exploração do português, que rompe as contingências e, a partir do cortiço, domina a raça e supera o meio. O projeto do ganhador de dinheiro aproveita as circunstâncias, transformando-as em vantagens, e esta tensão ambígua pode talvez ser considerada um dos núcleos germinais da narrativa (CANDIDO, 2004, p. 119 *apud* CARVALHO V., 2008, p. 8).

Dessa maneira, podemos depreender que, ao construir grupos inferiores em suas relações sociais, no caso, ao mencionar a questão da raça como algo que condiciona uma relação social, *O Cortiço* acaba por deixar subscrita a existência de grupos superiores, aqui entendidos na figura do português. Contudo, segundo Antônio Cândido, essas relações de inferioridade e superioridade são contraditórias devido a um choque de forças existente no seio dessas próprias relações, mas seriam elas o projeto gerador da obra.

Ao se pensar como estão dispostas as relações sociais presentes no livro, merece destaque o pensamento de Carvalho V. (2008) a respeito de como identifica os personagens e as características presentes em *O Cortiço*, especialmente ao afirmar que essa Literatura representa a aglutinação de sujeitos ficcionais compostos por três categorias: o português, o negro e o homem reduzido a um animal, e descreve que a categoria do negro também comportaria os chamados mestiços e todos aqueles que, mesmo sendo brancos, estão sujeitos às mazelas sociais impostas à negritude.

É importante destacar que, para a autora, essas três categorias: o português, o negro e o homem – o qual passa a ser visto como animal – firmam a ordem narrativa. E, ao tomar em específico a categoria do negro, a identifica como bem mais ampla, porque está associada a grupos que, como os negros, emergiram dos mesmo espaços sociais. Ou seja, só pelo fato de viver no mesmo espaço dos negros havia uma identificação com esse grupo.

Sobre a animalização do homem presente no cortiço, além de Carvalho, outros autores fazem importantes colaborações a esse respeito. Em relação a essa ideia, o fragmento seguinte pode servir para clarear nossa análise.

O branco, predatório ou avacalhado, sem meio-termo; o mulato e o negro, desordenados, fatores de desequilíbrio, todos têm na economia d' *O Cortiço* uma espécie de destino animal comum, acentuado pelo gosto naturalista da visão fisiológica, a tendencia a conceber a vida como soma das atividades do sexo e da nutrição sem outras esferas significantes. (CANDIDO, 2004, p. 122 *apud* CARVALHO V., 2008, p. 6-7).

De acordo com Candido, no naturalismo presente em *O Cortiço*, existe uma redução dos personagens a uma atividade animalesca, ou seja, o gosto pela animalização, pelos aspectos fisiológicos e sexuais, inclusive estes se sobrepondo ao restante da vida dos personagens constitui uma característica desse tipo de naturalismo.

No decorrer do enredo, o livro narra a história de vida de um português chamado

João Romão que é identificado como sendo espertalhão e gatuno, o qual vive amigado com uma escrava por nome Bertoleza. Além de João Romão e Bertoleza, outros personagens de destaque no livro atendem pelo nome Miranda, que mora em um sobrado vizinho ao cortiço; e o outro atende pelo nome Jerônimo, um português que vai fazer par com Rita Baiana, uma mulata descrita como sensual e também moradora do cortiço.

Segundo Silva (2009), no final do século XIX, o Brasil era o destino de milhares de pessoas, entre elas, italianas/os, portuguesas/es somados às/ os inúmeras/os brasileiras/os que tinham origem no processo de miscigenação. Sendo assim, era comum que obras naturalistas abordassem esses tipos humanos presentes na sociedade brasileira.

De acordo com a abordagem acima, é possível propor que *O Cortiço*, como expressão das vozes do Naturalismo do Brasil, tem destaque porque permite a identificação desses tipos humanos que passaram a ganhar forma dentro da ficção naturalista. Sobre a identificação desses tipos, o fragmento a seguir permite torná-la mais evidente.

Outro ponto da contemporaneidade na obra em estudo é a diversidade de tipos humanos, que povoam a obra. Estes tipos constituíam a sociedade brasileira do final do século XIX. Naquela época, especialmente nas cidades como o Rio de Janeiro, tipos como soldados, pedreiros, imigrantes italianos, homossexuais, lavadeiras, capoeiristas e curandeiros, faziam parte da classe mais baixa da sociedade e viviam em situação miserável, em habitações coletivas exploradas por portugueses, que viam na formação dos cortiços uma maneira de enriquecer. (SILVA, 2009, p. 23).

O que se observa, pelo que é exposto acima, é que *O Cortiço* reúne uma pluralidade de tipos humanos e mostra como estes, vindos das camadas sociais mais miseráveis do Rio de Janeiro, eram sujeitos a todo tipo de exploração.

Em relação aos personagens e aos comportamentos vivenciados no interior do cortiço, é importante tocar no fato de que, entre os tipos humanos presentes no romance, o homossexual parece figurar um tipo específico de sujeito agora descrito e marcado por esse modelo de Literatura.

No livro *O Cortiço*, a homossexualidade pode ser identificada, ao menos de forma mais evidente, em dois personagens, um chamado como velho Botelho e outro como Albino. O primeiro vive na casa de um português que atende pelo nome Miranda, o qual mora vizinho ao cortiço; o segundo é Albino, um lavadeiro descrito como afeminado. No fragmento a seguir, é exposta umas das cenas sobre o velho Botelho.

E creia que lhe falo assim, porque sou seu amigo, porque o acho simpático, porque o acho bonito! E acarinhou-o tão vivamente dessa vez, que o estudante, fugindo-lhe das mãos, afastou-se com um gesto de repugnância e desprezo, enquanto o velho lhe dizia em voz comprimida: — Olha! Espera! Vem cá! Você é desconfiado! (AZEVEDO, 1997, p. 20).

Nessa partícula de texto, temos um diálogo entre um rapaz, cujo nome é Henrique, o qual é estudante. Ao ser abordado pelo velho Botelho, fica evidente a forma como a cena descreve as investidas deste, o modo como dirige galanteios e acaricia as mãos do rapaz. Em outros termos, os gestos narrados na cena deixam implícito que ali existe uma investida amorosa de Botelho para com o jovem estudante.

Porém, o modo como termina o encontro entre eles, ou seja, Henrique fugindo com uma atitude de desprezo e repugnância perante a insistência do velho, demonstra como, na obra, as investidas homossexuais, mesmo implícitas, são descritas de modo patológico e repugnante, pois esse é o olhar naturalista sobre a homossexualidade, a qual, como fica evidente no texto, é vista como doentia e imoral no contexto da ficção.

Além de Botelho, Albino também é identificado na obra como um personagem homossexual. No fragmento seguinte, podemos inferir como esse sujeito é representado.

A figura do homossexual é representada por Albino, um rapaz que vivia no cortiço e lavava roupa para outras pessoas. Albino era amigo de todos e sempre estava procurando apaziguar as brigas entre os casais. Nos dias de carnaval, o rapaz gostava de se vestir como dançarina e ir dançar nos bailes. (SILVA, 2009, p. 37).

No trecho existe uma representação específica de Albino, isto é, sua condição de homossexual é associada a uma atividade tida como feminina – o fato de o autor apresentá-lo como um lavadeiro. Outro fato apresentado para a constituição desse personagem se dá quando o autor diz que, no Carnaval, o rapaz gostava de se vestir como dançarina.

Desse modo, a homossexualidade, no texto naturalista, além de ser uma categoria presente no cortiço, passa a figurar ao lado dos trabalhadores, lavadeiras, capoeiristas entre outros, ou seja, ao lado de uma parcela da sociedade brasileira marcada pela pobreza e exploração cotidiana.

O romance tem um final trágico, pelo menos para Bertoleza, a escrava que, por ter sido enganada por João Romão, comete suicídio no final da obra. Já João Romão termina se casando com Zulmira, filha de Miranda.

Por fim cabe dizer que o naturalismo, presente em *O Cortiço*, permitiu uma Literatura que, ao fugir das ideias românticas e burguesas, devido a sua preferência por sujeitos concretos e oriundos de classes subalternas, deu lugar a uma ficção objetiva e serviu para denunciar os problemas da sociedade brasileira. Já em relação à homossexualidade, podemos dizer que, além de mostrar a condição do homossexual, essa Literatura serviu para reiterar, a partir da descrição desses sujeitos, o preconceito da sociedade do século XIX em relação a uma cultura homoerótica.

4 O PROFESSOR-PESQUISADOR E O SEU FAZER INTERVENTIVO

Esta pesquisa propõe o uso da Literatura nas aulas de Sociologia, possibilitando a relação de diálogo entre essas disciplinas, com o propósito de realizar uma análise de gênero. Desse modo, a construção de um referencial teórico e metodológico é indispensável para o debate.

Assim, a escolha de um bom caminho metodológico é tarefa fundamental para a execução do trabalho, pois é justamente a metodologia que estabelecerá a credibilidade da escrita. Apesar de essa pesquisa ter sua aplicabilidade na sala de aula, ela não perde sua característica enquanto trabalho de campo que contém caráter dissertativo. Para isso, optamos por uma metodologia qualitativa, pois julgamos ser mais eficaz na situação aqui posta, especialmente pelo fato de essa pesquisa ter possibilitado enorme interação entre os partícipes do processo, contando com a produção colaborativa das/os estudantes em sala de aula, por isso os métodos qualitativos foram de grande valia neste caso.

A escolha de uma metodologia qualitativa, em detrimento de um método quantitativo, não pode ser vazia, mas orientada pela necessidade do próprio campo de pesquisa, como fica evidente a seguir.

[...] os qualitativistas afirmam, seja a superioridade do método que fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto de maior relevância do aspecto subjetivo da ação sociais face à configuração das estruturas sociais, seja a incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e dos fenômenos únicos. (HAGUETTE, 2013, p. 59).

Para esta pesquisa, a metodologia qualitativa parece constituir a forma mais adequada de estudo. Isso se dá devido à característica complexa e subjetiva do trabalho, a qual tem sua aplicação a partir da leitura, do entendimento e do debate acerca de produções literárias nas aulas de Sociologia.

De acordo com Haguette (2013), os métodos qualitativos servem para investigar situações específicas de um fenômeno, levando em conta sua origem e condição de existência.

Para Chizzotti (2017), no estudo sobre os pressupostos da pesquisa qualitativa nas Ciências Humanas e Sociais, os defensores da abordagem qualitativa postulam que estas não devem estabelecer seus saberes a partir de abordagens quantitativas. Além disso, afirma que as Ciências Humanas, ao terem por objetos de estudo o ser humano, seu comportamento e a condição social, existem enquanto saberes específicos e de métodos próprios.

O diálogo com Chizzotti leva a supor que, para os defensores dos métodos qualitativos, estes se insurgem quase como uma metodologia própria das Ciências Humanas.

Dessa forma, podemos concluir que a escolha de metodologias qualitativas para esta pesquisa, devido à condição específica do estudo, surge como uma decisão acertada, pois, sendo a Sociologia e a Literatura saberes subjetivos, a opção por esta abordagem parece o mais lógico a ser feito.

4.1 O estudo qualitativo

Ao fazer a opção pela abordagem qualitativa para a execução do trabalho, é de grande importância a escolha de técnicas adequadas, a qual objetive a coleta das informações necessárias.

Para Chizzotti (2017), a pesquisa com métodos qualitativos se dá a partir de técnicas que possibilitam conhecer situações específicas, como a observação participante, histórias, relatos de vida, análise de conteúdo e entrevista, os quais não constituem modelos únicos e exclusivos. As técnicas estão sujeitas à capacidade de invenção da/o própria/o pesquisadora/pesquisador, que deve adequá-las ao próprio campo de pesquisa e aos sujeitos que investiga.

Em relação ao uso de uma Observação Participante, Chizzotti (2017) diz que essa técnica possibilita o contato entre a/o pesquisadora/pesquisador e a situação observada, tendo por meta ver os sujeitos em seu próprio contexto, levando em consideração suas perspectivas e visões de mundo.

Ainda em relação a esse método, Chizzotti (2017) afirma que pode significar uma “descrição fina” de uma determinada situação de indivíduos em circunstâncias subjetivas e particulares, do momento e configuração social, da temporalidade e suas variantes, das atitudes e seus significados, de situações de conflito e sintonia, no que se refere a condições interpessoais e sociais, e às ações e comportamentos em função da realidade.

Também Minayo (2001), sobre o uso da Observação Participante, enfatiza que, por se realizar a partir do contato direto da/o pesquisadora/pesquisador com o fenômeno observado, vislumbrando a obtenção de informações sobre atores sociais em seus contextos, a/o observadora/observador cria uma relação face a face com as/os observadas/os e pode, desse modo, modificar e ser modificada/o por essa ação. Além disso, ressalta que a importância desse método está no fato de possibilitar a captura de uma variedade de situações e fenômenos que não poderiam ser captados de outro modo, isso devido a esses fenômenos só poderem ser mensuráveis a partir da análise da própria realidade observada, configurando-se como uma coleta de saberes sobre a vida real, os quais seriam imensuráveis de outra forma.

O uso da Observação Participante se aplica ao fato de este trabalho investigar a relação entre Sociologia e Literatura, tendo como objetivo a análise de gênero, especificamente ao propor a utilização de produções literárias naturalistas nas aulas de Sociologia, no que se refere à representação da homossexualidade nessas produções.

Para isso, primeiramente, foi necessário observar o modo como, em sala de aula, as/os estudantes tiveram acesso a saberes que envolviam o estudo do Naturalismo. Assim, um dos primeiros aspectos foi a observação de como a/o professora/professor de Literatura realizou, no contexto da sua aula, o estudo dessa corrente. Em relação à questão, foi preciso observar a forma como o docente destacou a corrente naturalista como precursora em relação ao tema da homossexualidade no contexto literário do século XIX. A partir disso, foi possível fazer uma relação interdisciplinar entre Literatura e Sociologia no que tange à discussão sobre gênero e homossexualidade na sala de aula.

Diante dessas questões, devido ao caráter subjetivo e desafiador em relação a esse estudo, o uso da Observação Participante me pareceu extremamente necessário neste caso. E amparados nas reflexões feitas por Chizzotti sobre o uso de uma Observação Participante, as quais foram elencadas acima, compreendemos que a proposta desse método de análise surgiu como uma espécie de técnica inicial deste estudo, mas também de aprofundamento de questões subsequentes.

Ressaltamos também que a Observação Participante permitiu visualizar o contato entre professoras/es e alunas/os, isto é, possibilitou a percepção de como esses sujeitos se apropriaram de uma discussão a respeito de como o Naturalismo se tornou pioneiro na inserção da temática da homossexualidade nos tempos modernos e como se pode articular esse estudo literário a uma análise sociológica sobre a condição da homossexualidade nesses contextos.

Além da Observação Participante, o uso da entrevista semiestruturada constituiu outra técnica qualitativa de enorme relevância para esta pesquisa, principalmente porque essa modalidade permitiu conhecer como as/os estudantes do ensino médio enxergam questões que envolvem gênero e sexualidade e sua importância como debate em sala de aula.

Em relação à opção pelo uso da entrevista nesta pesquisa, salientamos que, para Haguette (2013), esse método permite a interação social entre duas pessoas, sendo a/o entrevistadora/entrevistador aquela/e que objetiva colher informações por parte do sujeito entrevistado. Ou seja, a entrevista, por permitir o contato entre entrevistadora/entrevistador e entrevistada/o pôde ser utilizada como um meio que nos serviu a um propósito mais útil para esta pesquisa.

Ainda em se tratando do uso da entrevista, creio ser interessante a colaboração de Minayo e Costa (2018) ao proporem que a entrevista, como técnica de coleta de informações, permite uma comunicação verbal muito útil em se tratando da produção de conhecimentos nos trabalhos de características empírica e qualitativa. A utilização desse método busca proporcionar uma conversa entre dois ou mais interlocutores, a qual se destina a construir informações de grande relevância sobre determinado objeto a ser investigado.

Assim, diante do que foi exposto até aqui, especificamente a partir do que é defendido por várias/os autoras/es sobre o uso de entrevistas nos trabalhos qualitativos, é pertinente dizer que essa técnica foi de grande valia ao nosso propósito.

Contudo, cabe ser mais objetivo sobre qual tipo de entrevista foi utilizado neste trabalho, isto é, a forma que nos pareceu mais acertada para essa proposta qualitativa. Ao propormos a utilização de entrevista como coleta de dados qualitativos, conseguimos visualizar na entrevista semiestruturada o modelo mais adequado para essa análise.

Ao fazer a defesa da entrevista semiestruturada como sendo a forma que nos pareceu cabível para nossos objetivos, cremos ser pertinente dialogar mais uma vez com Minayo e Costa (2018), especificamente aquando afirmam que essa modalidade se diferencia da entrevista aberta e obedece a um guia que pode ser usado durante o ato de interlocução. Ressaltam ainda que, por ter um apoio claro na sequência de um roteiro, a abordagem com os entrevistados é assegurada aos investigadores menos experientes, sobretudo na garantia de uma conversa que deseje certa finalidade.

A partir do posicionamento de Minayo e Costa (2018), é possível ver a entrevista semiestruturadas como garantia de uma abordagem positiva, especialmente quando afirmam que, por seguir um certo roteiro, esse método é mais seguro para as/os entrevistadoras/es que não possuem muita experiência de campo.

O posicionamento acima merece ser levado em conta, especialmente quando as entrevistas abordaram questões polêmicas e extremamente pessoais no que tange a uma discussão de gênero e sexualidade; além das vivências, revelando como, no contexto da escola e da sala de aula, essas discussões são experimentadas. Ainda sobre as entrevistas, destacamos que elas podem combinar perguntas fechadas e abertas, pois “nesse tipo de entrevista o entrevistado tem liberdade para se posicionar favorável ou não sobre o tema, sem se prender à pergunta formulada” (BATISTA; MATOS; NASCIMENTO, 2017, p. 08). Ou seja, por não se prender a perguntas formuladas, essa entrevista garante uma coleta mais ampla de informações, especificamente, por permitir uma maior liberdade por parte dos entrevistados.

Contudo, em tempos pandêmicos, foram-nos postos novos desafios, como o uso

de novas tecnologias que nos permitiram ter acesso, a distância, tanto a pessoas como a informações. Um dos grandes desafios desta pesquisa foi como iniciá-la em meio à pandemia do Covid-19, isto é, às limitações que a questão sanitária nos impôs de alguma forma. Para isso, foi necessário o uso de tecnologias que pudessem, de algum modo, contornar essa situação, especialmente no que se refere ao acesso às entrevistas que não puderam ocorrer de modo presencial. Essa questão, apesar de ser desafiadora, nos proporcionou um modo de reinventar nossa forma de pesquisa nos tempos de pandemia. Apesar das inúmeras reflexões sobre o uso das novas tecnologias, não se pode esquecer que é um tema muito caro a todos nós, precisando, portanto, ser cogitado como forma de ser necessário em relação ao estudo da realidade social. “Para el pensamiento posmoderno, las nuevas tecnologías de la comunicación son parte de un proceso en el que la duda pesa sobre la autenticidad, la representación y la realidad, el Sí mismo unitário y la distinción entre este y la sociedad que lo rodea”¹⁴. (HINE, 2014, p. 16). Ou seja, para o pensamento pós-moderno sobre o uso das novas tecnologias de comunicação, pesa a dúvida se elas correspondem a uma certa autenticidade da realidade e representação da realidade.

No entanto, a pandemia nos impôs o uso de recursos como o *Google Meet* como instrumento de acesso a pessoas e obtenção de informações. Em relação ao uso de uma cultura virtual e à implicação sobre nossas vidas, é dito o seguinte:

"tenemos que desmitificar la cultura virtual si queremos acceder a las implicaciones más serias que ella tiene sobre nuestras vidas personales y colectivas" (1995, pag, 153). Los usos cotidianos de Internet no sólo son mucho más interesantes, matizados, diferenciados, o en ocasiones aburridos de lo que los futurólogos quisieran hacernos creer, sino que adernas prometen nuevos terrenos de investigación en e futuro¹⁵. (HINE, 2014, p. 22).

Mediante o que foi dito no fragmento acima, é preciso destruir os mitos em torno da cultura virtual se queremos, de fato, entender as implicações que essa cultura trouxe para nossas vidas. Especialmente quando a pandemia do covid-19, ao impor o isolamento social, deixou como possibilidade de interação social mecanismo virtuais e, assim, a ameaça do patógeno serviu como catalizador de mudanças que romperam a separação entre o real e o virtual. Sem essa consciência, ficaremos limitados e impedidos de acessar descobertas presentes e futuras.

¹⁴ Tradução: Para o pensamento pós-moderno, as novas tecnologias de comunicação fazem parte de um processo em que a dúvida pesa sobre a autenticidade, a representação e a realidade, o Eu unitário e a distinção entre ele e a sociedade que o cerca.

¹⁵ Tradução: Temos que desmistificar a cultura virtual se quisermos acessar as implicações mais sérias que ela tem em nossas vidas pessoais e coletivas” (1995, p, 153). Os usos diários da Internet não são apenas muito mais interessantes e sutis, diferenciado, ou às vezes chato do que os futurólogos gostariam que acreditássemos, mas também prometem novos campos de pesquisa no futuro.

Miller (2004), em seu estudo sobre uma etnografia On e Off-Line, afirma que a internet não se configura apenas como um exemplo de mudança, mas como um meio instrumental da própria mudança.

Desse modo, a internet, e todos os meios de acesso que ela possibilita, não pode ser vista unicamente como mero resultado de uma mudança tecnológica, mas como algo que acaba se tornando o fomento para a própria mudança.

Assim foi preciso recorrer às novas tecnologias, especificamente, às aquelas disponíveis na pandemia, para que pudéssemos realizar essa pesquisa. Não podemos, de modo algum, negar como foi desafiador tal situação, mas, ao mesmo tempo, foi indispensável na realização deste trabalho.

4.2 O lugar: a Escola Estadual de Educação Profissional Francisca Castro de Mesquita

Um dos pontos fundamentais desta escrita é conhecer o lugar da pesquisa, a Escola. Para isso, foi necessário estudar o Projeto Político Pedagógico (PPP) por ser o documento primordial para o recolhimento de informações importantes para o trabalho. Segundo o PPP, a Escola Estadual de Educação Profissional Francisca Castro de Mesquita, localiza-se no município de Reriutaba-CE, fazendo parte do grupo de escolas pertencentes à CREDE 6 – Sobral (MESQUITA, 2017).

Reriutaba, um município de pequeno porte, fica a 147 metros de altitude em relação ao nível do mar, está localizada no Noroeste do estado cearense, na Microrregião de Sobral, distante 309 Km da Capital, Fortaleza, e 80 km de Sobral. As rodovias de acesso são as: BR 043, CE 183, CE 445, CE 366 e BR 222. Limita-se ao Norte com Cariré, ao Sul com Ipu e Pires Ferreira, a Leste com Varjota e a Oeste com Guaraciaba do Norte, Pacujá e Graça. Ainda segundo o PPP, o cenário das cidades com as quais Reriutaba faz ligação de limite é muito parecido estatisticamente. A região necessita de grandes investimentos nos setores econômicos, sociais e políticos.

O que se sabe é que o município de Reriutaba surgiu a partir de uma fazenda, uma das três grandes propriedades de Francisco de Oliveira Vasconcelos, que as batizara, motivado por sua fé católica, como “Pelo Sinal”, “Da Santa Cruz”, e “Livre-nos Deus”. (BARROSO, 1999)¹⁶.

¹⁶ BARROSO, Francisco de Andrade. **Igrejas do Ceará**: 2. ed. Fortaleza: Crônicas histórico-descritivas, 1999.

Ainda sobre o histórico da cidade, Frota S. (1989) afirma que o povoamento do município se processou por intermédio de Francisco Oliveira Vasconcelos, que fez aquisição de 03 (três) léguas de terra onde situou uma fazenda de criar, chamada Santa Cruz. Posteriormente, em data de 28 de julho de 1751, João Mota Pereira, adquiriu 3 léguas no riacho Juré, obtendo 2 léguas por doação e uma por compra. Esse grupo de sesmeiros gerou o que conhecemos como o espaço habitacional.

O que se percebe é que Reriutaba, como muitas das cidades cearenses, tem sua origem nas fazendas de criar, isto é, sua gênese está no latifúndio advindo da pecuária. Assim, é possível entender que, por carregar as marcas latifundiárias, a cidade possui traços conservadores devido a seu passado colonial.

Outra questão que merece ser dita sobre a origem do município e suas raízes conservadoras é a forte influência do catolicismo sobre a cidade, ou seja, além da prática pecuarista, outro fator que aqui será destacado é a atividade religiosa. Uma cultura Católica que possibilitou uma interação de mulheres e homens com o meio social

Segundo Frota S. (1989), a manifestação religiosa no povoado de Reriutaba teve início a partir de 1906 com a criação da Capela de Nossa Senhora da Conceição, primeira padroeira, subordinada à Paróquia de Ipu, onde as festas religiosas eram celebradas na Igrejinha edificada na praça da Cagece, que é atualmente localizada em um conhecido bairro da cidade de Reriutaba.

Sobre as marcas católicas e a origem do culto a Nossa Senhora da Conceição, Frota J. (1995) afirma que o culto à santa foi trazido para o Brasil pela colonização portuguesa e rapidamente se difundiu pelo interior do país, pois foi com os portugueses, os quais povoaram as margens do Acaraú, que veio a devoção à Virgem Santíssima, sob a invocação da Imaculada Conceição, a mesma padroeira do Reino de Portugal e suas colônias no além-mar, desde 1646.

Assim, tanto a pecuária como a atividade religiosa católica imprimiram suas marcas no passado reriutabense. Diante disso, não se pode negar que o conservadorismo presente no Brasil e, conseqüentemente, em Reriutaba remete a esse passado colonial.

Supor as origens conservadoras e patriarcais no Brasil não é tarefa fácil. Porém, segundo Silva Junior (2009), Gilberto Freire revela que a civilização no Brasil foi, nos seus inícios, mais uma organização familiar do que propriamente uma realização do Estado. Tal organização vai ser a promotora de valores domésticos, patriarcais e sedentários.

Entretanto, o que não se pode negar é que tanto a fazenda de criar como o embrião de núcleo familiar e o catolicismo constituíram uma marca originária brasileira e reriutabense.

Todas essas questões levaram ao surgimento de um modo de vida sertanejo, em que os indivíduos buscaram construir um espaço humanizado e, dentro desse, um espaço sagrado, pois, ao construir uma fazenda para as práticas mundanas, erguia-se também a capela visando, assim, às práticas sagradas. Nessa esteira, a Igreja Católica passou a ter grande influência sobre a formação do espaço urbano, como pode ser visto no fragmento a seguir:

Essas povoações do interior cearense ficaram entregues aos sabores dos primeiros colonizadores, sendo organizadas inicialmente ao redor das “casas grandes” das fazendas, assim como de capelas ou igrejas, levantadas, primeiramente, em terras doadas pelos sesmeiros a religiosos, na tentativa que esses se fixassem. Os mesmos cortavam a região procurando levar os sacramentos às populações espalhadas pela extensa freguesia. Tais povoamentos se estabeleciam, em sua maioria, em chão sagrado, em “terras santas” pertencentes à Igreja que, ao levantar seus cruzeiros, oratórios ou templos, estabeleciam seus oragos e padroeiros, passando a aglomerar um número considerável de moradores ao redor, organizando-se a partir do sentimento religioso que operava em suas vidas. (SILVA JÚNIOR, 2009, p. 31).

Em relação a essa influência religiosa na vida das pessoas, é importante cogitar como essa marca do “sagrado” acabou por formular certa visão de mundo marcada por preconceitos e estigmas. Neste sentido, segundo Hooks (2019), ao citar o filósofo John Hodge, afirma que o pensamento religioso no ocidente serviu como base para todas as formas de opressão.

Dessa forma, o que se buscou por meio de um breve histórico do município de Reriutaba foi conhecer o seu passado latifundiário e católico, e como esse passado implicou marcas de um conservadorismo local ainda bastante evidente.

Com isso, este trabalho surge como resistência a uma cultura patriarcal em Reriutaba – a qual invisibiliza uma infinidade de sujeitos que foram marcados dentro de uma estrutura colonial e pós-colonial como sendo indivíduos subalternos – para podermos, assim, pensar como essas marcas conservadoras ainda são visíveis no presente.

4.3 A turma

Como foi dito, no próprio PPP da escola, as/os estudantes, enquanto sujeitos da pesquisa, são oriundas/os da sede e do interior dos municípios de Reriutaba e Varjota, com origem socioeconômica bem diversificada, tendo, em sua maioria, origem em famílias pobres.

Entretanto, cabe dizer que, ao procurar a gestão da escola por intermédio de uma das coordenadoras, foi relatado que, apesar de a escola acolher majoritariamente alunas/os do ensino público, 20% das/os estudantes vêm da rede privada, isso corresponde a nove alunas/os por turma.

Todavia, para a realização desta pesquisa, temos como objeto de estudo as/os estudantes matriculadas/os no 2º ano do ensino médio. Segundo dados colhidos na escola, existem três turmas de 2º ano matriculadas no ano de 2021, sendo elas: Administração com 46 alunas/os, 26 meninas e 20 meninos; Enfermagem com 46 alunas/os, 29 meninas e 17 meninos; e Redes de Computadores com 44 alunas/os, 20 meninas e 24 meninos. Esse quantitativo totaliza 136 estudantes previstos para o ano letivo de 2021.

No entanto, este estudo ocorreu na turma do 2º ano do curso técnico em Redes de Computadores. A turma escolhida possuía 44 alunas/os, mas, atualmente, estão registradas, no Sistema da Seduc Professor-Online, apenas 40 matrículas; salientamos ainda que apenas 38 estudantes estão frequentando o curso regularmente. No dias atuais, a turma é composta por 15 meninas e 23 meninos.

O público da turma provém dos seguintes lugares: 28 alunas/os de Reriutaba, 9 alunas/os de Varjota e 1 de Santa Quitéria. A opção por essa turma deve-se ao fato de que, como sou professor¹⁷ da base regular nessa série, pude de início perceber um maior comprometimento na realização dos trabalhos propostos. Entretanto, procurei conversar com a Professora Maria Isabel Martins de Sousa, Diretora da Turma, a respeito de uma avaliação prévia que pudesse justificar minha escolha, e o que pude obter como resultado foi uma análise semelhante à minha, isto é, a mesma observação sobre o grau de comprometimento da turma foi ratificada pela responsável da série.

Assim, a opção pelo 2º ano de Redes ocorreu, exclusivamente, pelo grau de compromisso das/os estudantes em relação às entregas de atividades. Como este trabalho é interventivo e a participação da turma na realização das atividades é fundamental, julguei ser mais positivo trabalhar com esse perfil da turma.

A dificuldade de estabelecer um perfil evidente em relação a esses estudantes vem do fato de a pandemia do Covid-19 ter dificultado uma coleta de dados que fornecesse características mais aprofundadas sobre a turma, conforme é dito a seguir:

Quanto ao acompanhamento comportamental dos alunos, sentimos dificuldades pelo fato de não está lidando com eles no dia a dia. Não pudemos observar como trabalham em equipe, como reagiriam ao realizarem os projetos, nos momentos de competições, ao realizarem atividades e avaliações. E saber disso seria de extrema importância, pois nos permite lapidar a conduta dos discentes, tanto para as suas relações pessoais e interpessoais, bem como prepará-los profissionalmente (Elisângela Pinto Brandão – Coordenadora Escolar. Entrevista realizada em 11/01/2021).

¹⁷ Ao longo desta seção 4.3 e de seus desdobramentos, volto a utilizar, **nos momentos em que relato as minhas experiências com a turma analisada**, a primeira pessoa do singular.

Assim, cabe dizer que a pandemia dificultou uma análise mais específica da turma. Isso se deu pelo fato de que o retorno ao ensino presencial ocorreu há pouco tempo, isto é, em setembro de 2021, o que não permitiu um contato mais concreto com as/os estudantes.

No entanto, creio que tal aspecto não compromete o valor deste trabalho, pois, como dito, foi possível recorrer aos meios necessários para contornar essa situação desafiadora – que foi realizar uma pesquisa com estudantes que passaram grande parte do ano letivo no ensino virtual.

4.4 Tecendo experiências e vivências

O trabalho em questão propõe o estudo dos livros Naturalistas “*Bom crioulo*”, de Adolfo Caminha, e o “*O cortiço*”, de Aloisio Azevedo, na perspectiva de uma interdiscursividade entre a Sociologia e a Literatura.

As referidas obras, ao serem tomadas como instrumentos estratégicos didáticos/pedagógicos para análise de gênero, podem, dentro do contexto pedagógico, promover a compreensão social e histórica do modo como marcadores sociais de gênero foram instituídos literariamente a partir dessas produções.

Ao propor a interdiscursividade entre Sociologia e a Literatura, centramo-nos no pensamento de Fiorin (2006), especialmente em duas situações: a primeira, quando ele entende o termo interdiscursividade como um possível desdobramento da palavra diálogo; e a segunda, quando ao citar Bakhtin, diz que a interdiscursividade consiste em considerar que os discursos presentes em nosso meio social estão entrelaçados por situações discursivas anteriores e que estas teriam origem em diferentes realidades sociais e históricas.

Destarte, ao ter como pressuposto o entendimento de interdiscursividade na perspectiva de Fiorin (2006) e a leitura que ele faz do termo na visão de Bakhtin, sugerimos, com isso, que possa haver um diálogo entre o saber Sociológico e a Literatura naturalista, no que concerne à reflexão sobre a construção social do gênero, especificamente na forma como essas obras escrevem a condição do homossexual no contexto do século XIX.

Desse modo, propomos pensar essas produções literárias como catalizadoras de discursos que, por serem atravessados de outros discursos anteriores, acabaram por produzir uma escrita que reproduziu e estruturou preconceitos e estereótipos em torno da homossexualidade.

Ao sugerirmos essa reflexão, cremos ser possível, nas aulas de Sociologia, fazer uma análise de gênero a partir da Literatura naturalista, ao discutir, com as/os alunas/os do 2º ano do ensino médio, a forma como o Naturalismo na Literatura escreveu os marcadores sociais do gênero atrelando-os a uma pluralidade de estereótipos e valores negativos em relação aos sujeitos homossexuais. Isso é viável se pensarmos sociologicamente o modo como os autores Adolfo Caminha e Aloisio Azevedo escreveram os perfis homossexuais a partir de preconceitos e estereótipos presentes nessa Literatura.

Assim, este trabalho traz, como proposta central, ser uma intervenção pedagógica, no sentido de ter como proposição trazer para a aula de Sociologia uma análise sociológica da categoria de gênero a partir de obras literárias. Cumpre destacarmos que, apesar de constituir uma intervenção pedagógica, este estudo também mantém uma característica dissertativa sobre a temática, pois a pesquisa exigiu uma gama de leituras e reflexões que fortalecem essa proposta.

Algo que deve ser ressaltado é que a opção feita pelo 2º ano do ensino médio vem do fato de que é justamente nessa série que, na disciplina de Sociologia, as/os estudantes se deparam com o conteúdo programático Movimentos Sociais, entre esses movimentos, podemos citar o movimento LGBTQIA+.

Outro aspecto que também fortalece essa proposta é que, nesse mesmo período, as/os estudantes do 2º ano se deparam com o estudo das obras Naturalistas, ou seja, esta pesquisa, através de uma intervenção pedagógica entre a Sociologia e a Literatura, possibilita uma conexão de conteúdos que acontecem justamente nessa etapa do ensino médio, a qual constitui a chave mestra para a realização da proposta interventiva.

A ideia de uma intervenção pedagógica nesse caso nasce do desafio de trazer para a sala de aula um debate de gênero que promova a superação da homofobia. Com isso, podemos pensar que a Sociologia, enquanto saber didático, não pode se furtar de tal debate. Todavia, sozinha talvez não seja suficiente para compreender situações mais amplas. Dessa forma, deve recorrer a outros saberes, como a Literatura produzida em determinados contextos sociais, isto é, o olhar sociológico sobre a Literatura e o modo como ela descreve os sujeitos sociais pode contribuir para uma reflexão bem consistente em torno de inúmeras questões que envolvem gênero e sexualidade.

Em relação à ideia de uma análise de gênero com obras literárias, podemos observar o contexto social e político dessas produções. E, assim, relativizar ideias e valores, os quais serviram para produzir preconceitos e estigmas no que concerne a um debate sobre gênero e sexualidade. A compreensão do contexto histórico pode produzir o entendimento das

mudanças econômicas, políticas e culturais e como estas acabam por interferir nas relações entre os indivíduos, seja como um fator de manutenção de preconceitos ou de superação destes.

O trabalho sugere à/ao professora/professor que, além do livro didático de Sociologia, ela/ele pode ter acesso a outros materiais, como obras literárias ou fragmentos destas que poderão garantir a efetividade de uma boa aula sobre um tema ainda polêmico nos dias atuais.

A/O professora/professor de Sociologia poderá recorrer à Literatura e fazer desta um instrumento didático para pensar os sujeitos historicamente marginalizados que, apesar de oriundos de uma produção fictícia, servem para entender a época em que foram produzidos e sua associação para o entendimento do presente. Além disso, ao optar preferencialmente pelo 2º ano, leva em conta o fato dessas/es alunas/os estarem em contato com obras naturalistas, pois é justamente essa corrente literária que, como já sinalizado, no decorrer da escrita, aborda temas como: prostituição, pobreza e homossexualidade.

Ao fazer a análise das produções naturalistas, podemos pensar sociológica e historicamente essas produções, analisando, assim, os textos literários produzidos em determinada época, bem como observando o modo como descreveram situações de marginalidade e preconceitos. Nessa esteira, poderemos relacionar esses textos com situações atuais e promover, sob a luz sociológica, o estranhamento de processos sociais excludentes que foram naturalizados ao longo do tempo.

Ao propormos como forma de Intervenção Pedagógica a utilização de obras literárias como análise de gênero no ensino de Sociologia, não podemos perder de vista que a discussão em torno de uma temática de gênero, além de recente, tem origem, muitas vezes, no senso comum.

Diante disso, é preciso ver o senso comum como uma realidade sujeita a constituir-se objeto de estudo das Ciências Sociais, pois, para Geertz (2007), ele não é baseado em coisa alguma, a não ser na vida como um todo. A partir dessa ideia, podemos compreender o processo de construção do senso comum como algo amplo e, conseqüentemente, útil para a estruturação dos princípios epistemológicos da Sociologia no ensino médio, que são: o estranhamento e a desnaturalização, no sentido de fazer a/o estudante do ensino médio estranhar e desnaturalizar o senso comum.

Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2000) vê a abordagem do senso comum de forma problemática e declara a necessidade de uma vigilância epistêmica nas Ciências Sociais. Para o pensador francês, é nas ciências que estudam o homem e a mulher que a

separação entre a opinião comum e o discurso científico é mais imprecisa. O autor esclarece a importância das Ciências Sociais para o estudo do senso comum. No entanto, afirma existir certa dificuldade em separar esse conhecimento do discurso científico. Nessa perspectiva, podemos cogitar que a separação entre senso comum e conhecimento científico não seria tão fácil de mensurar, isto é, para o autor francês as fronteiras entre um saber e outro acabam impondo dificuldade de demarcação.

Com esse debate em relação ao senso comum e com a importância das Ciências Sociais como modo de produção de um saber científico a respeito do mundo que nos cerca e como forma de estabelecer um olhar mais crítico sobre a realidade social, esta Intervenção Pedagógica parte da ideia do estudo de obras literárias naturalistas como análise de gênero no ensino de Sociologia. Em outros termos, ao levarmos para a aula de Sociologia tais produções, temos o intuito de debater a forma como estas, em uma dada época, escreveram sobre a condição da homossexualidade. Além disso, ao discutirmos as definições e adjetivos sobre essa condição nos textos literários, podemos fazer uma análise de gênero a partir de tais produções, ou seja, perceber como a Literatura marca o gênero ao impor aos sujeitos homossexuais papéis sociais que os atrelam a uma categoria de indivíduos vista como anormal e pervertida.

Tudo isso pode ser visto se discutirmos o modo como a Literatura naturalista descreve os sujeitos marginalizados, a exemplo dos homossexuais. Assim, ao usarmos esses textos para uma discussão de gênero no ensino de Sociologia, é possível concluir que a Literatura do século XIX pode ter servido para captar e impor preconceitos, estereótipos em relação a esses sujeitos.

A urgência de um debate de gênero na escola nos faz pensar a educação escolar como um valor democrático fomentador de ampliação da cidadania. É nesse ponto que a escola deve se inserir como garantia do acesso ao pensamento crítico, na qual os saberes pedagógicos e metodológicos se constituem em instrumento de construção de uma aprendizagem crítica, capaz de fomentar a felicidade individual e coletiva. Para isso, é necessária uma educação que possua uma gênese respeitosa, de busca da justiça social e zelo pela diversidade.

Não se pode negar que, nos últimos tempos, houve avanços na conquista dos direitos individuais, políticos, sociais e humanos. No entanto, como afirma Hunt (2012), tais avanços são frutos de lutas no *front* social e político e também no campo das mentalidades. Para a autora, esses direitos não surgiram de uma abiogênese social, mas são oriundos de lutas sociais e históricas. Contudo, ao avançar ainda mais para construção de uma sociedade menos

discriminatória, será preciso uma educação escolar que promova práticas pedagógicas reflexivas que levam a superar as práticas discriminatórias.

A Intervenção Pedagógica sobre análise de gênero no ensino de Sociologia a partir de obras literárias objetiva fazer, dessa experiência em sala de aula, um modo no qual professoras/es e alunas/os consigam desenvolver suas criticidades em relação a determinados processos sociais e históricos.

O uso dessa metodologia interventiva, além de ampliar o campo disciplinar da Sociologia, auxilia no desenvolvimento de saberes didáticos e metodológicos no que tange a discutir gênero.

Em outras palavras, devemos fazer da sala de aula aquilo que postula Freire (1996) ao vê-la como campo político necessário para a compreensão dos ideais democráticos e de libertação das classes oprimidas.

Para que de fato a escola possa ser um espaço democrático e não apenas um instrumento reprodutor da cultura dominante, como postulam Bourdieu e Passeron (2014), já que esses a veem como um poder disfarçado que legitima a dominação social, as instituições escolares precisam garantir maior discussão sobre os temas que envolvam raça, gênero, classe e orientação sexual. Só assim, colaborarão com a formação de cidadãos críticos e capazes de lutar pela sua liberdade e de seus pares.

4.4.1 Primeira parte: o passo a passo da intervenção nos seus inícios

Logo após essas considerações iniciais, o que vem a seguir é a descrição do processo interventivo, isto é, todo o caminho percorrido para a realização prática deste trabalho. A seguir, vamos conhecer o passo a passo da intervenção que compreendeu os seguintes passos:

Passo 1. Uma das primeiras ações realizadas, ou seja, o pontapé inicial, que envolveu além das leituras sobre o tema, foi o primeiro contato com a escola, pois, na época, eu ainda não fazia parte do grupo docente da instituição. Só em abril de 2021, fui lotado como professor da escola. Naquele momento, ao visitar a escola Francisca Castro de Mesquita, a popular “EP”, para os moradores da cidade, e conversar com uma representante da coordenação pedagógica sobre a importância deste projeto interventivo focado numa discussão de gênero em uma turma do 2º ano, foi apresentado o seguinte relato:

Na sociedade atual essa temática da homoafetividade já ganhou espaço na quebra de tabus, mas como educadores, convivemos com muitos alunos que sofrem ainda por

não poderem assumir quem são e o que sentem dentro de suas próprias famílias. Na escola isso também ainda prevalece, mesmo que de forma mais branda. Esse projeto de intervenção pedagógica irá contribuir para discutir a temática gênero com nossos alunos, levando a amenizar a discriminação social que ainda observamos que persiste, tanto por parte de alunos, como também em certas atitudes de educadores. (Renata Martins Magalhães Morais, professora de Geografia e coordenadora da área de Ciências Humanas. Entrevista realizada em 11/01/2021.)

A fala da coordenação pedagógica sobre o tema destaca a importância desta Intervenção como metodologia adequada para a realização de um debate de gênero no contexto da escola. A partir do relato, nos é dito que muitas/os estudantes ainda sofrem preconceitos em relação a sua orientação sexual e identidade de gênero, como também persiste a discriminação social por parte de alunas/os e professoras/es.

Passo 2. Após o primeiro contato com a escola, em que ficou evidente a importância da Intervenção como modo de fomentar o pensamento crítico e a superação de preconceitos, o passo seguinte foi contatar o professor de Literatura e a professora de Sociologia, pois não se pode esquecer que esta intervenção envolve o intercâmbio entre essas duas áreas. Assim, o contato com os dois profissionais, para exposição dos interesses da pesquisa, constituiu um dos passos de grande importância.

Passo 3. Ao entrar em contato com o professor de Literatura, realizei uma visita à sua casa, naquele momento, pude expor, de forma mais precisa, o intuito da pesquisa. Ressalto que, logo de início, o professor se manteve bem aberto e interessado na proposta, inclusive fez apontamentos bem interessantes que foram levados em consideração durante a intervenção. Inicialmente, solicitei, ao professor, o cronograma anual em relação aos conteúdos de Literatura e busquei logo identificar qual o período que seria trabalhado, em sala de aula, a corrente naturalista. Um dos pontos que não posso omitir foi a importante colaboração dada pelo docente, no sentido de readaptar seu próprio cronograma anual para facilitar nosso estudo. Essa pequena alteração foi de extrema relevância no sentido de conectar o estudo das produções naturalistas aos Movimentos Sociais na Sociologia.

Na ocasião, firmamos uma data específica, ou seja, setembro de 2021, para a realização de dois momentos na turma, primeiro, a exposição da corrente naturalista, sua importância e suas principais características; e segundo, um estudo sobre a demonstração das obras *Bom Crioulo e O Cortiço*. Essas duas etapas, ocorridas na aula de Literatura, serviram a dois propósitos muito importantes, o debate sobre a relevância do Naturalismo, enquanto escola literária, e a exposição das obras do Naturalismo brasileiro. Sem essas etapas, comprometeríamos nossa análise.

Passo 4. Como já proposto no plano anual do professor, foi realizada, durante uma

aula, a exposição do Naturalismo, enquanto corrente literária. Devido ao ensino remoto, esse momento foi realizado na plataforma *Google Meet*. Durante a exposição do professor a respeito do conteúdo, estive muito mais na condição de observador, evitando, de início, fazer intervenções. Essa postura de apenas observar, a princípio, pôde me ajudar nas reflexões posteriores. Esse momento ocorreu durante uma aula, isto é, em 60 minutos, mais ou menos, e serviu para expor, para a turma, a importância das principais características do Naturalismo na Literatura. O professor iniciou a aula estabelecendo um paralelo entre Romantismo, Realismo e Naturalismo, nele apontou o Realismo e o Naturalismo como sendo as principais rupturas com as ideias românticas na Literatura. Uma questão que foi pontuada pelo professor, durante a aula expositiva, foi quando afirmou que as produções naturalistas, diferente do Romantismo e do próprio Realismo, foram, segundo suas palavras, povoadas pela “ralé” que ele qualificou como sendo o pobre, o negro, o homossexual e a prostituta, e terminou essa observação ao dizer que foi justamente o Naturalismo que possibilitou a inserção desses sujeitos nas produções literárias. Contudo, cabe ressaltar que, segundo o professor, essa visão presente no Naturalismo, apesar de constituir uma ruptura com as ideias românticas, continuou a representar um olhar elitista e supremacista sobre esses indivíduos, visto que, quando são representados, são descritos vivendo em ambientes sórdidos, portadores de perversões e anormalidades. Uma outra questão colocada pelo professor, ao expor as características das produções naturalistas, é que, segundo ele, foram fortemente influenciadas pelos ideais positivistas, deterministas e evolucionistas, isto é, pelo cientificismo presente no século XIX.

Passo 5. Após a exposição feita pelo professor, ainda na mesma aula, foi iniciado um debate sobre o tema exposto anteriormente. Nesse momento, pude ouvir as/os alunas/os e seus entendimentos a partir da discussão feita em sala. Além disso, pude usar a palavra e, de modo rápido, expor para a turma em que consistia minha pesquisa e a importância daquela discussão para tudo que viria a seguir. Durante minha fala, centrei-me na questão da temática da homossexualidade nas produções naturalistas, pois esse enfoque temático constituiu um objeto central para o nosso estudo. Um dos pontos que resaltei com destaque foi o fato de o Naturalismo, na Literatura, exercer um pioneirismo na abordagem sobre o homossexual na Idade Contemporânea, sendo a corrente literária que produziu tanto personagens como enredos de cunho homossexual. É importante destacar que essa informação foi acrescida do seguinte esclarecimento, que apesar da escrita naturalista ter sido revolucionária para a época no sentido de trazer essas abordagens vistas como polêmicas e até imorais, ela também representou uma visão preconceituosa e heterossexista, a qual marcou o homossexual na Literatura como um sujeito pervertido e desviado.

Passo 6. Posteriormente, o professor passou à exposição das obras escolhidas para esse trabalho de intervenção, que, por sinal, fazem parte do conteúdo anual do 2º ano, a saber: *O cortiço* e *Bom Crioulo*. Vale salientar que eram aulas geminadas, ou seja, duas aulas de 50 minutos, em que os primeiros 50 minutos foram dedicados ao debate em torno do Naturalismo, e os 50 restantes para exposição das obras. (Essa informação pode ser identificada nos anexos deste trabalho, nos quais consta a PEC da disciplina, uma espécie de plano semanal de estudo.) Houve uma apresentação rápida sobre o contexto histórico das obras e seus autores, bem como das características que as obras apresentam, bem como sua vinculação com o debate anterior. Foi dito, pelo professor, que o estudo dessas obras é justamente pelo fato de estarem inseridas na corrente Naturalista. Tanto *O Cortiço* como *Bom Crioulo* servem de perfeitos exemplos para o que tinha sido exposto até agora, especificamente sobre a abordagem de temas como a homossexualidade, prostituição, pobreza e racismo entre outros.

Passo 7. Nesta etapa, referente ao estudo das obras, foi sugerida, pelo professor, a divisão da turma em dois grupos específicos: um grupo faria o estudo de análise sobre *O Cortiço* e o outro sobre *Bom Crioulo*. Nesse momento, também foi dito, pelo professor, que a análise sugerida deveria ser feita imersa nas discussões realizadas até agora. Cada grupo iria constituir uma célula de leitura e debate sobre as impressões formuladas a partir da leitura das obras. Então, foi efetuada a divisão da turma da seguinte forma: uma célula de leitura composta por 20 pessoas ficou responsável pela obra *O Cortiço* e outra célula de 19 pessoas pelo *Bom Crioulo*.

Passo 8. Após essa divisão, foi-me repassada a palavra, e eu fiz a seguinte proposta, que cada célula fizesse a leitura e análise das obras durante um período de 15 dias, procurando identificar fragmentos que tivessem relação com a descrição do homossexual. Esse material seria posto num slide elaborado por cada grupo e apresentado, posteriormente, nas aulas de Sociologia, no momento de debate, sobre o Movimento LGBTQIA+, ou seja, deixei evidente que haveria um vínculo interdisciplinar entre a Literatura e a Sociologia, isto é, o estudo do Naturalismo e das obras ocorreriam na aula de Literatura, mas a apresentação dos trabalhos da turma e os demais debates em torno de gênero e sexualidade iriam ocorrer nas aulas de Sociologia. O professor de Literatura, para dar maior credibilidade ao trabalho e, conseqüentemente, despertar maior interesse das/os alunas/os, afirmou que iria atribuir uma nota bimestral sobre essa atividade.

4.4.2 Segunda parte: o passo a passo da intervenção nos seus enlaces sociológico-literários

Nesta segunda parte da intervenção, que aconteceu durante as aulas de Sociologia, foi o momento da exposição, em sala, dos materiais elaborados por cada célula de estudo, sendo o foco a análise das produções *O Bom Crioulo e O Cortiço*.

Esta foi a etapa central no trabalho, pois foi a partir dela que se pôde descrever os objetivos práticos e pedagógicos da Intervenção Pedagógica, isto é, uma análise de gênero no ensino de Sociologia, tendo como objeto de estudo a Literatura. A exposição dos fragmentos colhidos pela turma constituiu um modo de intervir pedagogicamente para uma reflexão sobre desse tema.

Ao propor que as/os próprias/os estudantes trabalhassem com a obra fazendo os recortes e apontando o que é questão de gênero e quais são as situações em que podemos afirmar que há, anacronicamente, com finalidade pedagógica, homofobia, objetivamos colocá-los mais no protagonismo das descobertas dessas questões. Desse modo, a Literatura utilizada pelas/os alunas/os, com essa finalidade, pôde servir como objeto da reflexão sociológica sobre as situações do passado, mas que se mantêm ligadas aos desafios do tempo presente. Contudo, é preciso deixar evidente que estávamos nos propondo realizar não uma aula de Literatura, mas de Sociologia, usando obras literárias.

O trabalho de discussão, em torno dessas obras, realizado em sala, de uma forma ou de outra, envolveu práticas de leitura que possibilitaram o contato direto das/os estudantes com os referidos textos e suas temáticas. Em relação a isso, podemos ver o seguinte:

A abordagem temática é, sem dúvida, o modo mais familiar de tratar uma obra para qualquer leitor dentro ou fora da sala de aula. De certa forma, ela retoma o caminho “natural” do leitor que, sem compromissos com o saber literário, comenta com o amigo ou alguém que lhe seja próximo a última leitura, falando do tema ou dos temas tratados na obra. Na escola, entretanto, como parte do processo de letramento literário, a contextualização temática precisa fugir de soluções fáceis e buscar mais rigor na sua execução. Em primeiro lugar, não pode entreter-se apenas com o tema em si, mas sim com a repercussão dele dentro da obra. (COSSON, 2009, p. 97).

Assim, o nosso principal objetivo, além de criar um mecanismo de estímulo à leitura, como postula o autor, isto é, um processo de letramento literário, foi discutir não apenas a temática presente nessas obras, mas como o contato com essa temática pode produzir mudanças na forma de compreender o mundo dentro e fora dos livros, levando em consideração o contato por meio da leitura.

Passo 1. Na aula de Sociologia, conforme pode ser visto nos anexos deste

trabalho, ocorrida no dia 03/10/2021, tendo como conteúdo programático “Movimentos Sociais”, houve a aplicação da Intervenção Pedagógica. Naquele momento, a professora de Sociologia, Silvia Trajano, e eu nos dispusemos a debater sobre Movimentos Sociais, especificamente sobre o movimento LGBTQIA+.

Ao se tentar definir os Movimentos Sociais, Mello (2021) os percebe como sendo os diferentes modos pelos quais setores da população se organizam para apresentar suas variadas demandas. Dessa forma, o movimento LGBTQIA+ apresenta-se como um exemplo de segmento social e político que, ao se organizar, dá voz a uma pluralidade de pessoas que não se inserem dentro dos padrões convencionais da sociedade conservadora no que tange às discussões permanentes sobre sexualidade e gênero.

A partir dessa discussão, foi possível inserir a temática de gênero e sexualidade por intermédio da obra *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha. Nosso intuito foi realizar um debate em sala a partir dos fragmentos escolhidos pela turma, momento em que a homossexualidade foi tematizada, levando em consideração uma abordagem histórica sobre os preconceitos e estereótipos que o tema acarreta e centrando-se nas informações que a referida obra oferece sobre a condição do homossexual no século XIX. A partir disso, a célula de estudo responsável pela obra *Bom Crioulo* pôde expor o material selecionado.

Passo 02. Após uma breve apresentação do autor e da obra, ainda na mesma aula, foi dito, pela equipe, que, nesse livro, Adolfo Caminha aprofunda a temática da homossexualidade na marinha, conforme pode ser visto no seguinte fragmento, exposto pela equipe: “estimava o grumete e tinha certeza de o conquistar inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro...” (CAMINHA, 1996, p. 11).

Outros fragmentos apresentados pela equipe consistiam nas seguintes afirmações:

Uma vez lado a lado com o grumete, sentindo-lhe o calor do corpo roliço, a branda tepidez daquela carne desejada e virgem de contactos impuros, um apetite selvagem cortou a palavra ao negro. Seu desejo era abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo do seu corpo. (CAMINHA, 1996, p. 24-25)

Em terra, no quarto da Misericórdia, nem se falava! ouro sobre azul. Ficavam em ceroulas, ele e o negro, espojavam-se à vontade na velha cama de lona, muito fresca pelo calor, a garrafa de aguardente ali perto, sozinhos, numa independência absoluta, rindo e conversando à larga, sem que ninguém os fosse perturbar — volta na chave por via das dúvidas... Um cousa desgostava o grumete: os caprichos libertinos do outro. Porque Bom Crioulo não se contentava em possuí-lo a qualquer hora do dia ou da noite, queria muito mais, obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo, uma "mulher-a-toa" propondo quanta extravagância lhe vinha à imaginação. Logo na primeira noite exigiu que ele ficasse nu, mas nuzinho em pêlo: queria ver o corpo... (CAMINHA, 1996, p. 43)

E o pequeno, submisso e covarde, foi desabotoando a camisa de flanela, depois as

calças, em pé, colocando a roupa sobre a cama, peça por peça. Estava satisfeita a vontade de Bom-Crioulo. Aleixo surgia-lhe agora em pleno e exuberante nudez, muito alvo, as formas roliças de calipígio ressaltando na meia sombra voluptuosa do aposento, na penumbra acariciadora daquele ignorado e impudico santuário de paixões inconfessáveis... Belo modelo de efebo que a Grécia de Vênus talvez imortalizasse em estrofes de ouro límpido e estatuas duma escultura sensual e pujante. Sodoma ressurgia agora numa triste e desolada baiúca da Rua da Misericórdia, onde àquela hora tudo permanecia numa doce quietação de ermo longínquo. (CAMINHA, 1996, p. 43-44)

Bom-Crioulo ficou extático! A brancura láctea e maciça daquela carne tenra punha-lhe frêmitos no corpo, abalando-o nervosamente de um modo estranho, excitando-o como uma bebida forte, atraindo-o, alvoroçando-lhe o coração. Nunca vira formas de homem tão bem tomeadas, braços assim, quadris rijos e carnudos como aqueles... Faltavam-lhe os seios para que Aleixo fosse uma verdadeira mulher... Que beleza de pescoço, que delícia de ombros, que desespero... dentro do negro rugiam desejos de touro ao pressentir a fêmea... Todo ele vibrava, demorando-se na idolatria pagã daquela nudez sensual como um fetiche diante de um símbolo de ouro ou como um artista diante duma obra prima. Ignorante e grosseiro, sentia-se, contudo, abalado até os nervos mais recônditos, até às profundezas do seu duplo ser moral e físico, dominado por um quase respeito cego pelo grumete que atingia proporções de ente sobrenatural a seus olhos de marinheiro rude. (CAMINHA, 1996, p. 44).

Passo 3. Após a exposição dos fragmentos, realizada pela equipe, foi iniciado, pela professora de Sociologia e por mim, um debate sobre o modo como é narrada a homossexualidade na obra de Caminha, ou seja, sobre o modo como o autor produz essas personagens. A equipe, juntamente a mim e a professora de Sociologia, conduziu as reflexões sobre o assunto. Uma das informações mais marcantes que foram ditas durante a apresentação foi quando uma/um das/os alunas/os observou a linguagem sensual, o ar de segredo que se impunha ao ato quando um dos fragmentos menciona que, quando estavam juntos, passavam a chave na porta. Além dessas observações, foi dito também que existe uma associação de uma das personagens, no caso, Aleixo, à mulher, ou seja, quando Caminha descreve um dos sujeitos homossexuais, no caso o “grumete”, impõe uma característica passiva e de traços femininos. Essa percepção foi importante, no sentido de que eu pontuei, naquele momento, que, quando o autor define o comportamento homossexual no contexto dessa obra, o associa, especificamente, a dois aspectos: é algo imoral, devendo ser mantido em segredo; e é ligado ao gênero feminino, isto é, existe uma associação entre o homossexual e feminino. Outro ponto que ganhou destaque durante o debate foi o fato de as/os próprias/os estudantes observarem que o preconceito, em relação à homossexualidade, tem raízes históricas no passado e pode ser observado em vários lugares, inclusive na Literatura.

Passo 4. A aula seguinte, ocorrida no dia 08/10, foi destinada à célula responsável pelo livro *O cortiço*. De início, a equipe fez uma breve apresentação do resumo da obra e seus principais personagens. Em relação à atividade sugerida, ou seja, a encontrar fragmentos textuais que pudessem se referir à condição do homossexual, a célula expôs o seguinte:

Os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; do os seus quadris pobres de homem linfático, batia na tábua um par de calças, no ritmo cadenciado e miúdo de um cozinheiro a bater bifés. Um rapazito de paletó entrou da rua e foi perguntar à Machona pela Nhá o Albino, um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido e com um cabelinho castanho, deslavado e pobre, que lhe caía, numa só linha, até ao pescocinho mole e fino. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo (AZEVEDO, 1997, p. 25-26).

Passo 5. Ao expor esse fragmento numa espécie de continuação da aula anterior, foi realizado, novamente, um debate em sala de aula sobre a condição da homossexualidade naquela época. A equipe observou que, assim como Adolfo Caminha, Aluísio Azevedo faz uma descrição pejorativa em relação ao sujeito homossexual. Essa descrição tem, na figura de Albino, seu melhor exemplo, que é identificado como um sujeito afeminado e logo associado ao sexo feminino. Dentro dessa análise, eu pontuei, com a turma, que a Literatura naturalista, ao associar o homossexual à mulher, acabou por impor, literariamente, marcadores sociais de gênero, como modo de estabelecer estruturas de dominação no campo das mentalidades. Esse fragmento exemplifica, de forma precisa, o que está sendo posto.

Passo 6. Como a equipe expôs um único fragmento, eu fiz uma maior exposição a respeito da obra, inclusive mostrei outros fragmentos que poderiam ter sido usados para a apresentação. Entre esses textos, temos um que revela a situação de violência física que eram submetidos esses indivíduos, violência essa tão comum ainda nos dias atuais, pois basta ler ou assistir a um jornal para perceber como a homofobia ganha diferentes traços, desde insultos até atos mais violentos.

Quando um casal brigava ou duas amigas se disputavam, era sempre Albino quem tratava de reconciliá-los, exortando as mulheres à concórdia. Dantes encarregava-se de cobrar o rol das colegas, por amabilidade; mas uma vez, indo a uma república de estudantes, deram-lhe lá, ninguém sabia por quê, uma dúzia de bolos, e o pobre-diabo jurou então, entre lágrimas e soluços, que nunca mais se incumbiria de receber os róis. (AZEVEDO, 1997, p. 25-26).

O que fica evidenciado no texto acima é que, apesar de tratar-se de uma cena fictícia, Aluísio Azevedo evidencia que esses indivíduos eram alvo de atos violentos, isso mostra, por meio do texto literário, o modo como a sociedade da época encarava aqueles sujeitos que rompiam as fronteiras de gênero, por mais que esse termo não existisse naquele período a sua representação simbólica fica evidente. A partir dessa partícula de texto, pude refletir, com a turma, uma produção fictícia de um ato que expressa a homofobia manifestada na violência sofrida por Albino.

Desse modo, cabe supor que os textos literários podem servir como fonte de

análises histórica e sociológica, as quais tornam possível a compreensão de uma dada realidade social. Tal compreensão nos permite saber que os estigmas em relação à homossexualidade acabam por se reproduzir ao longo do tempo e de diversos modos, seja por meio da vida real onde os indivíduos se relacionam concretamente, ou a partir da própria ficção.

Em relação ao que já foi dito, no decorrer deste texto, por Louro (2020), sobre a homossexualidade e o sujeito homossexual serem invenções do século XIX, acrescentamos que é, justamente, nesse século que se desenvolve uma infinidade de discursos em torno da sexualidade. Esses discursos vão apresentar a sexualidade dentro de uma ideia de normalidade versus anormalidade, especialmente se levarmos em consideração o pensamento de Freud (2016), ao afirmar que existem homens para os quais o objeto sexual não é a mulher, mas o homem; e mulheres que têm como objeto sexual outras mulheres, nascendo daí, a ideia do invertido.

Não se pode negar que a visão de Freud sobre o desejo sexual é essencialista, contudo, a Literatura científicista expressa no Naturalismo, longe de refutar essa visão, acabou por produzir literariamente um sexo essencialista que se diferenciava de um sexo contra a natureza, como pode ser observado a seguir:

Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se lhe para o que ele quisesse — uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... — Ande logo! murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza. (CAMINHA, 1996, p. 09).

Richard (2009), ao discutir uma produção de discursos em torno da sexualidade, a percebe como um dispositivo histórico de poder, presente numa produção diversificada de discursos e práticas sociais que mantêm conexões entre elementos diversos, os quais vão desde a Literatura e enunciados científicos a instituições e proposições morais.

Mantendo-nos dentro dos limites dessa afirmação, podemos cogitar que a Literatura naturalista assume, ao lado de outros discursos, a função de produzir a sexualidade enquanto um dispositivo de poder, mesmo que, para isso, fosse preciso criar personagens sexualmente vistos como anormais e contrários à natureza.

Segundo essa percepção, os discursos em torno da sexualidade, nesse período, vão florescer em vários campos, desde consultórios médicos até nos ambientes literários. Em relação aos textos do século XIX e ao modo como estabeleceram o perfil do chamado invertido, temos a seguinte afirmativa:

Nos textos do século XIX existe um perfil-tipo do homossexual ou do invertido:

seus gestos, sua postura, a maneira pela qual ele se enfeita, seu coquetismo, como também a forma e as expressões de seu rosto, sua anatomia, a morfologia feminina de todo seu corpo fazem, regularmente parte dessa descrição desqualificadora: a qual se refere, ao mesmo tempo, ao tema de uma inversão de papéis sexuais e ao princípio de um estigma natural dessa ofensa a natureza; seria de acreditar-se, diziam, que a própria natureza se fez cúmplice da mentira sexual. (FOUCAULT, 2019, p. 24).

O fragmento acima nos faz saber que os textos do século XIX construíram um perfil específico do homossexual, isto é, descreveram gestos e posturas de um sujeito agora marcado e definido, a partir de uma prática vista como invertida e contrária à natureza.

Contudo, devemos pensar esses escritos do século XIX como algo bem genérico, inserindo inclusive aqueles de cunho literário. Diante disso, é possível tomar como exemplo a definição que Aluizio Azevedo faz de Albino na obra *O Cortiço*. Se levarmos em consideração a descrição exposta acima, o perfil de Albino, descrito pelo autor, se aplica perfeitamente à proposta de Foucault, ou seja, o que é construído ali é um perfil de um homossexual que tem seu comportamento e traços associados à figura feminina, isso implica descrevê-lo numa associação direta à figura da mulher, tornando-se, assim, uma escrita que, além de uma representação desse perfil, serviu para desqualificar papéis de gênero e sexo vividos por esses indivíduos. Apesar de Albino constituir um sujeito fictício, sua definição serve para pensar sujeitos de existência concreta os quais, por romperem os papéis sociais atribuídos ao sexo e ao gênero, são desqualificados nesse tipo de Literatura.

Assim, cabe perceber esse tipo de Literatura como expressão de uma visão de mundo preconceituosa, que apesar de dar visibilidade a uma pluralidade de sujeitos, até então deixados de lado por outras correntes literárias, os identifica como patológicos e pervertidos.

Desse modo, o Naturalismo de Adolfo Caminha e de Aluizio Azevedo nos serve para identificar os estigmas e as violências sofridas pelo homossexual da época. Porém, cabe propor que, uma vez que o Naturalismo trouxe para essas produções o indivíduo homossexual, isso serviu para dar consciência a uma vida desqualificada e submersa numa infinidade de dores que saltavam das páginas escritas.

Munidos dessa ideia, talvez não seja absurdo supor que, conforme Hunt (2012), num estudo realizado sobre a importância dos romances na elaboração dos direitos humanos, afirma que a leitura desses ajudou a ampliar o sentimento de empatia em relação ao sofrimento alheio. Isso se deu por meio do estudo feito pela autora sobre o que ela chama de invenção dos direitos humanos e a contribuição do romance para a elaboração de um sentimento de empatia pela dor alheia observada na vida de determinados personagens, presentes nas obras românticas *Clarissa*, de Samuel Richardson, e *Júlia ou a nova Heloísa*, de

Rousseau.

Nessa mesma esteira, Hunt (2012) afirma que o surgimento desse tipo de romance coincidiu justamente com o nascimento dos direitos humanos, daí ela supor que, mesmo que a capacidade de identificação por meio de linhas sociais aconteça de muitos modos e não unicamente por meio de romances, a leitura desses permitia às/aos leitoras/es uma identificação com personagens desconhecidos e graças aos mecanismos narrativos dessas obras isso produzia uma relação de empatia entre leitoras/es e personagens.

É importante destacar que o estudo empreendido por Hunt se deu por meio de obras românticas, mesmo assim, essa ideia não pode ser desprezada em relação ao romance naturalista, pois ela torna possível supor que essa corrente mostra um tipo de vida marginal até então negligenciada por outras/os autoras/es. Assim, ao criar uma narrativa em relação à homossexualidade, o naturalismo pode ter servido para desqualificar essa condição, mas também para dar consciência do sofrimento desses personagens, levando, nessa perspectiva, ao florescimento de uma empatia e de uma luta social e política que se deu em amplos espaços, desde o *front* social e político até o campo das mentalidades.

Assim, levar a Literatura para aula de Sociologia como modo de embasar um debate sobre Movimentos Sociais centrando-se no movimento LGBTQIA+ nos permitiu conhecer as raízes históricas e sociais da exclusão de gênero e sexualidade, bem como, perceber uma diversidade de discursos de produção da sexualidade enquanto dispositivo de controle social e político. Tornou possível saber que, além dos discursos médicos e morais a respeito da sexualidade, os textos literários acabaram por constituir enunciados que também serviram para regular e desqualificar comportamentos sexuais que não se inseriam dentro de padrões heteronormativos.

Porém, da mesma forma que essa Literatura desqualificadora e preconceituosa na elaboração de personagens homossexuais serviu para marcar a homossexualidade de modo negativo, também serviu para tornar visíveis essas vidas, pois tornou inteligível as dores, os sofrimentos e as angústias de sujeitos inventados literariamente, mas que refletiam uma existência concreta.

Todos esses pontos que envolveram a análise sociológica dos fragmentos literários ajudam a revelar que foram os naturalistas que, primeiramente, direcionaram o olhar do romance para sujeitos até então esquecidos. Uma vez que eles apareceram nas páginas dos livros, suas existências foram também notadas na dureza diária da vida. Às vezes, para se tomar consciência do próprio sofrimento, é preciso que ele esteja estampado sempre aos nossos olhos, bem como que seja visível, lido e que produza uma infinidade de sensações. Eis

a função da Literatura, fazer sentir com a arte da palavra. Nesse caso, uma palavra dura e muitas vezes cruel em relação ao homossexual, mas que serviu de estímulo à luta, pois, se o ódio, a opressão e o preconceito foram inventados, a superação desses também pode ser cotidianamente inventada e reinventada. Em outros termos, do material que foram feitas as correntes que nos prendem podem ser feitas as chaves que nos libertam.

Essas questões devem ser apontadas e esclarecidas para que as/os estudantes possam pensar sociologicamente as produções literárias e, assim, estranhar e desnaturalizar, na Literatura naturalista, a forma de escrever determinados corpos.

Essas discussões, no 2º ano do ensino médio, em que o Naturalismo e os Movimentos Sociais são discutidos, permitem que esse arranjo interventivo facilite o debate em torno dessas questões.

O fato de permitir às/os alunas os escolherem os fragmentos utilizados cria uma maior proximidade entre estas/es e o texto literário. Essa atitude garante uma capacidade inventiva como um bom uso do tempo e objetividade da ação.

Essa prática interventiva levou a discussão sobre gênero a partir de uma análise sociológica da Literatura e permitiu que a turma entrasse em contato com personagens, como o Albino, de Aluísio Azevedo, bem como, a descrição que o autor faz dessa personagem, ou seja, o inscreve dentro dos marcadores sociais de gênero, principalmente quando o define como “afeminado”. O autor o descreve como possuindo as marcas do feminino e, desse jeito, permite às/aos estudantes identificarem um sujeito subalterno, sendo essa subalternidade explicitamente associada à mulher. Outro ponto a ser observado em *O Cortiço* é que há o relato de situações de violência física sofrida por Albino, numa associação clara à homofobia.

Além de Aluísio Azevedo, o estudo realizado sobre os fragmentos do *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, também nos serviu de análise sobre as vivências homossexuais da época, as quais, apesar de serem invenções literárias, nos ajudam a identificá-las como sendo expressões de vidas concretas. Ao narrar abertamente a homossexualidade vivenciada por marinheiros no Brasil, Adolfo Caminha deu maior vazão literária a esse tema ao imprimir nas suas páginas uma temática que, até então, fora deixada de lado por outras correntes literárias.

Desse modo, o contato das/os estudantes com o Naturalismo de Caminha, no livro *Bom Crioulo*, possibilitou explicitamente abordar a homossexualidade como sendo resultado de uma invenção literária, que serviu para descrever relações vistas como animais e ocultas.

Uma vez lado a lado com o grumete, sentindo-lhe o calor do corpo roliço, a branda tepidez daquela carne desejada e virgem de contactos impuros, um apetite selvagem cortou a palavra ao negro. A claridade não chegava sequer à meia distância do esconderijo onde eles tinham se refugiado. Não se viam um ao outro: sentiam-se, adivinhavam-se por baixo dos cobertores. (CAMINHA, 1996, p. 09).

Adolfo Caminha narra de forma minuciosa o encontro vivido entre dois marinheiros e, para isso, abusa dos detalhes dando um caráter animal e instintivo a essas relações e qualificando-as como uma vivência criminoso. Todas essas observações foram levadas em conta, no sentido de questionar, em sala de aula, o modo como os escritores naturalistas escreveram cenas de contexto homossexual.

Diante disso, podemos cogitar que a Literatura naturalista foi a expressão pioneira da temática homossexual na modernidade, contudo, foi o reforço de um contexto cultural preconceituoso, em relação à homossexualidade, que contribuiu para naturalizar e produzir, com a própria arte literária, discursos que subalternizaram e marcaram o sujeito e os corpos homossexuais, sendo, assim, uma Literatura que, ao definir os indivíduos de acordo com os papéis sociais binários, reforçou modos de opressão ligados a questões de sexo e gênero.

Por último, cabe dizer que a intervenção pedagógica de análise de gênero no ensino de Sociologia pôde ser feita levando em consideração alguns pontos importantes: a seleção dos fragmentos textuais pelas/os próprias/os estudantes; e o uso dos fragmentos literários associados ao um debate sobre teoria do gênero e o estudo histórico-social da luta política do movimento LGBTQIA+. São esses pontos que imprimem a marca sociológica desta pesquisa, isto é, sem esse entendimento, teríamos apenas Literatura, e não Sociologia.

Esse foi o nosso desafio de pensar a Literatura sociologicamente, para assim, subvertermos e reinventarmos os modos de discutir gênero e sexualidade nas aulas de Sociologia, dando a essa discussão um parâmetro amplo e interdisciplinar.

4.4.3 Terceira parte: o passo a passo da intervenção entre o entrevistador e as/os entrevistadas/os

Uma das etapas mais marcantes, envolventes e desafiadoras desta pesquisa, com certeza, foi a realização das entrevistas. Ao fazer opção por uma entrevista semiestruturada, meu objetivo foi escolher uma forma de coleta de dados que, por ser um modelo mais flexível, permitisse ao entrevistador e as/aos entrevistadas/os tivessem mais liberdade de fala. Também é preciso destacar o fato de as entrevistas terem sido realizadas de modo virtual, por meio da plataforma do *Google Meet*, isso devido às limitações impostas pela pandemia diante

da necessidade de isolamento social. Essa informação deve ser dita apenas para evidenciar o quanto foi desafiador realizar este trabalho em tempos de Covid-19. No entanto, é preciso destacar que essas informações e justificativas já foram ditas e pontuadas no tópico sobre as técnicas de pesquisa.

Para a realização da entrevista, foram convidadas/os 05 estudantes da turma do 2º ano de redes de computadores. Escolhi entrevistar apenas 05 devido às condições atuais da pesquisa, isto é, às limitações impostas pela pandemia. Por razões éticas e de proteção legal as/os adolescentes, irei dar nomes fictícios a elas/es. Para isso, iremos nomeá-las/os na sequência da fala pelos seguintes nomes: Tércio, Flora, Ricardo, Cristina e Alberto. Uma questão que deve ser dita é que, durante as entrevistas, devido a problemas de internet as/os estudantes Cristina e Ricardo não puderam ficar até o final. Além disso, não tive condições de concluir com elas/es em outro momento devido à agenda destas/es se mostrar inviável. Devido a isso, a entrevista teve continuidade apenas com as/os demais.

As perguntas que foram propostas, isto é, que serviram de estímulo para o desenrolar da entrevista, envolveram duas questões centrais: Como as/os estudantes percebem o debate sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar? Como se deu a experiência de leitura de obras naturalistas aplicadas ao ensino de Sociologia, tendo como objetivo a análise de marcadores sociais de gênero na produção literária do sujeito homossexual?

A pergunta que deu início à entrevista foi: *“Por que é importante se discutir gênero e sexualidade na escola?”* (pergunta 01).

Para mim, apesar dessa pergunta ser muito complexa, tem uma importância enorme porque com a discussão de vários temas a respeito disso as pessoas tomam mais conhecimento, apesar de umas continuarem com o mesmo comportamento, tem outros que vão acabar mudando e ter mais respeito quanto ao próximo, quanto ao outro. (Tércio).

Diante do que foi exposto por Tércio, apesar de esse assunto ser bem complexo, sua discussão no ambiente escolar pode levar a superar preconceitos, mesmo que demonstre pessimismo em relação a situações pontuais, quando afirma que algumas pessoas, ao discutirem essas questões, continuam insensíveis a esse debate.

Em relação ao mesmo questionamento, obtivemos de outra/o estudante a seguinte resposta:

Discutir um assunto desse na escola é muito importante porque é uma forma de se respeitar e respeitar o próximo e tá atento como as coisas tão acontecendo no mundo. Então. Eu acho que a gente tem que abrir a nossa mente e abrir nossos horizontes. (Flora).

Flora parece partilhar de um posicionamento semelhante ao de Tércio especificamente ao ver essa discussão como modo de superar preconceitos e melhorar a relação com o próximo.

Ao ser questionado sobre esse assunto, outro entrevistado disse o seguinte:

É uma coisa muito importante. As pessoas não devem só comentar, mas também observar e falar de uma maneira respeitosa e visível. A invisibilidade e visibilidade desta comunidade é bem relativa, porque para alguns ela é invisível e para outros é totalmente visível. Não é para ser o centro das atenções é pra você respeitar e dar a devida importância que esse tema tem. (Ricardo).

A resposta de Ricardo é bem interessante, pois ele diz que além da fala é preciso observar a invisibilidade/visibilidade dessa comunidade. Sobre isso, claramente, ele faz uma referência à comunidade LGBTQIA+. Coloca essa comunidade como sendo portadora de uma invisibilidade e visibilidade no espaço escolar. Outro aspecto interessante é que, para ele, a discussão desse tema não objetiva o centro das atenções, mas sim, constituir um assunto de extrema importância para o ambiente escolar. Outra entrevistada, ao ser indagada sobre o mesmo assunto, disse:

É importante, é superimportante discutir isso de várias formas, como projetos e palestras, por causa do respeito, porque ainda mesmo que a escola seja um lugar de jovens ainda há o preconceito e o julgamento, sobre aqueles cochichos sabe. Muitas vezes eu estou em grupinhos e começam alguns cochichos sobre isso e eu fico desconfortável. (Cristina)

Do mesmo modo que os demais, Cristina vê essa discussão como importante. No entanto, fala da importância de se desenvolver projetos e palestras sobre a temática e que, apesar de a escola ser um local jovem, constitui também um lugar de preconceitos e julgamentos.

O segundo questionamento foi: *Como foi para você ter contato com as obras naturalistas O Cortiço e O Bom Crioulo e sua aplicação na aula de Sociologia?* (pergunta 02)

Em relação a essa pergunta, obtive quatro respostas que julgo serem pertinentes para uma análise a seguir. A cada resposta oferecida durante a entrevista, percebemos como foi a experiência de leitura dessas obras, ou seja, como cada estudante vivenciou essas leituras, suas impressões, aprendizados e emoções. Vejamos a seguir:

Apesar de ter achado muito interessante o livro abordar essas temáticas, eu sinceramente não gostei por conta, eu sei que são coisas do passado, mas são coisas bem ofensivas e podem chegar a machucar as pessoas, mesmo que aquilo não esteja no agora. Porque claramente ainda está, não desse jeito é como se o velho preconceito do passado estivesse atualizado e uma repaginada, em novo visual (Tércio).

A gente pensa logo no que acontecia durante os tempos, a gente já analisa no que a literatura daquele tempo abordava, como colocava aquela situação no livro. E hoje em dia se a gente for ver é uma coisa que machuca e dói. A gente ver em um livro desse a gente fica chocada, a gente pensa meu Deus do céu! Como o povo falava daquele jeito. Como o povo se sentia na pele das pessoas que liam aqueles livros. A gente olha para aquilo ali e fica chocada, a gente não entende como o autor se colocava daquela forma e como o leitor se colocava. (Flora).

O fato é que cada entrevistada/o centrou sua resposta em torno das formas como essas obras definem a homossexualidade. Tércio chega a dizer que, apesar de ter achado a leitura interessante, não gostou devido ao uso de termos ofensivos. Nessa mesma linha, Flora se mostra surpresa diante da linguagem usada no texto literário, inclusive se perguntando como as/os autoras/es e as/os leitoras/es se colocavam diante dessas produções.

Além dessa visão em torno da Literatura naturalista, no que tange a uma definição de um sujeito específico, os dois posicionamentos seguintes partilham do mesmo pressuposto, ou seja, que a abordagem da homossexualidade, a partir de meios preconceituosos e conservadores, não causa nenhuma surpresa. Fato interessante foi um dos entrevistados dizer que esse discurso servia a uma classe dominante.

Em termos de gênero e sexualidade nas obras não foi nenhum pouco inesperado. Por meios históricos eu já imaginava que seria daquele jeito, que elas abordariam o tema em meios preconceituosos. (Ricardo).

A minha experiência sobre tudo isso e especificamente com o que acontecia no período em que passa o livro, para mim não era surpresa que ele teria um discurso conservador e muito preconceituoso. Acontece que quando eu li os dois livros tem essa temática da homossexualidade como patologia. Aí quando você entende sobre isso, você entende que tem uma classe que é dominante e vai oprimir as minorias. (Alberto).

Assim, pode-se dizer que o contato com esse tipo de Literatura produziu, em cada entrevistada/o, uma experiência íntima e estritamente pessoal, como se fosse uma dor dentro da própria carne, pois cada leitora/leitor entrevistada/o se viu tocada/o e desperta/o, para um mundo até então desconhecido, mesmo que esse mundo lhe surgisse doloroso e chocante. Ou então, podemos dizer que cada um viu confirmado, a priori, por meio da leitura, suas impressões sobre o mundo.

Desse modo, segundo Larossa (2004), ler não implica somente entender o significado do texto, mas vivê-lo. E é esse ponto de vista, para o autor, que coloca em jogo a/o leitora/leitor em sua totalidade. Podemos concluir, segundo essa ideia, que a leitura dessas obras possibilitou bem mais que a apreensão do texto e de seus significados, mas também um modo de viver por meio do próprio texto, pois cada entrevistada/o revelou sua vivência do texto, seja de repulsa ou de choque provocados pela leitura.

O terceiro questionamento buscou indagar o seguinte: *Como a Literatura naturalista pode ser útil na discussão sobre homossexualidade nos dias atuais?* (pergunta 03). Vejamos a seguir cada uma das respostas:

Pelo fato de a gente ter lido e discutido em sala de aula tanto na aula de Literatura quanto na aula de Sociologia, fez a gente pensar em outros aspectos da vida que tem isso inserido. E até mesmo no nosso dia a dia. Talvez seja isso, trazer essa discussão para fora da literatura, mas para nossa realidade em si. Por mais que a gente não tivesse observando isso de modo mais atento, agora depois dessas leituras e dessas discussões a gente acaba tendo novos olhares e novas perguntas. (Tércio).

Eu acho que aquilo ali foi muito importante porque abriu nossa mente. Quando meu grupo ficou com o *Cortiço*, a gente viu aquilo e ficou apavorado e vendo as questões que aconteciam antigamente e o que acontece hoje em dia. Meu Deus! A gente pensa muita coisa, muita coisa. Eu acho que é muito importante a gente ver isso na literatura, a gente discutir isso entre a gente. No nosso fala de muitas coisas sobre a prostituição a homossexualidade, a gente via aquilo ali. Eu acho que ler e perceber o âmbito de hoje em dia é bastante importante, porque a gente percebe como a sociedade vai mudando. (Flora).

Ela é bastante útil para a gente entender o movimento social. Essa literatura é útil e necessária para não se perpetuar o ciclo de ódio contra a comunidade LGBT e sobre as pessoas. Eu entendo sobre discutir e ler obras desse jeito, é pra justamente entender o quanto essa luta é necessária. (Alberto).

As respostas oferecidas por cada entrevistada/o demonstram a importância desse tipo de leitura para o alargamento da compreensão de vários aspectos que vão além das páginas dos livros, possuindo uma conexão direta com a vida real.

Ao citar o livro *O cortiço* como sendo um retrato da sociedade da época, Flora o aponta como um instrumento de compreensão das mudanças sociais numa relação entre o passado e o presente. Assim, podemos sugerir, por meio do que disse na entrevistada, que é a partir desse tipo de Literatura que entramos em contato com temáticas, em que o texto literário serve como instrumento de análise social e histórica, promovendo debates que dificilmente experimentaríamos de outra forma. Ao se debruçar sobre uma Literatura produzida no passado, por mais que seja uma história fictícia, é possível que esse texto sirva como uma imposição de sentidos, os quais levam a compreender situações do presente.

Segundo Abramovich (1997), é por meio de uma história que temos acesso a lugares, tempos, modos de agir e ser, a regras, éticas e visões. É a partir disso que temos acesso à Filosofia, à História, ao Direito, à Política, à Sociologia, à antropologia sem precisar qualificar essas nomenclaturas ou ter a impressão de uma sala de aula.

Dessa forma, é a partir da história de inúmeros personagens, que se encontram nos textos literários, que podemos discutir uma pluralidade de assuntos que não conseguiríamos fazer de outro modo, desde temas de cunho histórico, social e político.

Nossa proposta é que, mediante o uso do texto naturalista presente nessas obras, seja possível levar as/os estudantes a identificar como autores do Naturalismo brasileiro, a exemplo do Aluísio Azevedo e Adolfo Caminha, por meio das suas literaturas, trabalharam o tema da homossexualidade, especificamente ao criar personagens homossexuais, promovendo, assim, o diálogo entre a Literatura e a Sociologia numa discussão de gênero e sexualidade na sala, a qual busca mitigar e superar as deficiências de um ensino escolar conservador e omissivo na abordagem desses assuntos

A quarta pergunta consistiu no seguinte: *Em que termos vocês identificavam anteriormente o homossexual, que palavras vocês ouviram e aprenderam a respeito dessas pessoas?* (pergunta 04)

Tinha uma palavra que me marcava bastante. Era um professor antigo meu que utilizava com um aluno, que era a palavra “baldinho”. Baldinho pelo que eu entendia era uma pessoa afeminada, o gay de fato. (Tércio).

Eu tenho um vocabulário todo aqui: baitola, bichinha, mulherzinha, mulher machado, macho e fêmea. Aquilo ali mexeu muito com a gente, porque a gente cresceu ouvindo isso como brincadeira. (Flora).

Bichinha, sapatão, “viado”, Maria João e toda coisa que eu odeio, porque foram termos extremamente ofensivos. (Alberto).

É interessante observar que cada entrevistada/o já possuía uma vasta lista de termos para identificação do sujeito homossexual, sempre identificado de modo ofensivo e subalterno. Além disso, foi possível saber que esses termos já haviam sido internalizados ao longo da vida, desde a infância, isto é, o intuito dessa pergunta foi fazer cogitar como essas palavras, ouvidas no mundo da vida, mantém conexão com o mundo literário das obras que foram lidas por cada entrevistada/o.

A quinta pergunta realizada durante a entrevista fez a seguinte indagação: *Como as obras identificam o sujeito homossexual?* (pergunta 05). De certo modo, esse questionamento complementa o anterior, pois direciona as/os entrevistadas/os para a identificação do homossexual a partir de termos usados no contexto das obras.

Os homens eram descritos com aparência das mulheres, que eram tidos como pessoas frágeis e fracos. Eram tidos como pessoas irrelevantes, pois eu acredito que as mulheres eram vistas assim. Eu lembro de uma parte do texto que comparava o homem a mulher. (Tércio).

Comparava o gênero com uma coisa que é frágil. Eu acho que na literatura nunca a gente viu. Eles comparavam a mulher com uma coisa frágil e minimizava a pessoa. E quando a gente olha numa literatura daquele tempo eu fico chocada. (Flora).

Eles fazem uma descrição especificando os traços para associar a mulher. Eles tentam relacionar a aparência a expressão de gênero e a sexualidade. No *Bom*

Crioulo ele relaciona muito o Aleixo a mulher, como o afeminado. (Alberto).

Todas as respostas confluíram para o mesmo ponto, que nessas obras existem uma associação entre o homossexual e a mulher. Assim, a Literatura naturalista, presente nesses livros, como já sinalizado nesta pesquisa, qualifica o homossexual dentro de um marcador de gênero, em que o feminino é a referência de fragilidade e subalternidade que serve para identificar personagens homossexuais. Essa relação, feita pelo Naturalismo, entre o sujeito feminino e o sujeito homossexual nos permite a seguinte análise sociológica: esses livros serviram para expressar e reproduzir o machismo, um heterismo compulsório e toda forma de opressão de gênero em que o homossexual é visto como o menos humano dos personagens e recebe, em cheio, um discurso que desqualifica e ofende aqueles que cruzam as fronteiras do gênero e da prática de um sexo identificado como essencialista e reprodutivo.

De fato, não se pode cair na tentação de fazer dessa Literatura uma análise moral no sentido de pensá-la apenas como expressão de preconceitos. O que se quer aqui é pensar o gênero ou a opressão de gênero como resultado de uma construção histórica, social e política feita por inúmeros discursos, inclusive o literário, pois, segundo Sevcenko (1999), existe uma relação oscilante entre a Literatura e a realidade que torna visível as marcas da história.

Desse modo, cabe sugerir que, por mais que o Naturalismo, na modernidade, tenha sido pioneiro na construção de narrativas homoeróticas – é fato que ele as tratou como pervertidas e patológicas – foi a expressão de um discurso político que buscou controlar a sexualidade e os corpos. Essa ideia nos permite identificar essa corrente literária como expressão de uma relação entre anseios da Literatura da época e a realidade histórica. No entanto, também nos permite entender a opressão de gênero não apenas como produção discursiva dos cânones machistas advindos da moral e da Ciência do século XIX, mas como produção de discursos literários que foram fortes na elaboração de mentalidades preconceituosas.

A sexta e última pergunta foi a seguinte: *Como essa discussão pode ser usada no combate ao preconceito e à homofobia?*

Conscientização é tudo! Claro que não vai acabar com o preconceito, mas vai ter mais gente nesse meio, mais gente respeitando. Essa discussão que a gente tá fazendo vai levar outras pessoas a fazer o mesmo que a gente faz. (Tércio).

Quanto mais a gente fala, mais a gente conscientiza. Acho que a gente não pode calar tem que continuar falando. Não sei se posso comparar a luta contra o racismo com a luta contra a homofobia, mas é uma coisa que persiste muito tempo, e a gente vem lutando muito contra isso. Eu acho que quanto mais a gente fala mais a gente conscientiza cada um. (Flora).

Eu acredito que, ao discutir isso, a gente pode desconstruir o preconceito na nossa

sociedade, que pode estar ou não associado a você. E quando você tem o entendimento do contexto histórico você pode construir uma sociedade tolerante. (Alberto).

Todas as respostas que foram dadas falaram da importância de se discutir temas que ajudem a superar o preconceito e a homofobia. Alberto, inclusive, fala: “quanto mais você entende o contexto histórico, mais é possível construir uma sociedade tolerante”. O desafio aqui foi propor o uso da Literatura como instrumento de compreensão de contextos sociais e políticos. Diante disso, não se pode negar os desafios da sociedade contemporânea, os problemas produzidos pelo sistema capitalista na modernidade e como esses temas passaram a ganhar espaço na Literatura moderna, em que o herói romântico já não servia mais – ele deu lugar ao homem cindido e problemático, produzido pelo Realismo e pelo Naturalismo. Conforme a seguir:

O realismo e o naturalismo representam a sociedade multi-fragmentada, em que havendo sido rompido o sistema de hegemonia de uma elite uniforme, vários grupos sociais se vêm encorajados a conceber a sociedade a partir de sua perspectiva particular. (SEVCENKO, 1999, p. 227).

Segundo esse ponto de vista, o Naturalismo é a expressão de uma ruptura com uma Literatura vista como uniforme e de elite, a qual traz, para dentro dos seus textos, grupos sociais que passam a conceber uma Literatura de abordagem social particular que trouxe à tona sujeitos existentes até agora negligenciados nos textos anteriores.

Porém, sabemos que essa Literatura, apesar de ofensiva, na elaboração desses personagens, tornou possível escrever essas existências. E só assim esses textos tornaram-se passíveis de uma análise não apenas literária, mas social, histórica e política em relação ao entendimento desses grupos, pois:

A literatura não é uma ferramenta inerte com que se engendra ideias ou fantasias somente para instrução e deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo, como os demiurgos da lenda grega o faziam. (SEVCENKO, 1999, p. 233).

Diante disso, esse olhar sobre a Literatura como algo que vai além da fantasia do deleite e do entretenimento do público acaba por fortalecer a importância de se trabalhar nas aulas de Sociologia o texto naturalista, especificamente numa discussão que envolva gênero e sexualidade. Isso torna possível uma análise sociológica de um passado não tão distante, mas que é necessário para qualquer análise social no presente que leve a sua transformação na direção a um mundo de igualdade, liberdade e fraternidade, afinal, como disse Antônio

Candido, “a Literatura é o sonho acordado da civilização”. Sonho de um mundo mais justo onde o machismo e a homofobia possam ser superados dentro e fora da escola.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 1949, a filósofa Beauvoir (2019) escrevia, no início do segundo volume de *O segundo Sexo*, “que ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher” e que o ser mulher não é resultado de nenhuma determinação biológica, psíquica ou econômica, e que a categoria do feminino é algo elaborado ao longo do tempo pelo conjunto das civilizações.

Ao dizer que o elemento feminino é o resultado de uma elaboração cultural feita pelas diversas civilizações, a autora francesa deu enorme contribuições tanto para a luta feminista que viria a seguir como para os estudos de gênero que viriam posteriormente, pois, afinal, sua filosofia da condição feminina destruía totalmente a ideia de uma essência e de uma natureza feminina.

Resolvemos iniciar essas considerações com esse pensamento de Beauvoir, pois o consideramos inspirador e, ao mesmo tempo, necessário para as colocações posteriores. Apesar de este trabalho não se centrar num estudo exclusivo sobre a condição da mulher, ele parte de uma discussão acerca de uma análise social e política que tem sua origem nos estudos sobre a condição feminina.

Para Bento (2015), o que ficou conhecido, durante as décadas de 1970 e 1980, como estudos da mulher, no final da década de 1980, passou a ser denominado estudos de gênero. Ou seja, para a autora, os estudos da mulher evoluíram, posteriormente, para o que hoje denominamos estudos de gênero.

Ainda segundo Bento (2015), ao citar Joan Scott, a ideia de estudos da mulher estava relacionada de forma direta à militância política, enquanto os estudos de gênero podem ser qualificados como uma busca de compreender, epistemologicamente, as relações entre gêneros.

É justamente essa ideia que nos interessa, ou seja, pensar o gênero não exclusivamente como estudos da mulher, mas como um elemento que nos faça a compreender as relações entre as pessoas, sem estar atrelado apenas a pressupostos biológicos ou mesmo de binaridade.

Contudo, não se pode esquecer que essa escrita se centrou numa reflexão a respeito da condição do homossexual no século XIX por meio de uma Literatura vista como homoerótica.

Ao chegar ao final deste trabalho – que teve como escopo principal realizar uma análise de gênero por meio da Literatura; e sendo a categoria gênero, assim como raça e classe, um elemento constitutivo das relações sociais – foi possível perceber que é por meio

dessa categoria, presente também nos projetos literários, que vão se estabelecendo relações de opressão e domínio, isto é, vão se elaborando discursos de gênero, inclusive na Literatura, os quais têm como finalidade produzir corpos historicamente inferiorizados.

Algo central nesta pesquisa foi o fato de o Naturalismo ter sido pioneiro na elaboração das ditas narrativas homoeróticas. No entanto, ao criarem essas narrativas, especialmente aquelas presentes no *Bom Crioulo* e em *O Cortiço*, os autores naturalistas identificaram e elaboram as personagens homoeróticas por meio de um perfil-tipo do homossexual associado a marcadores sociais de gênero em que a referência de definição é sempre a ideia de um ser feminino. Dentro dessa lógica, seja o Albino, de Aluísio Azevedo, ou o Aleixo, de Adolfo Caminha, tidos como personagens homossexuais, suas definições estão sempre associadas a algo qualificado como frágil e afeminado.

Podemos dizer, com isso, que a abordagem de gênero, realizada nas aulas de Sociologia, tendo como foco a Literatura naturalista, tornou viável, epistemologicamente, perceber a condição de subalternidade do homossexual no século XIX e sua associação à mulher, ou seja, os indivíduos homoeróticos presentes nesses textos são pessoas que carregam as marcas do feminino. Marcas que os inferioriza e os relega às periferias de uma sociedade cada vez mais cientificista e fragmentada. Se algo pode ser dito a respeito dessa relação entre o homossexual e a mulher no século XIX, é o fato de estarem à margem de uma sociedade sexista e portadora de uma heterossexualidade compulsória.

Assim, *Bom Crioulo* e *O Cortiço* constituem-se importantes exemplos, na nossa Literatura, de como o heterossexismo está relacionado como um meio de produzir opressões. É evidente que esse olhar sobre esses livros só foi possível porque os submetemos a uma análise sociológica, isto é, foi realizada uma epistemologia dos estudos de gênero, a qual percebeu a Literatura não apenas como expressão da ficção ou da fantasia, mas como afirmação de uma vida de existência concreta.

A abordagem realizada vem em um momento que é importante enfrentar o conservadorismo que se espalha em todos os cantos do Brasil, numa atmosfera de mudanças educacionais que objetivam produzir subjetividades cada vez mais desinteressadas em relação à mudança social. No que tange a uma discussão que envolve gênero e sexualidade na escola, é cada vez mais desafiador, para a comunidade escolar, debater esses temas, dado aos arranques conservadores vindos do ambiente político e religioso brasileiro, os quais avançam sobre a escola.

No entanto, questões que envolvem gênero, mais, especialmente, sexualidade, estão cada vez mais presentes nesse espaço. Principalmente depois do advento daquilo que

Giddens (1993) qualifica como “sexualidade plástica”, que seria uma sexualidade liberta das necessidades reprodutivas.

Numa época em que o sexo deixou de ser exclusivamente responsável por um acaso biológico chamado reprodução e passou a ser fonte de prazer e felicidade, essa sexualidade passa a conferir status de vida homoafetiva a milhões de homossexuais pelo mundo a fora.

Ainda segundo Giddens (1993), a sexualidade tornou-se livre no mesmo momento em que gay é uma coisa que se pode “ser” e se pode descobrir “ser”. É esse tipo de sexualidade que está de acordo com inúmeros propósitos.

Diante disso, cabe dizer que, no mesmo momento em que se experimenta cada vez mais a libertação sexual, o conservadorismo e a mordaza avançam sobre a escola no sentido de impedir qualquer debate sobre gênero e sexualidade. Geralmente, esse silêncio que se quer impor às escolas em relação a esse assunto é qualificado como a tentativa de levar para a escola e para a opinião pública a chamada “ideologia de gênero”, algo que já foi discutido no início desse texto.

Em relação a esse assunto, ainda é preciso dizer que, para Junqueira (2019), não se pode bater de frente com os chamados “antigêneros” e afirmar que a “ideologia de gênero” não existe. Ela existe, só que de outro modo, e não unicamente como retórica de legitimação de um projeto social conservador.

Para Junqueira (2019), é preciso subverter o conceito de ideologia de gênero, escrevendo-o sem as aspas, bem como é necessário transformá-lo num conceito sociológico que pode ser utilizado para identificar, compreender e criticar qualquer forma de naturalização das relações de gênero e de hierarquias sexuais, bem como a inculcação de uma heterossexualidade compulsória e de quaisquer normas de gênero.

Assim, para o autor, longe de rejeitar o conceito de “ideologia de gênero”, é preciso subvertê-lo e revelar seu verdadeiro sentido, que é legitimar um projeto reacionário e conservador de sociedade. Só assim poderemos torná-lo um conceito sociológico (sem aspas) usado como crítica à naturalização de quaisquer processos sociais que resultem em desigualdades a partir das relações entre sexo e gênero.

Este trabalho, além de resultar numa tentativa de inovar a forma de se discutir gênero e sexualidade na sala de aula e, especificamente, nas aulas de Sociologia, constituiu-se como uma intervenção pedagógica interdisciplinar, que uniu Ciências Sociais e Literatura na discussão sobre uma temática ainda polêmica nos ambientes escolares.

Para Junqueira (2012, p. 66 *apud* SAMPAIO, 2017, p. 47), tanto a escola como o currículo são bases de uma heteronormatividade que impõe a heterossexualidade como forma exclusiva de existência. Desse modo, ao pensar a escola como portadora de um currículo que instaura uma heterossexualidade compulsória, fica evidente como é desafiador discutir, nos ambientes escolares, sexualidades que rompem os padrões heteronormativos. No entanto, cada vez mais, é urgente essa discussão em sala de aula, visto que a escola é um lugar habitado por uma diversidade muito grande, assim, por mais que se tente invisibilizar esses sujeitos, “o vale faz parte da escola, e a escola faz parte do vale”.

Diante do que foi exposto no decorrer da escrita até essa guisa de conclusão, é preciso salientar que este trabalho trouxe inúmeras contribuições, entre elas, podemos citar: o debate realizado em torno dos estudos de gênero e sua aplicação no ambiente escolar; o estabelecimento de uma relação sociológico-literária para uma análise de gênero com textos naturalista que escreveram narrativas homoeróticas no século XIX; o estudo de caso realizado na turma de 2º ano que protagonizou a prática interventiva; e, por último, o exemplo de ação pedagógica, interdisciplinar e inovadora de se discutir gênero e sexualidade ao aliar Sociologia e Literatura.

Por último, podemos afirmar que as discussões, que aqui foram propostas, buscaram romper ações pedagógicas as quais contribuem para manutenção de um ensino que naturaliza a ideia de um gênero e de uma sexualidade essencialista, pois essa compreensão tem sido responsável pela reprodução do heterossexismo e da homofobia dentro e fora do ambiente escolar. Sobre isso, segundo Sampaio (2017), o principal motivo de um debate envolvendo gênero e sexualidade nas salas de aula é combater tanto a homofobia como a lesbofobia e a transfobia, as quais se expressam nas relações presentes dentro da comunidade escolar.

Assim, esta intervenção pedagógica buscou ser, em relação à proposta de estudo de gênero na escola, uma ação política, no sentido de perceber o espaço escolar como instrumento de transformação da sociedade; uma ação ética, porque desenvolveu práticas de respeito à diversidade; e uma ação técnico-metodológica, porque inovou, reinventou e subverteu os modos de se discutir gênero na escola.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras**. São Paulo, Moderna, 2010.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- APPLE, Michael W. **A educação pode mudar a sociedade?** Tradução de Lilia Loman. Petrópolis: Vozes, 2017.
- ARAÚJO, Rubenilson Pereira. A força do desejo homoerótico interseccionado com questões de raça em *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha. In: MITIDIERI, André Luis; CAMARGO, Flávio Pereira. (org.) **Literatura, homoerotismo e expressões homoculturais**. Ilhéus: Editus, 2015.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. Disponível em: <http://www.culturatura.com.br/obras/O%20Corti%C3%A7o.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.
- BARROSO, Francisco de Andrade. **Igrejas do Ceará: 2**. ed. Fortaleza: Crônicas histórico-descritivas, 1999.
- BATISTA, Eraldo Carlos; MATOS, Luís Alberto Lourenço; NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 11, n. 3, p. 23-38, jul./ago./set. 2017.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiencia vivida**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.
- BENTO, Berenice. **O homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2015.
- BEZERRA, Rafael Ginane; ROMKO, Igor Guilherme Romko. Sociologia e Literatura: reflexão e prática sobre o uso da ficção no ensino de sociologia. **Revista Urutágua - Revista Acadêmica Multidisciplinar**, Maringá, n. 35, maio/dez. 2016.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamim. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BONNICI, Thomas. **O Pós-Colonialismo e a Literatura: estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 16. ed.

Rio de Janeiro: Bretrand Brasil, 2019.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **A profissão do sociólogo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo” *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O copo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2019. p. 191-219.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n.42, p.249-274, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Tp6y8yyyGcpfdbzYmrc4cZs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 abr. 2022.

CAMINHA, Alfredo. **Bom-crioulo**. São Paulo: Ática, 1996. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/Bom_crioulo.pdf. Acesso em: 14 jan. 2021.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARREIRA, Denise. Gênero na BNCC: dos ataques fundamentalistas à resistência política. *In*: CASSIO, Fernando; CASTELLI JR, Roberto. (org.). **Educação é a base**: 23 educadores discutem a BNCC. 1. ed. São Paulo: Ação educativa, 2019. p. 59-82.

CARVALHO, Giovana Maria. **O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história**. [S. l.: s. n], 2015. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2020

CARVALHO, Marcos Castro; SÍVORI, Horacio Frederico. Ensino religioso, gênero e sexualidade na política educacional brasileira. **Dossiê conservadorismo, direitos moralidade e violência**. **Cadernos pagu**, [S. l.], v. 50, p. 23-38, 2017.

CARVALHO, Vivian C. Alves de. *O Cortiço*: um estudo dos personagens à luz da Sociologia do Romance. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p.1-9, jan/jun. 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CRUZ, Luan da; JUNIOR, Marcelo Resgala. Literatura e homossexualidade: condição, ideologia e identidade. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 22, n. 64, p. 638-649, jan./abr. 2016.

DANTAS, Danilo Fraga. **Musicando a Hermenêutica ou os três níveis da operação mimética**. Salvador: UFBA, 2021 Disponível em: <http://www.petcom.ufba.br/arquivos/musical2e3.doc>. Acesso em: 17 jan. 2021.

DELEUZE, Gilles. **Conversações, 1972-1990**. 3. ed. Tradução de Peter PálPelbart. São Paulo: Ed. 34, 2013.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge ZHAR Ed., 2004.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: o uso dos prazeres**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FRANCO, Neil. Olhares sobre a sexualidade do/a docente homossexual na escola. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 125-137, nov. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos**. Tradução de Paulo César Sousa. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FROTA, Silvana Ximenes Gomes. **De Santa Cruz a Reriutaba**. Fortaleza: Imperial do Ceará, 1989.

FROTA, D. José Tupinambá. **História de Sobral**. 3. ed. Fortaleza: s. n., 1995.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

GÉMES, MártonTamas. **WennKleineWeltzenbrechen**: Jose. J. Veigas Ciclo Sombrio. Hamburg: Dr. Kovac, 2008.

GIDDENS, Anthony. **A transformação na intimidade: sexualidade amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 22, p. 201-246, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/cVkrGkCBftnpY7qgHmzYCgd/?format=pdf&lang=pt21> Acesso em: 22 fev. 2022.

HEILBORN, Maria Luiza; BRANDÃO, Elaine Reis. Ciências Sociais e sexualidade. *In*: HEILBOORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade**: o olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 7-16.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. Barcelona: Editorial UOC, 2014. Disponível em: <https://seminariosocioantropologia.files.wordpress.com/2014/03/hine-christine-etnografia-virtual-uoc.pdf> Acesso em: 25 fev. 2022.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. Tradução de Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HUNT, Lynn. **A invenção dos direitos humanos**: uma história. Tradução de Rosaura Eichenberg. 1. ed, Curitiba: A página, 2012.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é. *In*. CASSIO, Fernando (org.). **A educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 135-140.

KOCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adriane Fogali. **Gêneros textuais**: práticas de leitura e escrita e análise linguística. Petrópolis: Vozes, 2015.

KOEHLER, Erich. As possibilidades da interpretação sociológica ilustradas pela análise de textos literários franceses de várias épocas. *In*: SANGUINET, Edoardo. *et al.* (org.) **Literatura e Sociologia**. Tradução de Pedro da Silveira e Maria Fiadeiro. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989. p. 63-98.

LAGO, Regina Ferro do. Bissexualidade masculina: uma identidade negociada? *In*: HEILBOORN, Maria Luiza (org.). **Sexualidade**: o olhar das Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. p. 157-172.

LAROSSA, Jorge. **Nietzsche e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LAURETIS, Teresa. **The technology of gender**. [S. l.]: Indiana Universit Press, 1987. p.1-30. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4033218/mod_resource/content/1/LAURETIS%2C%20Teresa%20de%20-%20%20A%20Tecnologia%20do%20Genero.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, 4. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2020.

MARTINS, José Geovânio Buenos Aires. *et al.* Enfrentamentos ao bullying homofóbico na escola: convite para uma reflexão. **Temporalidades – Revista de História**, v. 12, n. 1 jan./abr. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/1>

6376/17348. Acesso em: 21 fev. 2022.

MELLO, Marcos Paulo Campos Cavalcanti de. **Ecletismo metodológico em pesquisa sobre movimentos sociais**. In: GONDIM, Linda Maria de Pontes (org.). **A prática da pesquisa artesanal: instrumentos, estratégias e narrativas**. Curitiba: CRV, 2021. p. 169-187.

MENEGHINI, Tatiani. **Homossexualidade e homoafetividade em “morangos mofados”**. São Paulo: FESPSP, 2017. Disponível em: https://www.fespsp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Manuais/TatianiMenguini.pdf. Acesso em: 23 fev. 2022.

MESQUITA, Francisca Castro de. **Projeto Político Pedagógico**. Reriutaba: Escola Francisca Castro de Mesquita, 2017.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: escola sem partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Revista Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163/18213>. Acesso em: 21 fev. 2022.

MILLER, Daniel. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, [S. l.], n. 40, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/349/34958005002/34958005002.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2022.

MOLINA, Luana Pagano Peres. Professores homossexuais e suas vivências frente à comunidade escolar. **Caderno de Gênero e Tecnologia**, [S. l.], n. 25/26, jan./jun. 2013.

MORENO, Meire Ellen; MARIANO, Silvana. “Gênero” nos Planos Nacionais de Educação (2001 e 2014): discursos antifeministas e inflexões nos processos decisórios. **SciELO Preprints**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2464>. Acesso em: 27 mar. 2022.

PEREIRA, Diego Ramon Souza. Literatura e ensino de sociologia na educação básica: conectando cordel como suporte metodológico para as aulas de Sociologia no ensino médio. In: Seminário Nacional de Sociologia da UFS, 1., 2016, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: UFS, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/12814/2/LiteraturaEnsinoSociologia.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

PROVENÇA FILHO, Domicio. **Estilos de época na literatura: através de textos comentados**. 13. ed. São Paulo: Ática, 1992.

RIBEIRO, Rondinele Aparecido. Bom crioulo: uma narrativa naturalista silenciada pelos cânones. **Dossiê Estudos Clássicos**, Macapá, v. 7, n. 4, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>. Acesso em: 25 fev. 2022.

RICHARD, Miskolci. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009, p. 150-182. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/BkRJyv9GszMddwqpncrJvdn/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 25 fev. 2022.

RIOS, Sousa *et al.* Narrativas de vida e formação de professores gays: (auto)biografias acerca do estranho que habita em mim. **Educação, Revista do Centro de Educação**, [S. l.], v. 42, n. 1, 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117150748017>. Acesso em: 15 jan. 2015.

SAFFIOTI, Heleith. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAMPAIO, Fabrício Sousa. Do currículo heteronormativo ao transviado: gênero e sexualidade nas concepções e práticas escolares sobralenses. **Revista Educação, Cultura e Sociedade. Sinop**, Cuiabá, v.7, n. 1, p. 45-60, jan./jun. 2017.

SANTOS, Juliana Anacleto dos. **Desigualdade social e o conceito de gênero**. Juiz de Fora: UFJF, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/05/artigo-3a7.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses**. Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 21 fev. 2022.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1999.


SILVA, Albeli Rodrigues da. **Aspectos identificadores da estética naturalista na obra O Cortiço, de Aluísio Azevedo**. 2009. 42f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2009

SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e. **Cidades Sagradas: a Igreja Católica e o desenvolvimento urbano no Ceará (1870-1920)**. 2009. 381f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

SUAREZ, Mireya. **Enfoques feministas e Antropologia**. Brasília, DF: UNB, 1995. Disponível em: <http://dan.unb.br/images/doc/Serie177empdf.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 4. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2019. p. 43-102.

ANEXO A – PEC DE LÍNGUA PORTUGUESA

 Escola Estadual de Educação Profissional Francisca Castro de Mesquita - INEP 23030046 - Reriutaba – CE “Um novo jeito de ver, sentir e cuidar da juventude”								
PLANO DE EXECUÇÃO CURRICULAR - PEC								
Professor: CÍCERO EUDES DA SILVA					Componente/Área: LÍNGUA PORTUGUESA - LINGUAGENS e CÓDIGOS		Série/Ano/Modalidade: 2ºs anos de ADM, ENF e RDC	
Coordenadora escolar: ELISÂNGELA BRANDÃO					CH semanal: 6h/a		Mês: SETEMBRO	
Data da aula por turma	Objetos do Conhecimento (priorização curricular)	Objetivos/competências e habilidades que se busca	Atividade	Metodologia Remota	Metodologia Híbrida		Avaliação	Carga horária correspondente
					Remoto	Presencial		
P. INTERDISCIPLINAR I ADM - 8º tempo (13/03) ADM - 7º tempo (15/03)	PROJETO Ào Gosto do Aluno	1. Orientar e dar suporte na produção das redações.	-	Acompanhamento via grupo de Whatsapp e mensagens privadas	-	-	Com base na participação no projeto	ADM 1h/a - Exposição do conteúdo.
HORÁRIO DE ESTUDO II ADM - 2º tempo (16/03) ADM - 1º tempo (17/03)	PROJETO Redação não é bicho papão	1. Construir o desenvolvimento de uma redação, no qual se consiga provar ao leitor um ponto de vista.	Envio de 2 parágrafos de desenvolvimento de uma redação, na plataforma Classroom.	Aula online via Google Meet, com a correção comentada da atividade.	-	-	A partir do envio da atividade na plataforma.	ADM 1h/a - Suporte, retirada de dúvidas.
PORTUGUÊS RDC - 9º tempo (15/03) ENF - 8º tempo (16/03) ADM - 9º tempo (16/03)	FIXAÇÃO DE CONTEÚDOS Discutindo a estética naturalista Momento preparatório com o professor Edvan Ferreira, referente a Pesquisa de Mestrado através da aplicação de uma Intervenção Pedagógica, tendo com análise o uso de textos naturalistas na aula de Sociologia.	1. Refletir sobre: a) literatura como fonte histórica; b) a problemática da História e da Literatura como formas de representar o passado; c) a interdisciplinaridade entre História e Literatura no campo do ensino.	Para ADM e ENF: Responder um questionário elaborado pelo professor, em que se busca a percepção do aluno, acerca das características do naturalismo presentes nas obras "O cortiço" e "O bom crioulo". Para REDES: Discussão sobre traços da homossexualidade presentes nas obras "O bom crioulo" e "O cortiço".	-	-	-	De acordo com a participação dos alunos e do índice de acertos.	ADM, ENF e RDC 1h/a - Correção da atividade.

ANEXO B – PEC DE SOCIOLOGIA

Escola Estadual de Educação Profissional Francisca Castro de Mesquita - INEP 23030046 - Reriutaba – CE "Um novo jeito de ver, sentir e cuidar da juventude"							
históricas							
Professora: Silvia Trajano		Componente/Área: Sociologia/Ciências Humanas				Série/Ano/Modalidade: 2º ano/profissional	
Coordenadora Escolar: Renana Martins		C/H semanal: 1h/a				Mês: Outubro	
Data da aula por turma	Objetos do Conhecimento (priorização curricular)	Objetivos/competências e habilidades que se busca	Atividade	Metodologia Híbrida		Avaliação	Carga horária correspondente
				Remoto	Presencial		
Redes 01/10 3ª aula	A literatura marcada de gênero: Uma interdiscursividade sociológica-literária sobre a homossexualidade na obra "O Bom Criolo"	Aplicação da intervenção pedagógica do trabalho de mestrado do professor Edvan Ferreira.	Participar da aula presencial ou remota tentando responder as indagações que forem surgindo, interagindo com os debates das(os) colegas, compartilhando com ideias das(os) colegas que possam somar de forma positivas na assimilação do conteúdo da aula.	Ministrar aula em sala presencial e pelo Google Meet; Com explanação do conteúdo através slides de forma expositiva e dialética realizada pelas(os) alunas(os) e intermediada pela professora da disciplina e pelo professor Edvan Ferreira. Com debates em sala de aula.	Ministrar aula em sala presencial e pelo Google Meet; Com explanação do conteúdo através slides de forma expositiva e dialética realizada pelas(os) alunas(os) e intermediada pela professora da disciplina e pelo professor Edvan Ferreira. Com debates em sala de aula.	Verificar se as(os) alunas(os) estão participando dos debates e como estão expondo suas ideias.	01 Hora/Aula.
Redes 08/10 3ª aula	A literatura marcada de gênero: Uma interdiscursividade sociológica-literária sobre a homossexualidade na obra "O Cortiço"	Aplicação da intervenção pedagógica do trabalho de mestrado do professor Edvan Ferreira.	Participar da aula presencial ou remota tentando responder as indagações que forem surgindo, interagindo com os debates das(os) colegas, compartilhando com ideias das(os) colegas que possam somar de forma positivas na assimilação do conteúdo da aula.	Ministrar aula em sala presencial e pelo Google Meet; Com explanação do conteúdo através slides de forma expositiva e dialética realizada pelas(os) alunas(os) e intermediada pela professora da disciplina e pelo professor Edvan Ferreira. Com debates em sala de aula.	Ministrar aula em sala presencial e pelo Google Meet; Com explanação do conteúdo através slides de forma expositiva e dialética realizada pelas(os) alunas(os) e intermediada pela professora da disciplina e pelo professor Edvan Ferreira. Com debates em sala de aula.	Verificar se as(os) alunas(os) estão participando dos debates e como estão expondo suas ideias.	01 Hora/Aula.